



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

MÁRCIA GOMES DA SILVA

**JORNALISMO ANTIRRACISTA NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS:
UMA ANÁLISE RACIAL CRÍTICA DE PODCASTING**

TERESINA

2024

MÁRCIA GOMES DA SILVA

**JORNALISMO ANTIRRACISTA NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS:
UMA ANÁLISE RACIAL CRÍTICA DE PODCASTING**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes

TERESINA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

S586j Silva, Márcia Gomes da.
 Jornalismo antirracista na perspectiva de
 mulheres negras: Uma análise racial crítica de
 podcasting / Márcia Gomes da Silva. -- 2024.
 135 f.

 Dissertação (Mestrado em Comunicação) -
 Universidade Federal do Piauí, Centro de
 Ciências da Educação, Teresina, 2024.
 "Orientação: Prof. Dr. Paulo Fernando de
 Carvalho Lopes".

 1. Mulheres negras. 2. *Podcasting*. 3.
 Jornalismo antirracista. I. Lopes, Paulo
 Fernando de Carvalho. II. Título.

CDD - 305.42

Elaborada por Rigoberto Veloso de Carvalho - CRB-3/988

MÁRCIA GOMES DA SILVA

JORNALISMO ANTIRRACISTA NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS:
UMA ANÁLISE RACIAL CRÍTICA DE PODCASTING

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal do Piauí, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Comunicação

gov.br

Documento assinado digitalmente
PAULO FERNANDO DE CARVALHO LOPES
Data: 27/06/2024 13:48:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

PROF. DR. PAULO FERNANDO DE CARVALHO LOPES
Presidente

gov.br

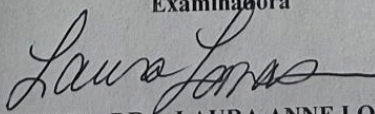
Documento assinado digitalmente
FABIANA MORAES DA SILVA
Data: 27/06/2024 16:48:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

PROFA. DRA. FABIANA MORAES DA SILVA
Examinadora

gov.br

Documento assinado digitalmente
IZANI PIBERNAT MUSTAFA
Data: 27/06/2024 14:40:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

PROFA. DRA. IZANI PIBERNAT MUSTAFA
Examinadora



PROFA. DRA. LAURA ANNE LOMAS
Examinadora

DEDICATÓRIA

Para Janaína Bezerra (in memoriam) poeta e estudante de Jornalismo, vítima de feminicídio no interior da Universidade Federal do Piauí em janeiro de 2023. Nas palavras Audre Lorde, “À poeta que por acaso é negra e à poeta negra que por acaso é mulher”. Janaína vive!

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi escrita acompanhada por ansiedades e inseguranças, agradeço a mim por não ter desistido deste trabalho nem de mim mesma.

bell hooks em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* escreve que “o amor é o que o amor faz”, sendo assim, também agradeço a todos que contribuíram através de práticas afetuosas de cuidado, de escuta, de leitura, por meio de aconselhamentos e orientações. Todo apoio e consolo que recebi durante o mestrado são imensamente valorizados.

Agradeço os meus pais pelo teto, pelo cuidado, pela proteção, pelas orações.

Ao meu querido orientador, professor Paulo Fernando, pelo compromisso com um trabalho de pesquisa e de docência de excelência, guiando meus caminhos durante esses dois anos de mestrado. Agradeço por apoiar minhas escolhas teóricas e dar o impulsionamento necessário para que eu vislumbrasse algum tipo de criticidade. Acima de tudo, agradeço por compartilhar a empolgação em realizar um trabalho acadêmico relevante e de qualidade. Isso foi essencial nos momentos em que estive desanimada com o desenvolvimento desta dissertação.

À Aldenora, que primeiramente conheci através da escrita em sua dissertação sobre mulheres negras e podcasts, a qual inaugura a pesquisa sobre a podosfera feminina negra brasileira no âmbito da comunicação. Posteriormente, nos encontramos no Grupo de Pesquisa Jordis e agora somos parceiras de estudos em podcasting, desbravando leituras e escrevendo textos sobre podcasts.

À minha amiga lone, aos meus amigos Vitor, Marcus, Guilherme e ao meu irmão Marcelo pelo suporte emocional, pelos encontros presenciais e on-line, por revisar meus textos e por transcrever os muitos áudios que foram usados no feitiço dessa dissertação.

Ao meu escolhido no amor, Matheus, pelo carinho compartilhado através de palavras de conforto, conversas motivacionais, pela leitura atenta de um cientista social e por acreditar na potencialidade do meu orí.

À minha psicóloga Ana Carolina, muitas vezes apenas ela esteve presente para me ouvir e me aconselhar de forma profissional, assertiva e afetuosa.

À Ana Be por compartilhar com o mundo suas inquietações enquanto mulher negra no Nia, primeiro podcast que escutei lá em 2017. Obrigada pela companhia.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí- FAPEPI pela bolsa, fazendo com que eu conseguisse me dedicar exclusivamente ao mestrado, sem isso a jornada acadêmica teria sido ainda mais árdua ou até inviável.

À turma da disciplina Jornalismo e Gênero - 2023.1, foi engrandecedor passar minhas sextas-feiras com todos vocês, vivenciando os aprendizados e as doçuras da primeira experiência na docência.

“Conforme eu a entendo, uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um estado livre, não como um tempo antes do cativo ou da escravidão, mas como o esperado futuro dessa escrita”.

Saidiya Hartman

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a construção de um jornalismo antirracista nos podcasts Angu de Grilo (2019 - presente), Conversa de Portão (2020 - 2023) e Pretoteca (2020 - presente), produzidos por jornalistas negras. Para tanto, essa pesquisa visa compreender as características dos podcasts em questão, verificar as pautas sobre racismo e antirracismo e investigar como os discursos podem contribuir para a produção de um jornalismo relacionado as potencialidades da experiência negra enquanto prática antirracista. O podcasting, enquanto prática cultural, é um espaço onde diversas vozes, incluindo aquelas de grupos historicamente oprimidos, constroem significados e identidades. Como perspectiva metodológica foi desenvolvida uma metodologia com base na Teoria Racial Crítica aplicada à comunicação digital (Silva, 2019) e na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (Brock, 2021) que resultou na Análise Racial Crítica de Podcasting a fim de centralizar questões raciais para além do conteúdo em áudio digital em podcasts, investigando assim as abordagens antirracistas em podcasts produzidos por jornalistas mulheres negras. Verificamos que as abordagens para um jornalismo antirracista apresentam-se nos podcasts analisados através da instrução de práticas contra o racismo além do destaque para os desafios enfrentados pelos grupos oprimidos, o desenvolvimento das discussões a partir de uma perspectiva de abundância e a crítica a posições que retratam dor e sofrimento vivenciados por pessoas negras. Estes podcasts também constroem as identidades de seus programas por meio de abordagens que remetem às estratégias de movimentos negros e da imprensa negra, revelando os níveis de consciência racial de suas podcasters, os quais também podem ser influenciados pela vinculação de financiamento e pelo viés editorial.

Palavras-chave: Mulheres negras; Podcasting; Jornalismo antirracista.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the construction of anti-racist journalism in the podcasts *Angu de Grilo* (2019 - present), *Conversa de Portão* (2020 - 2023) and *Pretoteca* (2020 - present), produced by black journalists. To this end, this research aims to understand the characteristics of the podcasts in question, verify the topics on racism and anti-racism and investigate how the speeches can contribute to the production of journalism related to the potential of the black experience as an anti-racist practice. Podcasting, as a cultural practice, is a space where diverse voices, including those from historically oppressed groups, construct meanings and identities. As a methodological perspective, a methodology was developed based on Critical Racial Theory applied to digital communication (Silva, 2019) and Critical Technocultural Discourse Analysis (Brock, 2021) which resulted in Critical Racial Analysis of Podcasting in order to centralize racial issues beyond of digital audio content in podcasts, thus investigating anti-racist approaches in podcasts produced by black female journalists. We found that approaches to anti-racist journalism are presented in the podcasts analyzed through the instruction of practices against racism, in addition to highlighting the challenges faced by oppressed groups, the development of discussions from a perspective of abundance and criticism of positions that portray pain and suffering experienced by black people. These podcasts also construct the identities of their programs through approaches that refer to the strategies of black movements and the black press, revealing the levels of racial consciousness of their podcasters, which can also be influenced by funding links and editorial bias.

Keywords: Black women; Podcasting; Anti-racist journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do podcast Angu de Grilo	75
Figura 2 - Capa do episódio Tá servido #1 do podcast Angu de Grilo	76
Figura 3 - Capa do podcast Conversa de Portão	93
Figura 4 - Capa do episódio As crianças que o racismo mata do podcast Conversa de Portão	94
Figura 5 - Capa do episódio Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois do podcast Conversa de Portão	95
Figura 6 - Podcasters do Conversa de Portão	97
Figura 7 - Capa do podcast Pretoteca	106
Figura 8 - Print screen do episódio #39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista publicado no Youtube	107
Figura 9 - Print Screen de parte do episódio #31- Como o racismo afeta as crianças? do podcast Pretoteca	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Elementos parassonoros do podcast.....	65
Tabela 2 - Elementos parassonoros dos episódios.....	66
Tabela 3 - Análise Racial Crítica de Podcasting.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. RACISMO NA CULTURA BRASILEIRA.....	20
1.1 Raça e identidades negras.....	21
1.2 As sinuosidades do racismo.....	28
1.3 Racismo e comunicação.....	33
1.4 Localizando estratégias antirracistas.....	37
2. PODCASTING.....	42
2.1 O podcasting até aqui.....	44
2.2 Podcasting e jornalismo.....	51
2.3 A podosfera das mulheres negras.....	55
3. PESQUISANDO PODCASTING SOB A PERSPECTIVA DA RAÇA.....	58
3.1 Análise Racial Crítica de Podcasting.....	63
4. JORNALISMO ANTIRRACISTA NA PERSPECTIVA DE JORNALISTAS NEGRAS.....	70
4.1 Angu de Grilo.....	71
4.1.1 Falar de raça e resistir ao racismo.....	79
4.2 Conversa de Portão.....	90
4.2.1 Falar mas também ouvir.....	97
4.3 Pretoteca.....	103
4.3.1 Nada sobre nós sem nós.....	108
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	131

INTRODUÇÃO

Lembro que o primeiro podcast que escutei, em meados de 2017, intitulado *Nia*¹ era produzido e apresentado por uma mulher negra chamada Ana Be. A proposta do podcast *Nia* era abordar sobre música negra brasileira e afrodiáspórica, nisso a podcaster tecia sobre suas subjetividades e seus anseios. Na época, eu escutava esse podcast na plataforma Soundcloud, pois neste período o *Spotify*, maior plataforma agregadora de podcast na atualidade, ainda não disponibilizava essa funcionalidade. Ao longo dos episódios, a podcaster Ana Be conectava a produção artística de mulheres negras na música com questões de representatividade, autodefinição, empoderamento e transgressão de estereótipos racistas e sexistas.

A rotina de ouvir os episódios do *Nia* me acompanhou durante alguns anos, até sua pausa em 2020 devido outros projetos que a podcaster estava desenvolvendo, nesse momento eu também escutava alguns outros podcasts, em sua maioria produzidos e apresentados por mulheres negras. Antes de tratar podcast como objeto de estudo, eu o tratava como uma busca por identificação enquanto mulher negra, ouvindo outras mulheres, também negras, como se estivesse eu mesma sentada ao lado delas.

Evidenciar esse caminho não reduz a objetividade do trabalho apresentado, uma vez que o meu interesse na temática de pesquisa parte do lugar social em que me encontro, enquanto mulher negra e como ouvinte de podcasts produzidos por outras mulheres negras, como escreve Hall (2018/1989, p. 88), “é preciso lembrar que todo discurso é situado e que o coração tem lá suas razões”.

Minha relação com podcasting não é isolada, como uma mídia predominantemente baseada em áudio, assim como o rádio, o podcasting é um meio intensamente íntimo não só para mim. Segundo Florini (2015, p.215)² “a sensação de estar imerso no som permite que os ouvintes se sintam transportados para a conversa que estão ouvindo”. Considerando essa abordagem, o podcasting

¹ Atualmente, se for feita uma busca NIA pode-se identificar um hiato de três anos sem atualização na plataforma de *streaming Spotify*, entretanto, a partir de 2020 um post marcou a migração para rede social Instagram, onde Ana Be divulga o podcast e bastidores, abrindo também um canal de diálogo com os seguidores. Em 2023, a podcaster deu continuidade ao projeto NIA com um novo podcast chamado Rádio Nia. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1MMK83z9xvOLLADjm2EjSn?si=6efb0aea030d41eb>. Acesso em: 12 jan. 2024.

² Tradução da autora. No original: “This sense of being immersed in sound allows listeners to feel transported into the conversation they are listening to” (Florini, 2015, p. 215).

estreita os sentidos de escuta atenta, transportando o ouvinte a se sentir nos lugares comuns de sociabilidade dos produtores, mesmo estando fisicamente em outros espaços, há uma recriação portátil de espaços sociais de determinados grupos (Florini, 2015).

Adicionalmente a isso, considero a longa história de uma comunicação sonora negra baseada na tradição oral africana e sua disseminação nas Américas. Essa tradição oral chega nas sociedades afrodiáporicas através de negras e negros que aqui assentaram suas culturas a partir do processo colonial de dominação. A oralidade, compreendida por Martins (2021) como um aparato tradicional de disseminação de conhecimentos, legados e crenças, constituiu-se como prática cotidiana intencional de resistência a partir do período escravocrata.

Contemporaneamente, mesmo com o acesso da população negra afrodiáporica a determinados materiais e a novas tecnologias, a oralidade continua sendo um meio para difusão de conhecimento e compartilhamento de experiências nas comunidades negras, ocupando novos espaços e se utilizando de outros equipamentos, ao mesmo tempo, em que mantém sua atuação nas formas tradicionais.

Conforme Lu e Steele (2019) a cultura oral negra, agora também *on-line*, se manifesta mediante tecnologias comunicacionais, sendo usadas por comunidades negras para cultivar resistência. Consoante as autoras, assim como no passado, esses grupos utilizam estratégias para criação de práticas discursivas que escapam ou confrontam a percepção do grupo dominante.

A partir dessas reflexões minha inquietação voltou-se para compreender como essa cultura oral negra *on-line* atua em podcasts, em específico, aqueles produzidos por podcasters negras e das particularidades que caracterizam tal prática de mulheres negras na podosfera.

Nisso, o princípio orientador *Sankofa*, representado visualmente por um pássaro que volta sua cabeça para trás, concentra seu significado na ideia de “a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro” (Nascimento, 2008, p. 32). Esse princípio nos ajuda a compreender como determinadas práticas e referências negras, especificamente no âmbito comunicacional, não ficaram no passado, mas se atualizam de acordo com o desenvolvimento político, econômico e tecnológico da sociedade.

A breve trajetória apresentada até aqui marca a escolha do tema de pesquisa e minhas problematizações iniciais. Entretanto, esta pesquisa passou por diversos ajustes à medida que avançava nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Piauí – UFPI e no processo de orientações.

Nesse percurso acadêmico, também foi dada atenção ao uso das tecnologias comunicacionais no cenário atual das questões raciais ao nível global e os seus reflexos no contexto sociopolítico brasileiro, ilustrado pelo movimento Vidas Negras Importam³, que ganhou grande repercussão internacional em 2020 após o assassinato de George Floyd.⁴ É importante ressaltar que a abrangência midiática do Black Lives Matter e a repercussão do assassinato de George Floyd em nosso país revelam também a naturalização de casos de violência contra pessoas negras ocorridos corriqueiramente no Brasil.

Inspirados pelos protestos estadunidenses, o movimento Black Lives Matter no Brasil teve ganhos novos impulsos para reivindicação do genocídio da população negra brasileira. Casos brutais de negligência, como o caso de Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, em maio de 2020 e o assassinato de João Alberto Silveira Freitas, em novembro de 2020, também impulsionaram o movimento e sua consequente divulgação e abordagem tanto nas mídias digitais quanto nas mídias tradicionais.

Desse modo, atentando a tais movimentos antirracistas, direcionei a atenção para compreensão de como a mídia, em específico, o podcasting, está sendo instrumentalizado para discussões raciais.

Além disso, a presente dissertação se posiciona também no âmbito da linha de pesquisa da qual estou inserida, Processos e Práticas em Jornalismo. Nesse cenário, inicio minha investigação com foco nos podcasts produzidos por jornalistas negras e como essas, ao tratar sobre temáticas raciais, estão construindo um

³ Black Lives Matter. Tradução da autora.

⁴ É importante ressaltar que o movimento Black Lives Matter surgiu em 2013 na rede social digital facebook através de uma hashtag criada por três mulheres negras estadunidenses, Alicia Garza, Patrisse Cullons e Opal Tometi, marcadas pela indignação e revolta com a morte de pessoas negras e a inocentação dos acusados. A hashtag transgrediu à internet marcando uma onda de protestos e ganhando amplitude nacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-07/black-lives-matter-o-rumo-incerto-do-grande-movimento-antirracista.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

jornalismo antirracista. Com tais propósitos, compartilho da abordagem da feminista negra hooks (2019a)⁵ quando externa:

Minha postura de colocar mulheres negras no centro não foi uma ação para excluir as outras; foi, ao contrário, um convite, um desafio para aqueles que nos ouviriam falar, para mudar paradigmas ao invés de apropriar, para fazer todos os leitores ouvirem a voz de uma mulher negra falando de um assunto, e não como uma desprivilegiada (hooks, 2019a, p. 51).

Ademais, um dos questionamentos que motivou a pesquisa em estratégias antirracistas em podcasts surgiu da inquietação pessoal ao ouvir programas sobre temáticas raciais e outros conteúdos midiáticos que abordam questões raciais, os quais amplificam narrativas que destacam o sofrimento da comunidade negra no Brasil. Debater tais questões e tornar visíveis casos de racismo são fundamentais, mas será que apenas isso é o bastante para gerar uma transformação social significativa? Como podcasts de jornalistas negras estão abordando as questões raciais? É possível definir tais práticas como jornalismo antirracista?

Como jornalismo antirracista, ou como proposições para um jornalismo antirracista, estou considerando, de forma geral, práticas jornalísticas, neste caso, em podcasts, que empregam estratégias antirracistas evidenciadas em seus produtos finais.

Em meio a esses atravessamentos, foi realizado um levantamento com base nas palavras-chave: jornalistas negras; jornalistas pretas, comunicação antirracista, jornalismo antirracista na plataforma de áudio e vídeo *Spotify*. A partir disso, foram selecionados três programas de podcasts: Angu de Grilo (2019 - presente); Conversa de Portão (2020 - 2023) e Pretoteca (2020 - presente), para constituir nosso *corpus* de pesquisa. Entre os critérios de escolha estão a produção protagonizada por mulheres negras jornalistas, a regularidade e uma ampla quantidade de episódios publicados, assim como títulos de episódios que evidenciam questões raciais.

Como recorte temático dos episódios a serem analisados foram utilizadas as palavras-chave: racismo, racista, antirracismo, antirracista. Os termos não foram selecionados com o intuito de restringir a diversidade de conteúdos relacionados às perspectivas negras, mas sim para centralizar questões raciais. Nesse sentido, as

⁵ Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo de bell hooks em homenagem à sua bisavó, a escrita em letras minúsculas se dá em forma de protesto no qual considera sua obra mais importante que sua personalidade (hooks, 2019a).

pautas relacionadas aos termos 'racismo' e 'racista', por exemplo, podem ser utilizadas de maneira estratégica nos discursos jornalísticos, a fim de evitar a perpetuação de abordagens negativas e estereotipadas em relação às pessoas negras, mas também podem reforçar certos estereótipos.

Dito isto, o recorte através das palavras-chave proporciona a viabilidade da construção desta pesquisa dado o grande volume de episódios publicados pelos podcasts Angu de Grilo, Pretoteca e Conversa de Portão. A partir dessa perspectiva foram selecionados 14 episódios, sendo quatro episódios do podcast Angu de Grilo, sete episódios do podcast Pretoteca e dois episódios do podcast Conversa de Portão.

No podcast Angu de Grilo analisamos: **Racismo em pauta no futebol #8; Antirracismo e Cinema no ENEM #11; Libertadores e racismo na medicina #14 e Oscar, dólar e racismo na comunicação #25.** No podcast Conversa de Portão os episódios analisados foram: **As crianças que o racismo mata; Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois.** E no podcast Pretoteca analisamos os episódios: **#1 - Meu primeiro encontro com o racismo; #15 - Precisamos falar sobre educação antirracista; #29 - Procedimentos estéticos, cirurgia plástica e racismo; #31 - Como o racismo afeta as crianças; #39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista no auxílio aos atingidos; #41 - Racismo reverso, de Vilma para Risério; #51 - “Era preciso engolir determinados sapos para conseguir algum espaço” diz Hélio de La Peña sobre racismo na carreira; #74 - Por que as pessoas que cometem racismo não são presas?.**

Sendo assim, a presente dissertação tem como objetivo geral analisar aspectos nos podcasts Angu de Grilo (2019 - presente), Pretoteca (2020 - presente) e Conversa de Portão (2020 - 2023), que nos permitam identificar marcas que nos levem a inferir aspectos de um jornalismo antirracista. Para tanto, como objetivos específicos, a pesquisa visa identificar as marcas de um jornalismo antirracista apresentado nas falas das jornalistas negras, discutir as pautas sobre racismo e antirracismo e investigar discursos colocados em circulação por jornalistas negras relacionando-os às potencialidades da experiência negra enquanto prática antirracista.

Destaco, nesta pesquisa, a diferença substancial entre podcasting e podcast, partindo da compreensão de podcasting através de um viés macro, que implica

numa prática cultural e comercial (Viana, 2022). Como prática, o podcasting envolve a interpretação de diversos elementos para sua compreensão, entre eles os atores sociais que as instrumentalizam, o contexto de sua produção, o público ouvinte, os apoios financeiros ou sua ausência e outros pormenores. Já podcast, indissociável à podcasting, constitui-se como o produto final dessa prática, correspondente ao conteúdo sonoro e parassonoro disponibilizado nas plataformas de áudio e vídeo. Ambas percepções serão abordadas nesta pesquisa, embora nosso foco recaia nas falas das podcasters em seus respectivos programas. Essa diferenciação entre podcasting e podcast é fundamental neste trabalho, pois os objetos de escuta analisados estão posicionados como fruto de práticas de um grupo social específico e seus antecedentes afrodiáspóricos⁶.

Após a etapa de qualificação desta pesquisa, realizou-se uma revisão de literatura na qual as perspectivas teórico-metodológicas foram avaliadas para abordar de maneira apropriada o que os objetos de escuta e análise nos desafiavam a compreender, levando em consideração problematizações que envolvem podcasting, práticas antirracistas no jornalismo e a intersecção entre raça e gênero.

Nesse contexto, a perspectiva da Teoria Racial Crítica (TRC) e sua implicação no âmbito das tecnologias da comunicação, seguindo os fundamentos destacados por Silva (2019), enriqueceu a análise dos objetos de escuta. Aliada a TRC (Silva, 2019), também foi utilizado como base para compreensão de nossos objetos de estudo, a perspectiva da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (CTDA) de acordo com Brock (2021).

A partir dessas perspectivas teóricas-metodológicas foi elaborada uma nova para estudo de podcasting, a Análise Racial Crítica de Podcasting, desenvolvida para presente pesquisa visando centralizar questões raciais para além do conteúdo em áudio digital em podcasts. Dessa forma, utilizamos a Análise Racial Crítica para a investigação das abordagens antirracistas em podcasts produzidos por jornalistas mulheres negras.

Através da análise dos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca verificamos que as abordagens para um jornalismo antirracista podem se apresentar através da promoção de soluções contra o racismo além dos desafios

⁶ Alguns autores de mídia sonora não fazem a diferenciação entre podcasting e podcast em seus trabalhos e utilizam ambos para referir-se ao produto midiático em si, o que pode aparecer em algumas citações diretas ao longo desta dissertação.

enfrentados pelos grupos oprimidos, o enquadramento das discussões a partir de uma perspectiva de abundância e a crítica a posições que retratam dor e sofrimento vivenciados por pessoas negras. Estes podcasts também constroem as identidades de seus programas por meio de abordagens que remetem às estratégias de movimentos negros e da imprensa negra, revelando seus níveis de consciência racial que também é atravessada pela sua vinculação de financiamento e seu viés editorial.

Assim sendo, a dissertação aqui apresentada está dividida da seguinte forma. O capítulo um começa com a fundamentação teórica do conceito de racismo e suas particularidades no contexto social brasileiro, bem como os desdobramentos deste no campo da comunicação. O capítulo dois traz uma contextualização sobre os usos e sentidos do podcasting, seu imbricamento com o jornalismo e um estado da arte sobre a podosfera das mulheres negras. No capítulo três apresentamos o percurso metodológico da pesquisa sobre a Análise Racial Crítica de Podcasting. No capítulo quatro, partimos para a análise dos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca. E no capítulo cinco destacamos nossas considerações finais.

bell hooks (2019a, p.55) escreve que para mulheres negras “é importante que falemos. Sobre o que falamos é ainda mais importante”, acrescento, a partir desta pesquisa, que a maneira como mulheres negras falam e os referenciais utilizados nessa fala também são de extrema importância. Aperte o play e escute⁷.

1. RACISMO NA CULTURA BRASILEIRA

Tratamos aqui do racismo contra pessoas negras como um modo de opressão que estrutura a sociedade brasileira, como fenômeno complexo, também compreendemos as múltiplas facetas de sua atuação. Esse se faz presente nas relações interpessoais, através de práticas discriminatórias explicitamente manifestadas contra pessoas negras, no funcionamento de instituições, as quais são organizadas de modo a dificultar, ou até mesmo cessar o acesso de negros e negras à educação, à saúde, etc. além é claro, das consequências nas subjetividades da população negra diaspórica devido a tais práticas.

⁷ A partir do capítulo 1, adotou-se uma voz plural, priorizando a escrita acadêmica como projeto coletivo entre pesquisadora, autoras, autores, interlocutoras e orientador que participaram da construção do conhecimento materializado nesta dissertação.

Desse modo, neste capítulo percorremos o caminho da compreensão do racismo na cultura brasileira pelo viés de estudiosos negros, em sua maioria, que versam sobre as questões de raça, identidade racial, identidade negra e as vertentes do racismo.

Reconhecemos que os podcasts analisados neste trabalho seguem o sentido de podcasts negros, segundo Barner (2021), nas quais as podcasters são assumidamente negras e que tratam intencionalmente questões de interesse do grupo em seus respectivos programas. Ao apresentar o panorama das questões de identidade no contexto brasileiro, visamos traçar pontos de entendimento para compreender como a noção de identidade negra está posicionada na podosfera brasileira e ainda as dimensões políticas assumidas no interior do contexto dos podcasts.

Além disso, compreender sobre o processo de formação da identidade negra no Brasil por uma perspectiva histórica-cultural nos permite apreender suas consequências e implicações. O racismo, ou melhor, os racismos como consequência direta dos processos ocorridos na formação de uma identidade nacional nos direciona à compreensão da agência de grupos negros, na articulação política das identidades negras, nas estratégias de busca pela igualdade de direitos, na recuperação da autoestima e na disseminação cultural e intelectual.

Por conseguinte, apresentamos as sinuosidades do racismo de modo geral, como modo de opressão ainda presente na contemporaneidade e as sinuosidades do racismo brasileiro, até chegarmos na implicação deste na comunicação. Questões como representação midiática, produção de notícias entre outros pontos serão discutidos neste capítulo.

1.1 Raça e identidades negras

No Brasil, compreender-se negro (a) é mais que a constatação do óbvio (Souza, 2021) é, antes disso, apreender as sinuosidades específicas que rondam as dinâmicas sociais de nosso país. Os efeitos da abolição da escravatura marcaram o contexto social brasileiro, que além de outros marcadores sociais, possuem uma hierarquização baseada na raça, comum nas sociedades ocidentais colonizadas, mas que se diferenciam através do modo pelo qual a identidade negra foi articulada neste período, ou como veremos a seguir, as maneiras nas quais essa identidade foi

contestada a partir das estratégias de apagamento histórico e formação de uma identidade nacional.

Para início de conversa, começaremos então com a compreensão de raça como uma construção social usada como justificativa para exploração e escravização baseada em características biológicas. Segundo Munanga (2020a) “se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis (Munanga, 2020a, p. 15). Dito de outro modo, a raça como categoria social e política continua sendo vinculada às características biológicas e operacionalizada como marcador de identificação de negro e negras.

Tratando das identidades, Munanga (2020a) questiona a implicação da sua proveniência como “identidade atribuída pelos estudiosos através dos critérios objetivos, identidade como categoria de autodefinição ou atribuição do próprio grupo, identidade atribuída ao grupo pelo grupo vizinho?” (Munanga, 2020a, p. 11), todas essas são visões pertinentes, entretanto, nosso interesse nessa pesquisa é compreender a articulação da identidade negra a partir dos trajetos históricos no pós-abolição que evidenciam as relações de poder entre grupos dominantes e grupos oprimidos, assim como a agência inerente deste último grupo nesse processo.

Partimos então da compreensão das identidades como múltiplas, fragmentadas, complexas e, por vezes, contraditórias. Elas são construídas por meio da diferença e através da relação com o Outro. De acordo com Hall (2014), as identidades são articuladas a partir dos recursos históricos, linguísticos e culturais, fugindo de uma lógica essencialista, a concepção de identidade busca o entendimento sobre a agência dos sujeitos, na forma como são vistos e/ou representados.

O questionamento de Hall (2014) sobre “quem precisa de identidade?” é o primeiro passo para compreensão das formas nas quais a identidade negra é articulada contemporaneamente, num momento posterior ao evento colonial no qual as teorias racialistas baseadas em questões biológicas justificaram a escravidão.

Outro elemento que articulamos nessa discussão é que no cenário brasileiro, algumas configurações do pós-abolição definiram o percurso do reconhecimento de uma identidade baseada na raça relacionado a negros e negras, como, por exemplo,

a incineração dos documentos relacionados à escravidão, em 1899, incluindo registros estatísticos e demográficos dos africanos escravizados (Nascimento, 2016). Dentre outros fatores, essa circunstância impossibilitou a busca pela história de negros e negras, exigindo um determinado esforço nas estratégias de recuperação de uma memória coletiva.

Na concepção de Munanga (2020^a)

No caso da população negra brasileira, como qualquer outra, a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e, de outro lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, o passado cultural africano ou o passado enquanto escravizado) (Munanga, 2020^a, p. 16).

Como um dos pontos para tomada de consciência e, portanto, para constituição das identidades, a memória compartilhada por grupos negros variam de acordo com seus contextos socioculturais devido principalmente pelo apagamento histórico dessa memória (Munanga, 2020^a).

Souza (2021) explica a construção da identidade negra brasileira através de três fundamentos: a cor da pele, e, por assim dizer, os traços fenotípicos, a ideologia do embranquecimento e o mito da democracia racial. Esses dois últimos, processos sociais do período pós-abolição, marcaram as especificidades das questões raciais brasileiras e o assentamento da identidade negra.

A ideologia do embranquecimento ou ideologia do branqueamento emerge a partir do fim do sistema escravista, dada a nova configuração de sua população. Com a maioria negros livres ou libertos, a elite dominante estava preocupada com a construção de uma identidade nacional baseada na superioridade branca. Deste modo, influenciada pelas teorias racistas provindas da Europa, acreditava-se nas possíveis ameaças que assolavam o Brasil dada sua maioria negra (Munanga, 2020b).

Neste primeiro momento, constituiu-se assim, um conjunto de práticas que buscavam solucionar o problema da pluralidade racial do país, neste momento a mestiçagem era o caminho para homogeneidade das raças (branco-negro-indígena) e a consolidação da superioridade branca, em outras palavras, almejava-se o embranquecimento tanto do ponto de vista cultural quanto em termos biológicos.

Embora tenha falhado em termos demográficos, a ideologia do branqueamento foi eficaz na consolidação do pensamento da superioridade branca como modelo ideológico nos modos de comportamento e nas práticas cotidianas (Gonzalez, 2020), persistindo no discurso hegemônico na contemporaneidade.

Sobre a ideologia do branqueamento, Souza (2021) escreve:

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a desagregação dessa ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social (Souza, 2021, p. 48).

Subjugadamente, à população negra foram atribuídas características de ordem negativa, ligadas, por um lado, à criminalidade em contraste com papéis de submissão designados pelo grupo dominante. Como consequência dessa posição de subordinação, temos um cenário da busca pelo ideal branco, estimulando esforços de ordem individualista pela mobilidade social, desencorajando a identificação e a solidariedade coletiva entre negros e negras (Souza, 2021).

Como reorganização política e ideológica, o mito da democracia racial, fortemente explanado na década de 1930, como uma suposta harmonia entre as raças, emerge no contexto da busca de um Brasil como nação e o brasileiro enquanto povo, dada a pluralidade racial provinda da colonização e o fracasso do embranquecimento populacional. Neste segundo momento, a mestiçagem, não mais fundada em objetivos biológicos de branqueamento, é construída como modo de unificar a cultura brasileira através da pluralidade de sua origem. Segundo Munanga (2020b, p. 91) a mestiçagem “seja na sua forma biológica (miscigenação), seja na sua forma cultural (sincretismo cultural), desembocaria numa sociedade unirracial e unicultural”.

Hall (2006) aborda o processo de formação das identidades nacionais como um meio de produzir significado em relação à nação, permitindo a criação de identificação e, conseqüentemente, a construção de identidades. Segundo o autor, uma das principais características da formação das identidades está na construção de um mito fundacional, no caso brasileiro, o mito da democracia racial ocupa esse papel.

Por sua vez, a disseminação do mito da democracia racial perpassou a literatura, a mídia, a cultura popular através de símbolos e ritos nacionais. Isso foi alcançado principalmente, graças ao empenho de intelectuais que, por meio de um processo de reimaginação do passado colonialista, retrataram o período escravista como sendo brando e pouco violento, destacando a relação dócil entre escravocratas e escravizados (Nascimento, 2016) ; (Gonzalez, 2020).

Em decorrência da mestiçagem, enquanto projeto político, ideológico e cultural, constituiu-se a compreensão da sociedade brasileira como uma sociedade mestiça em termos raciais e culturais, e que, portanto, não faz distinção entre os sujeitos de sua nação. A partir dessa empreitada, ficou estabelecida, em termos formais, a noção de harmonia entre as raças e a suposta ausência do racismo enquanto prática discriminatória.

Sobre essa configuração da mestiçagem no Brasil, Munanga (2020b) explica que:

na construção do sistema racial brasileiro, o mestiço é visto como parte transcendente, onde a tríade branco-índio-negro se encontra e se dissolve em uma categoria comum fundante da nacionalidade. Daí o mito de democracia racial: fomos misturados na origem e, hoje, não somos nem pretos, nem brancos, mas sim um povo miscigenado, um povo mestiço (Munanga, 2020b, p. 54)

Em contrapartida, Gonzalez (2020) argumenta que “enquanto o mito da democracia racial funciona nos níveis público e oficial, o branqueamento define negros e negras no nível privado e em duas outras esferas” (Gonzalez, 2020, p.169), essas esferas estão nos níveis consciente e inconsciente, nas formas de expressões negativas a respeito do negro e os estereótipos criados a partir disso.

Nesse empreendimento, os símbolos construídos referentes às pessoas negras foram predominantemente baseados em sua dimensão cultural, como objetos de entretenimento ou ainda associada a características corporais como força, ritmo e sexualidade (Gonzalez, 2020). São lugares e papéis sociais específicos, reencenados também em circunstâncias específicas, reiterando a integração da pessoa negra ou rejeitando-a quando essa ultrapassa o estereótipo criado e aceito pelo grupo dominante.

Além dessas circunstâncias, da ideologia do embranquecimento e da propagação do mito da democracia racial, o momento pós-abolição não garantiu uma cidadania plena à população negra brasileira, frente às desigualdades

referentes à participação política e à garantia de direitos civis e sociais. Coube a essa parcela da população providenciar organizações coletivas para reparar as precariedades as quais negros e negras estavam submetidos.

Mesmo perante ao estilhaçamento da autoestima e do autorreconhecimento das qualidades positivas das pessoas negras assoladas pelo modelo do branqueamento, os esforços do movimento negro na articulação de uma identidade negra fundamentadas na positividade estética, cultural e intelectual da população negra buscavam sanar as desigualdades raciais por meio de várias frentes, seja criando redes de acolhimento de cunho recreativo e cultural, na articulação de uma imprensa que atendesse suas questões, na formação de associações civis de serviços e a criação de partidos políticos (Domingues, 2016/2018).

Nesse sentido, a articulação de uma identidade negra pode ser compreendida a partir do entendimento de identidade cultural no contexto da diáspora, segundo Hall (1989/2018), como pontos instáveis de identificação construídos a partir dos discursos da história e da cultura. Isso envolve a compreensão de como os sujeitos negros se posicionam em relação à história, à cultura e ao poder, considerando a posição de subordinação que ocupam na sociedade definidas pelo regime dominante.

É importante ressaltar que essas identidades não são baseadas em um passado estático e essencializado, mas construídas a partir de uma constante negociação de símbolos e valores, levando em conta o evento colonial. Dessa maneira, a identidade negra não é homogênea, pois se constitui a partir de um passado compartilhado, mas fragmentado dado às estratégias de aniquilamento da memória das culturas africanas no contexto de colonização (Hall, 1989/2018).

É também nesse sentido que Munanga (2020a) explica a multiplicidade de sentidos que envolve identidade negra no contexto da diáspora, especialmente tratando do contexto brasileiro. Segundo o autor, a identidade negra não possui uma coesão, mas varia conforme os contextos socioculturais em que negros e negras permeiam, sejam comunidades religiosas, comunidades negras militantes, comunidades quilombolas, dentre outras.

Tal argumentação é fundamental para a compreensão do processo de branqueamento e as sinuosidades criadas pela ideia de mestiçagem a partir do mito da democracia racial criaram variadas cisões nos modos de compreender-se negro no Brasil, e que estas variam de acordo com o grau de conscientização histórica e a

forma como essa conscientização é articulada no interior dos grupos sociais em que negros e negras transitam.

Entretanto, mesmo compreendendo o caráter plural da identidade negra, Munanga (2020a) considera que

(...) a identidade do mundo negro se inscreve sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania (Munanga, 2020^a, p. 15).

Dessa forma, a articulação da identidade negra a partir de um viés político configura-se como política da identidade, ou seja, a instrumentalização da identidade cultural por grupos oprimidos e marginalizados para mobilização política, com isso, buscam a solidariedade coletiva em prol da compreensão de suas condições sociais e busca pela igualdade de direitos (Woodward, 2014).

Outros movimentos sociais se reúnem em torno da compreensão da política da identidade:

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades de seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado, excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e inferiorizada (Munanga, 2020b, p. 20).

Com base nos processos históricos e culturais mencionados, percebe-se que a identidade negra, construída com base em fontes históricas, pautada em questões raciais e organizada em resposta a uma ordem política dos movimentos sociais, é fundamental para a compreensão das desigualdades e relações sociais atuais.

Nesse tópico compreendemos as maneiras nas quais os processos de formação histórico-culturais desencadearam nos desdobramentos da formação da identidade negra. Também é perceptível que as discussões sobre identidade negra no Brasil não se baseiam em uma essência ligada a um passado e cultura pré-colonização do continente africano.

Discutir sobre identidade no contexto brasileiro é, antes de tudo, reconhecer os processos históricos de apagamento referentes à população negra diaspórica em

nosso país e os investimentos em ideologias que visavam consolidar a submissão de negros e negras.

Na seção a seguir, discutiremos algumas conceituações de racismo sob a perspectiva de autores negros brasileiros, considerando o cenário atual e os processos histórico-culturais que contribuíram para as intrincadas manifestações do racismo. Para compreendermos de forma prática como tais processos afetam a vida de negros e negras percorreremos pelos conceitos de racismo estrutural, racismo institucional, racismo individualista e racismo por denegação.

1.2 As sinuosidades do racismo

No Brasil, perdura uma dinâmica singular do racismo, de acordo o levantamento realizado pelo Instituto Locomotiva⁸, embora 84% da população considere o país preconceituoso em relação às pessoas negras, apenas 4% se considera uma pessoa preconceituosa em relação às pessoas negras. Dados dessa ordem revelam que, como argumenta Gonzalez (2020), embora a sociedade se apresente como não racista, tal processo esconde mais do que revela sobre a dinâmica racial brasileira.

Dado o cenário do embranquecimento e do mito da democracia racial, na sociedade brasileira, o racismo assume formas distintas de sociedades como os Estados Unidos que passaram pelo processo de segregação racial explícito. Como elucidado anteriormente, em sociedades como a brasileira, a mestiçagem assumiu em termos oficiais o modo de identificação cultural do Brasil enquanto nação, ao passo que a noção de uma superioridade branca permaneceu como modelo de mobilidade e ascensão social em oposição à marginalidade associada à população negra.

Quanto ao racismo brasileiro, ele tem a especificidade de um racismo latino-americano como afirma Gonzalez (2020)

(...) suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada

⁸ A pesquisa foi encomendada pelas empresas Carrefour com o objetivo de apontar como o racismo estrutural impacta a vida da população negra brasileira. Disponível em: <https://exame.com/negocios/no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, como simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 2020, p. 131-132).

De todo modo, este é apenas um dos contornos que o racismo assume, internalizando nas subjetividades de negros e negras o anseio por padrões de comportamento e mobilidade social em detrimento da sua identidade racial.

Conforme apontado por Gonzalez (2020), esse tipo de configuração seria um racismo por denegação. Este por sua vez evidencia as consequências da opressão da população negra e a dimensão de sua internalização, acrescenta-se também como não negros interpretam a não existência do racismo na sociedade brasileira, motivados pela ideia de igualdade racial fomentada inicialmente pelo mito da democracia racial e reforçado através dos mecanismos ideológicos.

Consequentemente, o racismo por denegação pode levar tanto a uma alienação em relação aos discriminados, quanto ao funcionamento das estruturas que fazem com que a população negra brasileira permaneça suscetível à precariedade (Gonzalez, 2020).

Moura (1994) atenta que o debate sobre o racismo é polêmico e inesgotável, posições contraditórias discutidas em vários níveis, assim como as implicações de sua prática, compõem o panorama intelectual nacional e internacional. Numa visão ampla, o autor interpreta o racismo como um sistema de opressão e exploração fundada na lógica colonialista, adaptando-se diante das mudanças nos sistemas de poder, sendo assim um modo vigente de dominação, essa compreensão, portanto, revela que o racismo está introjetado nas mais diversas esferas de poder (Moura, 1994).

No momento em que este trabalho está sendo escrito, uma das concepções teóricas mais populares no Brasil em relação às dinâmicas raciais é a compreensão do racismo como efeito estrutural. Essa categoria analítica ultrapassou os espaços acadêmicos e atualmente é muito citada na mídia e nas redes sociais digitais enquanto alguma questão racial é discutida. A argumentação, no sentido de entender a questão racial pela ótica do racismo estrutural e a popularização do conceito, encontram sustento no livro *Racismo Estrutural* escrito por Silvio Almeida

(2019), atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, que introduz o debate a respeito do racismo estrutural no Brasil.

A definição e compreensão do racismo estrutural visa elucidar o modo como a dominação e a exploração de pessoas negras se organiza, e por consequência seus efeitos no funcionamento das instituições e das relações interpessoais.

(...) o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (...) o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2019, p. 17).

A elucidação do processo de racismo estrutural nos permite analisá-lo como atuante nas diversas esferas sociais, seja no campo político, jurídico ou econômico, percebendo que as discriminações de ordem individualista e o funcionamento das instituições constituem-se como parte de uma mesma estrutura social.

Entretanto, designar o racismo como estrutural não implica em responsabilizar somente a estrutura em detrimento dos comportamentos individuais, mas apreender que, como sistema de opressão, o racismo precisa ser compreendido a partir de suas bases históricas e culturais nas quais fizeram com que as estruturas funcionassem de forma discriminatória, além é claro, de responsabilizar os sujeitos que agenciam tal estrutura (Oliveira, 2021).

De forma metódica, Almeida (2019) conceitua racismo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertençam” (p. 26). O autor argumenta que a discriminação, manifestação prática do racismo, assume uma variedade de formas, podendo ser tanto direta quanto indireta. Em sua manifestação direta, a discriminação é baseada em práticas que são explicitamente violentas (física ou simbólica). O crime de racismo, previsto na lei 7771/89 como inafiançável e imprescritível, por exemplo, atua visando o combate às discriminações de ordem direta, ao penalizar tanto discriminações de ordem individual quanto de ordem coletiva.⁹

⁹ A Lei 14.532, de 2023 tipifica como crime de racismo, que abarcava as discriminações de ordem coletiva, a injúria racial, esta última direcionada ao indivíduo. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/12/sancionada-lei-que-tipifica-como-crime-de-racismo-a-injuria-racial>. Acesso em: 1 mai. 2023.

Como discriminação indireta compreendem-se aquelas práticas que ignoram em algum nível as condições sociais em que grupos minoritários se encontrem (Almeida, 2019), essas são operacionalizadas, em grande medida, no nível institucional. O racismo institucional, por conseguinte, concretiza-se através do funcionamento das instituições de modo a dificultar o acesso dos grupos minoritários a determinados espaços de poder e cessando a garantia de abordagens efetivas de igualdade, manifesta-se por meio da incorporação de regras e padrões de comportamento no funcionamento das instituições, sejam elas públicas ou privadas.

Isso significa dizer que o racismo institucional opera através de desvantagens de ordem econômica, política e jurídica para grupos negros, nas desigualdades entre classes como consequência de menos acesso à educação de qualidade, entre outros fatores. Na esfera política pela dificuldade na ocupação dos cargos estatais e no campo jurídico através de políticas de extermínio legitimadas pelo Estado.

O racismo institucional, é, portanto, uma dinâmica que se retroalimenta, visto que se torna realizável pela atuação do grupo dominante nessas esferas, visando permanecer em cargos de liderança e no controle dessas instituições.

Sendo assim, entendemos que afirmar que o racismo no Brasil é uma questão estrutural revela sobre a forma de organização das práticas discriminatórias e sua origem histórica-cultural, tratando da sociedade brasileira, esta fundamenta-se na ideologia do branqueamento e no mito da democracia racial, questões esmiuçadas na seção anterior. Assumindo suas complexidades, contradições e variações nos diversos locais sociais em que negros e negras permeiam o que para Oliveira (2021):

A concepção de racismo estrutural se encaixa na perspectiva da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo. Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo - o racismo estrutural distinto do institucional e do individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é a base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural (Oliveira, 2021, p. 66-67).

Também é possível afirmar que o racismo, enquanto um sistema de opressão e dominação, busca primordialmente o extermínio das populações negras, empregando para tal diversos meios e estratégias.

Num nível diaspórico global, Mbembe (2016) elabora o conceito de necropolítica para explicar a incorporação de novos processos de legitimação da morte de grupos marginalizados na contemporaneidade, sendo assim, as estratégias de aniquilamento da população negra, que passam pelos níveis físicos e simbólicos, estão incorporadas na normalidade do funcionamento das instituições.

Isto é notavelmente perceptível nos dados referentes à violência no Brasil, segundo o Atlas da Violência 2021, 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras. A chance de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é 2,6% maior que a de uma pessoa não negra. Se considerarmos a intersecção raça e gênero, observamos ainda que, entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídio aumentou 2%, ao passo que o número de mulheres não negras diminuiu 26,9%.

Só a partir da compreensão das sinuosidades do racismo que também podemos compreender as estratégias contra todos esses tipos de discriminação. A partir das concepções sobre o racismo até aqui, podemos compreender que, enquanto estrutura, o racismo é uma das ordens que norteia o funcionamento das instituições. Por outro lado, seu caráter individualista está relacionado às ações discriminatórias, tanto diretas quanto indiretas, perpetradas contra pessoas negras com base em sua condição racial.

Em suma, o racismo num nível institucional aponta para o funcionamento das instituições pautadas também de maneira direta ou indireta pela falta de representatividade e ocupação nos cargos de poder destinados a negros e negras, assim como nas decisões políticas que tendem a dificultar o acesso da população negra aos direitos básicos, além da escassez das questões de ordem antirracista, para haver uma mobilidade politico-econômica destes grupos.

Por outro lado, a definição de racismo por denegação, proposta por Gonzalez (2020), implica a internalização do racismo tanto por parte de indivíduos negros, refletindo em suas subjetividades e na dificuldade em se identificarem com o próprio grupo racial, quanto por parte de indivíduos não negros, ou seja, na sociedade na totalidade, quando tendem a ignorar ou desqualificar o fato de que suas ações podem ter um caráter discriminatório com base na raça, devido à ideia equivocada de democracia racial e da suposta ausência de racismo.

No próximo tópico, abordaremos o tema do racismo na comunicação, com o objetivo de compreender como o sistema midiático, em especial o jornalismo, é

operacionalizado em uma estrutura racista, além disso, destacamos como o racismo se manifesta na comunicação como uma prática cotidiana.

Seguindo as contribuições de estudiosos e intelectuais negros, avançaremos em nossa discussão sobre o racismo na comunicação, abordando temas como a ocupação de espaços de poder nas empresas de comunicação, a construção de pautas, os limites da representatividade e da representação midiática, além das possibilidades de atuação de abordagens antirracistas nesse meio.

1.3 Racismo na Comunicação

Se entendemos que o racismo é uma questão estrutural e se manifesta por meio de práticas discriminatórias em várias esferas sociais, não seria diferente no campo da comunicação e, por conseguinte, no jornalismo.

Antes de discutir as expressões de racismo na prática jornalística, que abrange a disputa por narrativas relacionadas à elaboração de pautas, a linguagem empregada e a forma como as informações são apresentadas, é fundamental considerar como o âmbito comunicacional tem sido ocupado e organizado.

O primeiro aspecto a ser considerado é a ocupação dos cargos nas empresas comunicacionais e o sistema de mídias. Embora negros representem a maioria da população brasileira, sendo 56,1% incluindo pretos e pardos, esses fazem parte da categoria de Maioria Minorizada (Santos, 2020), ou seja, o grupo “é minoria em termos de acesso a direitos, serviços públicos, representação política, e, que racializados como seres inferiores sofrem apagamento identitário, são desidentificados (as), tornando-se, portanto, minorias no acesso à cidadania” (Santos, 2020, p. 23).

De acordo com Santos (2020) cabe à Maioria Minorizada, a ocupação de determinados territórios geográficos e sociais. Ainda nesse sentido, Gonzalez (2020) aponta a compreensão da divisão racial do espaço referindo-se à separação do espaço físico entre dominantes e dominados, que emerge do período colonial sucedendo até a contemporaneidade, “da senzala às favelas” tal deslocamento mantém determinadas estruturas de exclusão, o que também ocorre em espaços sociais, como no sistema midiático.

Dentre as marcas da mídia brasileira está a dicotomia entre a pluralidade racial existente no país e a identidade forjada pelas empresas comunicacionais, de acordo com Almada (2012) isto se justifica pois

os meios de comunicação no Brasil são administrados como bens patrimoniais de natureza familiar. São gerenciados por elites descendentes dos grupos sociais que, no passado histórico do país, sempre gozaram de privilégios (inclusive o de formular e legitimar enunciados sobre o Outro e de difundi-los nos espaços de afirmação dos discursos sociais, a literatura científica e ficcional, entre eles) e que perpetuam, agora, através de aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados, mitos e estereótipos ainda fortemente presentes no imaginário coletivo) (Almada, 2012, p. 26).

Assim sendo, há um racismo midiático no Brasil que funciona a partir de uma perspectiva institucional, que se retroalimenta devido à ocupação dos espaços de poder e fortalecimento do grupo dominante, mediante ações que beneficiam exclusivamente o seu próprio grupo.

Como resultado dessa dinâmica, temos a representação midiática da população negra estereotipadamente, nos noticiários são destacados os aspectos negativos que cercam esse grupo social, concomitantemente o silenciamento referente às estruturas que proporcionam tais condições, além de restrição das narrativas prósperas e as contribuições históricas das comunidades negras na formação do país (Almada, 2012).

Para ilustrar as relações de poder no domínio dos meios de comunicação, Santos e Guena (2022) trazem em seu trabalho dados da pesquisa realizada pelo Mídia Ownership Monitor (MOM) Brasil, Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação e Repórteres sem Fronteiras, demonstrando que mais da metade dos veículos de comunicação são controlados por cinco grupos ou proprietários.

Sendo assim, o sistema midiático atua para reproduzir padrões de consumo e preservar hegemonias, segundo Moraes (2013, n.p) “os megagrupos midiáticos detêm a propriedade dos meios de produção, a infraestrutura tecnológica e as bases logísticas como parte de um sistema que rege habilmente os processos de produção material e imaterial”.

Santos e Guena (2022) mostram que a reprodução de práticas racistas está presente em toda estrutura da mídia hegemônica, desdobrando-se tanto na produção das notícias quanto na contratação de profissionais e gestão de empresas de comunicação.

A quantidade de profissionais que atuam na imprensa brasileira ainda é baixa, a pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021) mostra que as redações ainda são majoritariamente brancas e masculinas, somente 20,10% dos jornalistas atuantes nas redações brasileiras se autodeclaram negros (pretos e pardos).

Ressaltamos que, embora o racismo e seus desdobramentos sejam uma questão estrutural na sociedade e, portanto, devam ser tratados como um assunto de interesse público, compreendemos também que, devido aos processos históricos, alguns grupos possuem diferentes níveis de consciência e letramento racial. Assim, esses grupos podem estar diretamente relacionados, em alguma medida, à postura presente na produção de textos jornalísticos.

Considerando, assim como Moraes (2013), que o sistema midiático atua a partir de discursos, narrativas e ideologias na construção de imaginários sociais e na formação da opinião pública, destacamos até aqui, que a não proporcionalidade entre negros e não negros nas empresas comunicacionais, a intenção de reforçar hegemonias e a disseminação de estereótipos relacionados à população negra reforçam e restituem narrativas do período escravocrata.

Como lugar de perpetuação de práticas discursivas limitantes relacionados à população negra, o sistema midiático também constitui um meio para a desconstrução desses estereótipos e a criação de novos modelos de representação. Segundo hooks (2019b) a reprodução de imagens controladoras¹⁰ na mídia constrói um tipo de relação na qual a não identificação produz, o que a autora define como olhar opositor, isto é, espaços de agência criados por espectadores negros que interpretam criticamente a representação de raça e constroem novos modelos diversos e complexos sobre si e sobre tal grupo que está inserido.

Aqueles interessados nessa perspectiva crítica encontram na comunicação contra-hegemônica modos de viabilizar narrativas discursivas e imagéticas, em contrapartida, aos padrões estabelecidos, segundo Moraes (2013) a função da comunicação contra-hegemônica é “reivindicar o pluralismo e o valor das histórias e culturas e motivar-nos à reflexão sobre o mundo vivido” (n.p).

¹⁰ Imagens controladoras, segundo Collins (2019) são imagens, no sentido amplo como a forma de representação, construídas a partir da exploração de símbolos existentes ou a criação de novos, por parte dos grupos dominantes que objetificam grupos subordinados, de modo que não permitem a expressão da totalidade do ser.

No contexto da comunicação contra-hegemônica, situa-se uma comunicação que se propõem ser antirracista, com abordagens engajadas em informar e contribuir na valorização de perspectivas contra a subalternização da população negra, priorizando o protagonismo desses sujeitos, tanto no que diz respeito à ocupação dos cargos quanto na construção de pautas. De acordo com Guena, Silva e Santos (2022)

pensar em uma comunicação antirracista e afrodiaspórica, é sedimentar um caminho construído por várias mãos e vozes, dos grupos historicamente excluídos de acessar os direitos humanos. E, deste modo, falar de si - sem intermediários nem riscos de representações ou estigmas que mantenham esses grupos em uma condição de subalternidade - é o exercício principal da luta antirracista na comunicação (Guena, Silva e Santos, 2022, p. 6).

Embora a mídia hegemônica não seja propícia para subversão de seus conteúdos e a renovação de suas equipes, dado seus interesses em fortalecer velhos padrões, encontramos por vias independentes, modos de expansão de abordagens que centralizam um jornalismo antirracista, essas atuam através de portais, sites, mídias sociais digitais, etc., por exemplo, as iniciativas independentes como Alma Preta Jornalismo¹¹, Notícia Preta¹² e Negrê¹³.

Este cenário que propicia a ampliação de uma mídia contra-hegemônica em espaços digitais emergiu a partir de transformações desenvolvidas nos anos 1990, a partir da concepção de globalização ligada a difusão, recepção e interação na comunicação; ampliação da indústria da informática e sua atuação nas estruturas de poder da comunicação; produção e acesso de tecnologias de baixo custo; segmentação do público, chegando em nosso momento atual com a disparada das mídias sociais digitais, os sites, os blogs e redes sociais. Apesar das contradições inerentes a qualquer percurso de grandes mudanças, este processo oportunizou o protagonismo de novos atores sociais, incluindo as minorias sociais (Alakija, 2012).

Dessa forma, é possível constatar que, de maneira análoga a outros setores sociais, a comunicação também é atravessada pelo racismo institucional, o qual se manifesta por meio de diversas formas discriminatórias, desde a falta de contratação de profissionais negros até a escassez de representatividade em posições de liderança e na construção das narrativas jornalísticas, entre outras.

¹¹ Disponível em: <https://almapreta.com/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

¹² Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

¹³ Disponível em: <https://negre.com.br/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

A partir do referencial apresentado notamos que no campo comunicacional o racismo opera a partir de alguns mecanismos. Dentre esses mecanismos está o papel das empresas comunicacionais nesse processo, que contribui na distribuição desigual dos cargos de poder, resultando na invisibilidade de narrativas prósperas e na representação estereotipada de pessoas negras na mídia.

No tópico seguinte, destacamos estratégias antirracistas aplicáveis a esse campo em constante disputa, com suas potenciais capacidades de construção e desconstrução de sentidos.

1.4 Localizando estratégias antirracistas

Neste tópico, exploraremos o caminho em direção à identificação de abordagens antirracistas, baseadas no trabalho de intelectuais negros, movimentos negros e instituições em diversos âmbitos. A partir deste ponto, propomos nossas próprias abordagens antirracistas, baseadas nos referenciais apontados, que constituem o referencial para análise das práticas de um jornalismo antirracista em podcasts.

Ao considerarmos estratégias antirracistas, estamos nos referindo a ações coletivas empreendidas por movimentos sociais, instituições públicas ou privadas, e pela sociedade civil, que visam beneficiar a população negra, um grupo minorizado, na busca por igualdade de direitos.

Conforme aponta Almeida (2019), para consolidação de abordagens antirracistas efetivas e a diminuição das discriminações raciais no contexto institucional, essas devem perpassar a promoção da igualdade e diversidade, a inclusão dos grupos minoritários nos espaços de poder e decisão, a revisão crítica das práticas institucionais e a abertura para lidar com os conflitos raciais.

São nesses propósitos que os movimentos sociais atuaram e continuam atuando. Os movimentos de grupos negros são marcados por uma longa trajetória de lutas e estratégias, assim como outros movimentos de grupos minoritários. Domingues (2016/2018) aponta quatro fases da luta antirracista empreendida por diversos movimentos negros diante dos regimes políticos nos quais o Brasil esteve inserido: da República ao Estado Novo; da segunda República ao Regime Militar; redemocratização às políticas de ação afirmativas e as lutas antirracistas contemporâneas.

Nos dois primeiros momentos destas lutas destacaram-se organizações civis que se empenharam na proteção e na expansão dos direitos, a exemplo da Frente Negra Brasileira (FNB) e a União dos Homens de Cor (UHC), além da retomada de uma imprensa negra, que já era atuante no século XIX (Pinto, 2010), formado por negros livres e letrados. Esses movimentos negros dedicaram-se tanto na criação de redes de solidariedade entre negros e negras quanto em demandas de inclusão.

De modo geral, negros e negras buscavam através de ações coletivas defender e ampliar direitos; construção de espaços de convívio negro dotado de mobilizações culturais; difundir informações de interesse dessa parcela da população com a ampliação da imprensa negra; prestação de serviços de assistência jurídica e médica; formação política, de artes, de ofícios, alfabetização; exaltação da cultura negra e homenagem às personalidades negras.

Já as duas últimas fases destacadas por Domingues (2016/2018) emergiram no final dos anos 1970, no contexto dos novos movimentos sociais e associadas às lutas de redemocratização do Brasil, com destaque para a ascensão do Movimento Negro Unificado (MNU).

Segundo Hall (2006), o movimento negro, assim como o movimento feminista, movimento estudantil e outros, ganhou força no contexto dos novos movimentos sociais. Tais movimentos constituem-se como a instrumentalização da política da identidade, ou seja, a articulação de uma identidade para cada movimento social.

Referente a atuação e surgimento dos novos movimentos sociais:

Esses movimentos “novos movimentos sociais” emergiram no Ocidente nos anos 60 e, especialmente, após 1968, com a rebelião estudantil, o ativismo pacifista e antibélico e as lutas pelos direitos civis (...) As lealdades políticas tradicionais, baseadas na classe social, foram questionadas por movimentos que atravessam as divisões de classe e se dirigem às identidades particulares de seus sustentadores (Woodward, 2000, p. 33-34, grifo da autora).

Nesse contexto, o MNU se multiplicou e se fragmentou devido à pluralidade de demandas, como, por exemplo, o movimento mulheres negras que estiveram na formação do MNU, que buscaram sanar suas reivindicações provindas da intersecção do racismo e sexismo com a articulação do feminismo negro (Gonzalez, 2020). Houve também a pluralização de grupos que se especializaram em áreas específicas, atuando na saúde, na educação, no direito, etc. (Domingues, 2016/2018).

Neste contexto, algumas iniciativas foram empreendidas, em níveis de construção simbólica houve a designação de datas como 13 de maio como “Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo” e o 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Além disso, para desmistificar conotações negativas associadas ao termo “negro”, o MNU adotou-o como forma de autodefinição para descendentes de africanos. Essas estratégias visavam resgatar memórias e fortalecer a afirmação positiva da identidade negra.

A criminalização do racismo também foi um marco das lutas e reivindicações dos movimentos negros¹⁴:

Quando a Constituição Federal de 1988 entra em vigor, o racismo não só deixa de ser considerado mera contravenção penal, passando a ser considerado crime, como também aos eventuais infratores da norma deixa de ser disponibilizada a possibilidade de fiança e prescrição. De forma infraconstitucional o delito de racismo é alçado à condição de crime previsto na Constituição Federal, o que, por si só, é absolutamente significativo, representando, pelo menos quanto à formalidade, uma enorme e relevante mudança de paradigma (Oliveira, 2013, p. 42).

Além disso, a implementação de políticas públicas em favor da população negra, a partir de 2001, marcaram de forma mais incisiva as reivindicações dos movimentos negros (Domingues, 2016/2018).

Tendo isto em vista, podemos indicar, a partir do que foi anteriormente explanado que as estratégias antirracistas no âmbito dos movimentos negros desempenham os seguintes papéis: papel educativo (alfabetização, formação política, etc.); papel informativo (imprensa negra); papel cultural (incentivo às manifestações artísticas como literatura, música, teatro, artes visuais); e papel crítico (desconstrução das concepções de democracia racial e estereótipos racistas).

A imprensa negra, que faz parte do primeiro momento de articulação de estratégias antirracistas apontadas por Domingues (2016/2018), foi uma iniciativa precursora no âmbito comunicacional em sua atuação a favor dos interesses da população negra ainda no século XIX. A categorização imprensa negra denota sentidos referentes à autoria, ao público e aos objetivos, ou seja, eram jornais produzidos por negros com objetivo informativo e educador dos assuntos relacionados à população negra direcionado ao público negro, com registros a partir

¹⁴ Recentemente, a lei 14.532 de janeiro de 2023 tipifica também como crime de racismo as discriminações também de ordem pessoal, aquelas anteriormente designadas como injúria racial.

1833, a imprensa negra brasileira foi protagonizada por negros livres letrados (Pinto, 2010).

Neste início, os pasquins negros tinham como objetivo fomentar assuntos relacionados aos direitos individuais, construir redes de solidariedade e edificação de uma voz coletiva enquanto grupo. Também possuíam intenções abolicionistas, contribuindo na parte educativa de seu público através da articulação de arcabouço intelectual crítico às teorias raciais da época, dentre outras reivindicações (Pinto, 2010).

Considerando isso, ressaltamos como parâmetros antirracistas para fins desta pesquisa baseados na imprensa negra brasileira como: construção de redes de solidariedade entre grupos negros; edificação de uma voz coletiva entre negros e negras; papel educativo a partir da ampliação de teorias negras; e papel crítico frente às desigualdades raciais e sociais.

Na contemporaneidade ainda faz se necessário empreendimentos que pautem as questões negras visto que, de acordo com Almada (2012) o racismo midiático opera apresentando negros e negras estereotipadamente e espetacularizada, destaca nos noticiários aspectos negativos que cercam esse grupo social, ocultando as estruturas que proporcionam tais condições. Além disso, naturalizam a subalternidade racial e social, reprimem as narrativas prósperas e as contribuições históricas de negros e negras na formação do país. A autora pontua que, em contrapartida, de forma isolada ou coletivamente, grupos criam estratégias de comunicação contra-hegemônica.

Com o referencial da argumentação proposta por Almada (2012) propomos as seguintes abordagens antirracistas nas práticas jornalísticas: a representação de negros e negras de forma não estereotipada; aspecto denunciativo frente às opressões e violências de cunho racista; evidenciar as estruturas que proporcionam à população negra estar sujeita à pobreza, criminalidade, entre outras mazelas; evidenciar narrativas prósperas de negros e negras; evidenciar contribuições históricas da população negra brasileira.

No âmbito interpessoal, é viável promover a construção e atuação antirracistas, com foco particular na atuação das pessoas brancas. Ribeiro (2019) apresenta propostas de ações que incentivam esses indivíduos a se oporem ao racismo. Dentre suas preposições, incorporamos: o reconhecimento e a articulação do conceito racismo; uso dos termos “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”, bem

como o debate acerca de seus usos e sentidos; visibilidade das questões raciais; reconhecer o racismo internalizado nas próprias práticas; presença de autores, intelectuais e personalidades negras na elaboração dos discursos; denúncia e combate à violência racial.

Ribeiro (2019) foca em estratégias e ações direcionadas a indivíduos não-negros, mas atenta que, negros e negras podem usar o material como forma de conscientização dos processos históricos e para não reprodução do racismo. Partindo deste pressuposto, as indicações acima foram elaboradas pensando em parâmetros de análise dos discursos produzidos por pessoas negras e que tenham como público pessoas negras ou não negras.

Apresentamos o empenho de gerações em prol das reivindicações da população negra a partir da trajetória dos movimentos negros. Em seguida, apresentamos estratégias antirracistas com base nas abordagens da imprensa negra brasileira, apontamos também as abordagens antirracistas no âmbito da comunicação e por fim, evidenciamos abordagens num nível interpessoal. Compreendemos que muitas dessas práticas se repetem ao longo dos movimentos que as empreenderam por corresponderem às continuidades de práticas antirracistas empregadas em momentos históricos sociopolíticos distintos.

Partindo dos referenciais apresentados, dos movimentos negros, da imprensa negra brasileira, a partir do evidenciamento do racismo midiático e de preposições antirracistas no âmbito interpessoal, esquematizamos as seguintes abordagens como referenciais de análise para um jornalismo antirracista.

O reconhecimento e articulação do conceito de racismo, nossa unidade de análise primeira, focamos no uso desse termo durante os episódios, nas falas dos podcasters e dos convidados. Explorando a contextualização do termo, observamos se a partir de seus usos e sentidos há conceituações e/ou exemplificações que orientem o ouvinte a compreender tal temática.

Em seguida, direcionamos nossa atenção à menção da trajetória de autores, intelectuais, personalidades negras, incluindo as próprias às podcasters e jornalistas negras e suas fontes nos episódios, ressaltando os detalhes atribuídos nessas menções.

A denúncia à violência racial, a violência motivada pela identidade racial, vai além do relato de casos virulentos contra a população negra, sendo especificamente motivada pela sua identidade racial. Neste ponto, observamos o uso ou a ausência

de estereótipos racistas relacionados à criminalidade associada a pessoas negras, bem como a desconstrução desses estereótipos através da contextualização dos aparatos sociais operacionalizados nessas práticas.

A edificação de uma voz coletiva entre negros e negras ocorre através da valorização da identidade negra, destacando narrativas prósperas que contrastam com relatos de sofrimento, padecimento e violência. Também prestamos atenção à divulgação das significativas contribuições históricas da população negra em diversas áreas.

Para a investigação da construção de redes de solidariedade entre grupos negros no podcast, definimos como papel educativo, crítico e cultural, baseados nas práticas dos movimentos negros e da imprensa negra brasileira.

No papel educativo, contemplamos a exposição de arcabouço teórico produzido por negras e negros relacionado a temas diversos, incluindo temáticas raciais. O papel crítico refere-se à contextualização das desigualdades sociais baseadas na raça, através dessa contextualização, verificamos a viabilidade do reforço ou desconstrução de estereótipos. O papel educativo refere-se a parte do conteúdo sonoro dedicada à promoção e apoio às expressões artísticas, abrangendo literatura, artes cênicas, artes visuais, entre outras, produzidas e/ou protagonizadas por pessoas negras.

Já a construção de redes de solidariedade entre grupos negros na podosfera verificamos a relação desses com outros produtores e podcasts, entre as possíveis relações estão as parcerias entre podcasters, participação em outros podcasts, uso de hashtags que informem criação coletiva de vínculos entre outros podcasts.

No próximo capítulo, abordaremos o podcasting, discutindo suas características, seu desenvolvimento técnico, sua popularização e a adoção por diversos grupos sociais dessa mídia multifacetada.

2. PODCASTING

Há quase duas décadas, surgia no contexto estadunidense a nomenclatura *podcasting* para designar a distribuição digital de conteúdo em áudio. No mesmo ano, em outubro de 2004, surgia no Brasil o primeiro podcast nacional, o Digital Minds (Pinheiro; Mustafá; Silva, 2021). Desde então, essa forma de mídia tem desempenhado diversas funções e sido adotada por uma variedade de grupos, empresas e instituições.

Embora compartilhe várias características com o rádio por ser uma mídia principalmente sonora, o podcasting também dispõe de recursos que o aproxima de outras mídias e formas comunicacionais, sendo, portanto, uma mídia híbrida (Bonini, 2022). Além disso, o podcasting possui atributos singulares que se alinham com seus usos e sentidos na sociedade altamente conectada da contemporaneidade.

De acordo com o Guia de Podcast Advertising 2022, elaborado pelo IAB Brasil em parceria com *Offerwise*, 76% dos brasileiros escutaram algum tipo de conteúdo de podcast no ano de 2021. A pesquisa também ressalta que a mídia em questão conquistou um grande número de ouvintes durante o contexto desafiador da pandemia da Covid-19.

Segundo estudos realizados entre *Spotify* e *IPG Mediabrands*¹⁵, a popularidade e aceitação dos podcasts durante a pandemia global da Covid-19 podem ser atribuídas, na maioria, à sua capacidade de serem consumidos em formato de áudio enquanto os ouvintes realizam outras atividades, à fadiga provocada pelo uso constante de telas, além da intimidade proporcionada na relação entre anfitriões e ouvintes. Dois dos nossos objetos de escuta surgiram durante a pandemia global da Covid-19, o Pretoteca e o Conversa de Portão, ambos em 2020.

Neste capítulo discutiremos sobre as principais características e conceituações do podcasting como mídia híbrida através de autores e autoras dos estudos comunicacionais, considerando o desenvolvimento desta mídia no Brasil. Em seguida apresentamos a relação entre jornalismo e podcasting. E por fim, discutiremos sobre alguns dos usos e sentidos do podcasting por mulheres negras, trazendo referenciais de pesquisas recentes e fontes sonoras de podcasters negras, para delinear algumas das formas nas quais este grupo tem construído abordagens e ferramentas fundamentadas na identidade cultural.

É importante mencionar que neste trabalho, encaramos o podcasting segundo Viana (2022) como “uma prática cultural e comercial que envolve os processos de produção, transmissão, circulação e consumo de podcast, sendo este último o produto resultante dessa prática” (Viana, 2022, p. 29). Com podcasting, nos referimos à mídia híbrida na totalidade, em suas características e especificidades, levando em conta suas modificações ao longo dos anos, bem como os usos e sentidos atribuídos por diferentes grupos sociais, empresas de comunicação e

¹⁵ Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/a-expansao-do-audio-digital/>. Acesso em 16 jun. 2023.

demais organizações. Já a nomenclatura podcast utilizamos para designar tanto o programa quanto os episódios dos referidos programas a depender do contexto¹⁶.

2.1 O podcasting até aqui

Compreender a origem do podcasting e seu sucessivo desenvolvimento no âmbito comunicacional oferece indícios de seus usos e sentidos operacionalizados na atualidade. O podcasting, que em 2024 completa duas décadas, introduziu aspectos inovadores na criação de conteúdo sonoro, nesse processo, recebeu múltiplas interpretações, a partir dos usos e sentidos, atribuídas pelos usuários, por empresas, por pesquisadores da área e pela sociedade na sua totalidade.

O podcasting origina-se nos anos 2000 no contexto da disseminação massiva de informação e alteração dos modos de consumo de conteúdo informativo devido ao surgimento da internet a partir dos anos 1990 e da popularização dos celulares inteligentes (Ferrareto, 2014). Assim, o podcasting, tal como o conhecemos hoje, originou-se do anseio por distribuir áudio digital sob demanda por meio de aparatos tecnológicos disponíveis no começo dos anos 2000, como o RSS, previamente utilizado na produção de audioblogs (Freire, 2017).

De acordo com Freire (2017), no desenvolvimento dessa nova proposta, almejava-se tornar o conteúdo sonoro acessível sem a necessidade de acessar os blogs. Para isso, surgiu uma parceria entre o programador Dave Winer e o ex-VJ da MTV Adam Curry, este último, posteriormente, familiarizou-se com a linguagem de programação Apple Script, resultando na criação do primeiro agregador de áudio digital sob demanda, nomeado como iPodder, disponibilizando-o livremente para aprimoramentos futuros.

Mais adiante, em 2004, o termo podcasting emergiu como junção do prefixo “pod” proveniente de iPod, tocadores de MP3 que estavam em alta no período em questão, e o sufixo “casting” provindo de “broadcasting”, referindo-se a transmissão massiva de informações (Luiz; Assis, 2010). Em outras palavras, de forma literal o

¹⁶ Alguns autores da área de mídia sonora não trazem a diferenciação entre podcasting e podcast em seus trabalhos e utilizam apenas um desses termos para abranger tanto prática quanto produto, o que pode aparecer em algumas citações diretas ao longo desta dissertação.

termo podcasting designava um tipo de distribuição de áudio massiva através de tocadores específicos.

Entretanto, dando vazão para os sentidos evocados por essa nomenclatura, Sterne et al. (2008, n.p) mencionam que:

(...) podcasting é um termo consideravelmente mais polêmico. Um híbrido coloquial de “radiodifusão” (no inglês *broadcasting*) e da marca registrada “Ipod” da Apple, contém a referência a um produto bem conhecido e de marca forte, ao mesmo tempo que evoca noções de liberdade pessoal e de fuga à garras da radiodifusão comercial (grifo da autora).

Desde seu surgimento, o termo podcasting passou por um processo de disputa de sentidos. Primeiramente proposto sem muitas pretensões pelo jornalista do *The Guardian* Ben Hammersley, que lança este e mais outros termos para designar essa nova forma de distribuição de áudio digital. Em seguida rememorado por Adam Curry, ex-apresentador da *MTV*, que disseminou veemente o termo na imprensa. Num terceiro momento, para desvincular o termo ao seu tocador de áudio mais popular Ipod, David Searls, que na época era editor do *Linux Journal*, apostou, sem sucesso, na redefinição do termo para “*Personal Option Digital-casting*” (Sterne et al., 2008).

Em síntese, diferentes atores sociais operacionalizaram sentidos ao termo podcasting como forma de pontuar tanto a função quanto a abrangência do podcasting, que neste começo era fortemente ligado aos sentidos de inovação e de distribuição com custos reduzidos.

Seguindo essa característica de relativa acessibilidade, o podcasting tornou-se gradativamente mais acessível a partir do desenvolvimento tecnológico e da evolução dos smartphones. Isso se deu tanto em relação ao seu aspecto de produção, visto que apenas com o uso de um smartphone é possível criar conteúdo de áudio digital e publicá-los na internet, quanto em relação ao acesso desses enquanto mídia móvel para ouvintes, visto que em momentos anteriores, a escuta de podcasts era limitada a certos dispositivos, como computadores e tocadores MP3 e tinham que ser baixados previamente. Isto proporcionou que consumidores de podcasts também se tornassem produtores, estabelecendo um diálogo entre si. Essa dinâmica entre produção e consumo de podcast é marcada principalmente por produções amadoras (Berry, 2006).

Concomitantemente a isso, o podcasting também foi adotado com fins lucrativos por produtores profissionais e pela grande mídia. Essa incorporação foi definida por Bonini (2020) como primeira era do podcasting, na qual se destaca, por um lado, as produções independentes sem fins lucrativos e por outro, as produções de profissionais e extensões de rádio, TV e jornais.

Segundo o autor, a segunda era do podcasting é marcada pela sua transição financeira dos podcasts, que começam a ser subsidiados exclusivamente pela sua audiência, tornando-se uma mídia cada vez mais popular e disseminada (Bonini, 2020).

Tentando acompanhar essa mídia em constante modificação, o meio acadêmico também se posiciona para defini-la e compreendê-la. O estudo de Viana (2020), a partir artigos publicados entre 2004 e 2019 nos principais eventos científicos de Comunicação no Brasil, destaca que as pesquisas sobre podcasting distinguem-se em duas linhas quanto ao seu referencial teórico partindo de compreensões para explicar e conceituar podcasting que por vezes se atravessam. Entre elas estão a compreensão de podcasting como mídia sonora associada aos estudos sobre rádio e/ou a compreensão como mídia digital ligado a aportes teóricos da cibercultura.

Isso destaca como os pesquisadores exploram a compreensão do podcasting com base em correntes teóricas previamente consolidadas, o que pode resultar em uma visão restrita dessa mídia e limitar a capacidade de abordar a diversidade de demandas que tais correntes teóricas não conseguem explicar.

Embora esse não seja nosso foco, pontuamos algumas semelhanças do podcasting com o rádio, ao passo que também destacamos suas distinções. Como modo de distribuição de áudio digital sob demanda, o podcasting, assim como os webrádios, integra o contexto de rádio expandido, partindo da compreensão de rádio como linguagem comunicacional que abrange voz, música, efeitos sonoros e silêncio em quaisquer suporte tecnológico (Kischinhevsky, 2016).

Partindo desse pressuposto, para compreender o podcasting, torna-se necessário analisar os elementos parassonoros, juntamente com os sonoros. Entre os elementos parassonoros podemos destacar, segundo Kischinhevsky (2016), fotos, vídeos, ilustrações, arquitetura de interação, textos, hiperlinks, funcionamento dos agregadores de áudio, plataformas de divulgação e a expansão do conteúdo em outros meios.

Compreendemos que as identidades audiofônicas em conteúdo de áudio são construídas, em alguma medida, através de marcadores territoriais pela expressão da voz, como priorizam Hack e Lima (2022). Entretanto, diferentemente da argumentação das autoras, no caso do podcasting, consideramos concomitantemente seus elementos parassonoros que evidenciam outros marcadores que são expostos antes do conteúdo em áudio chegar aos ouvintes.

A capa dos programas e dos episódios, o título do podcast e dos episódios, e a descrição dos mesmos nas plataformas de áudio e vídeo em que são alocados evidenciam ou não uma relação proporcional com o conteúdo em áudio digital, oferecendo pistas e referências complementares ao conteúdo geral proposto.

Ao considerarmos estes pontos, contemplamos as formas nas quais as identidades dos programas e dos podcasters são construídas para além do conteúdo em áudio, e como os podcasters recorrem às ferramentas de endereçamento para a construção das mesmas.

Em estudos mais recentes, Bonini (2022) acentua que podcasting é ao mesmo tempo, uma tecnologia e forma cultural híbrida, visto que apreendeu formas e linguagens não apenas do rádio, mas também do teatro, da literatura, do jornalismo online, do design, etc., conseqüentemente como um meio híbrido tem suas especificidades e autonomia.

É também nesse sentido amplo que Viana (2022, p. 29) define podcasting como “uma prática cultural e comercial que envolve os processos de produção, transmissão, circulação e consumo de podcast, sendo este último o produto resultante dessa prática”. É de extrema importância enfatizar a diferenciação apontada por Viana (2022), uma vez que a abreviação do termo “podcasting” para “podcast” se disseminou intensamente. Como resultado, plataformas de áudio e/ou vídeo, a imprensa, os usuários e até mesmo os pesquisadores da área passaram a adotar essa abreviação. Muitos estudiosos da mídia sonora não esclarecem a distinção entre esses dois termos em seus textos, utilizando-os como sinônimos.

Neste trabalho enfatizamos essa diferenciação de acordo com Viana (2022), nesse sentido, podcasting como prática cultural e comercial compreende as relações entre podcasters, convidados, ouvintes, empresas e instituições financiadoras, modos de produção e consumo, redes de interação, além de todo contexto geopolítico no qual esses elementos estão integrados. O podcast, neste caso, é o

programa com conteúdo de áudio ou vídeo dividido por episódios, esses são distribuídos nas plataformas de áudio e/ou vídeo.

Outra nomenclatura fundamental para compreensão do podcasting é *podosfera*, segundo o Guia de Podcast Advertising 2022, realizado pelo IAB Brasil em parceria com Offerwise, “o conjunto de players e elementos que fazem parte da cadeia e do ecossistema de podcasts” (p. 6). Esse espaço conglomera podcasters e seus programas, plataformas e redes sociais digitais, oportunizando a formação de comunidade.

Embora a produção de podcast disponha de uma determinada acessibilidade técnica, sua cadeia produtiva é extensa, passando pela idealização do programa, construção de pauta, roteiro, locução, montagem, criação de trilhas sonoras, design de imagem, distribuição e divulgação. Tais tarefas podem ser realizadas pelo podcaster ou conjuntamente com uma produtora, empresas especializadas nas etapas de produção de podcast, ficando encarregadas de todo esse processo ou parte dele (Guia de Podcasting Advertising 2022- IAB).

Em sua dinâmica de produção, os podcasts oferecem uma ampla variedade de formatos, quantidade e duração dos episódios gravados, frequência de postagens e diversidade dos assuntos tratados. Podcasters possuem relativa liberdade de criar características e normas distintas para seus programas a depender de seu propósito.

A variedade de formatos e temas presentes nos podcasts é abordada por diversos autores. Levando em conta a fluidez e constante experimentação desta mídia, Viana e Chagas (2021) apontam uma categorização sistemática baseada nas estruturas narrativas fundamentadas a partir das especificidades dos podcasts brasileiros, entre elas estão: relato, debate, narrativas da realidade, entrevista, instrutivo, narrativas ficcionais, noticiosos e remediado. Esses eixos estruturais marcam incisivamente a maneira como o conteúdo é abordado nos podcasts, entretanto, segundo os autores, esses eixos são passíveis de mesclagem num mesmo episódio ou ainda se adaptando ao decorrer dos episódios publicados, como forma de aproximação com os ouvintes.

A partir da lente interpretativa dos eixos estruturais, entre os objetos de análise dessa pesquisa desdobram-se os eixos noticiosos, debate e entrevista. Angu de Grilo é um podcast semanal que expõe as principais notícias do Brasil e do mundo, sendo, portanto, noticioso com análises aprofundados, ao mesmo tempo

que, uma grande marca do programa é o debate entre mãe e filha sobre as temáticas abordadas. Já os podcasts *Conversa de Portão* e *Pretoteca* enveredaram para o eixo de entrevista, no qual as podcasters realizam uma série de perguntas às suas fontes de forma a abordar um tema específico.

Quanto à rentabilidade dos podcasts, estes variam estes podem ser com fins lucrativos ou sem fins lucrativos. Nesse sentido, os podcasts podem contar com financiamento coletivo, no qual os ouvintes contribuem financeiramente de forma voluntária, com anúncios e parcerias comerciais, ou sem gerar nenhuma receita. Outra fonte de rentabilidade são os podcasts vinculados diretamente a empresas ou instituições.

A PodPesquisa Produtor 2020/2021 realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD) apontou que 65,7% dos produtores de podcasts brasileiros o fazem por *hobby* e não possuem remuneração. A pesquisa também demonstra que, quando remunerados, o financiamento coletivo é a principal forma de captação de recursos dos podcasters, esse último dado indica que mesmo os podcasts remunerados, em sua maioria, não estão ligados à mídia tradicional ou são patrocinados por grandes empresas, embora existam exceções.

Podemos observar isso, por exemplo, no objeto de análise *Angu de Grilo*, que após alguns anos como produção independente sem fins lucrativos incorpora o financiamento coletivo como forma subsidiar melhorias técnicas no programa em questão, ao passo que também amplia sua rede de interação com os ouvintes apoiadores.

A popularidade do podcast no Brasil é expressa no Guia de Podcast Advertising 2022, realizado pelo IAB Brasil em parceria com Offerwise, mostrando que 76% dos brasileiros ouviram podcasts no ano de 2021, sendo que a porcentagem em 2019 indicava que 40% dos brasileiros consumiam tal conteúdo sonoro.

A referida pesquisa ainda salienta o aumento do consumo de podcast no cenário pandêmico da Covid-19, apontando que 57% dos brasileiros começaram a ouvir podcasts durante a pandemia e 31% intensificaram seu consumo. Dessa forma, tal mídia vem se construindo como apta a interesses comerciais, o próprio estabelecimento desta pesquisa, e outras como a PodPesquisa 2020/2021 realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD), atesta sua profissionalização no cenário do país.

Centralizamos o podcasting e suas características como aptas na construção de um jornalismo antirracista devido aos seus aspectos de acessibilidade técnica, autonomia na produção de conteúdo e variedade de formatos, diferentemente de outras mídias, o podcasting oferece aos produtores a liberdade de criar características e normas distintas, proporcionando um meio vantajoso para grupos sociais marginalizados pela grande mídia (Barner, 2021).

Seguindo a compreensão de Bonini (2022), atentamos para uma visão que destaca as formas como a sociedade pode mudar a mídia designando papéis sociais específicos, nesse sentido, sendo utilizada por diferentes grupos sociais, de variados gêneros, raças e classes, além de partir de iniciativas independentes ou com auxílio financeiro. Como prática cultural, o podcasting constitui-se como espaço onde múltiplas vozes, inclusive vozes de grupos historicamente oprimidos, elaboram sentidos e identidades através da produção de conteúdo sonoro, frente à falta de representatividade, invisibilidade de suas pautas e da objetificação destes grupos, pela mídia hegemônica. Entretanto, como argumenta Cavalcante (2021):

Ainda que o podcast se configure um espaço seguro para o debate e a criação de comunidade entre quem produz e seus ouvintes, o fato de que essa mídia se restrinja ao ciberespaço e, assim, só permita o acesso de um público que tenha condições de transitar por esse ambiente, traz à tona uma reflexão em relação a como que esse conteúdo chega a seu público-alvo: grupos minoritários que, uma parte não possui acesso majoritário à uma internet de qualidade. Quanto a essa questão, consideramos que em razão do podcast não ser uma mídia plenamente democrática, do ponto de vista do acesso à internet, isso dificulta que os programas cheguem de forma ampliada a todos os públicos que quer atingir, inclusive aqueles que têm esse acesso mas não conhecem a mídia, ao tempo em que também acreditamos que os podcasts conseguem chegar a parte do público, circulando apenas dentro de uma rede mais restrita (Cavalcante, 2021, p. 67).

O ponto abordado por Cavalcante (2021) descortina uma suposta democratização da mídia podcasting, assim como a autora, compreendemos que o podcasting é uma das vias para criação de comunidade online, mas ainda restringe sua amplitude exatamente por esse motivo. De acordo com o estudo do Cetic.br¹⁷ (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação),

¹⁷Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20240606115919/estudos_setoriais-conectividade_significativa.pdf. Acesso em: 09 jun. 2024.

no Brasil a exclusão digital atinge em maior parte populações das regiões Norte e Nordeste, mulheres, pessoas autodeclaradas pretas ou pardas.

Como uma mídia em constante transformação, é importante reconhecer o percurso dos sentidos atribuídos ao podcasting ao longo de sua trajetória, apreender as maneiras nas quais suas características, sejam elas associadas ao rádio ou oriundas de outros meios, fornecem compreensões para sua dinâmica na atualidade. Veremos a seguir como a relação entre podcasting e jornalismo, por exemplo, se dá inicialmente através do radiojornalismo.

2.2 Podcasting e jornalismo

Segundo Latam Podcast Report¹⁸, da Triton Digital, no seu relatório anual sobre os podcasts mais populares na América Latina de 2022, entre os dez mais ouvidos, cinco são produções brasileiras, todos eles associados a empresas de comunicação, e a maioria desses são de conteúdo noticioso. Neste tópico, delineamos alguns aspectos da relação entre podcasting e jornalismo, de forma a compreender as especificidades dos nossos objetos de escuta e estudo, os quais, por sua vez, são apresentados e produzidos por jornalistas negras.

No entrelaçamento de podcasting e jornalismo, inicialmente nos atentamos a duas direções que não são completamente opostas, mas consideravelmente relacionáveis. O podcasting, que emerge como uma mídia predominantemente sonora, incorpora características já consolidadas da tradição do radiojornalismo. Além disso, é por meio do podcasting que o radiojornalismo encontra mais uma possibilidade de expandir-se diante das novas experiências midiáticas de escuta.

A partir desses dois pontos, aglutinam-se tanto o que diz respeito à forma como o conteúdo do que envolve o radiofônico no podcasting. De acordo com Ferraz e Gambaro (2020)

O desenvolvimento dos podcasts jornalísticos, nesta segunda década do século 21, guarda uma relação histórica com os formatos e estratégias do radiojornalismo. Neste momento, em que o rádio está completando 100 de existência como meio de comunicação massivo, formas mais recentes de consumo de conteúdo sonoro bebem da mesma fonte de linguagem e de produção. Por outro lado, os podcasts, por constituírem um modelo

¹⁸ Disponível em:

https://tritondigitalv3.blob.core.windows.net/media/Default/PodcastReports/LATAM%20Ranker%20Dec2022_EN.pdf. Acesso em: 22 dez. 2023.

assíncrono de distribuição de conteúdo, proporcionam experiências renovadas de escuta que, por sua vez, permitem o uso mais intensivo de uma miríade de recursos de linguagem (Ferraz; Gambaro, 2020, p. 156).

Esse processo está relacionado às formas como o rádio adentrou o espaço digital também através do podcasting. Ao germinar como um meio de distribuição de áudio sob demanda, o podcasting foi um ambiente propício para que a mídia sonora rádio encontrasse espaço para mais uma vez se reinventar, especialmente no que diz respeito ao jornalismo radiofônico.

De acordo com Bufarah e Padilha (2020, p. 05) esse processo “possibilitou a segmentação dos conteúdos em partes audíveis fora da programação das emissoras”. Esta possibilidade muda o cenário sonoro porque passa a existir outras possibilidades na relação entre radiojornalismo e podcasting:

(...) conteúdos produzidos por emissoras de rádio para sua grade de programação e depois recortados para serem distribuídos em formato de podcast. Outra possibilidade seria a produção de conteúdos em áudio dissociados das programações de qualquer emissora, mas que ainda seguem os padrões de linguagem de gêneros radiofônicos. A terceira opção seria a criação de um podcast como parte de uma narrativa transmidiática em que várias partes (em várias mídias) se agrupassem dando sentido à história. A quarta opção seria a produção de podcasts com suportes multimidiáticos, em que mais áudios, textos, fotos e vídeos fossem complementares à narrativa, não sendo fundamentais para o entendimento do todo (Bufarah; Padilha, 2020, p. 13-14).

É notável que tais encruzamentos revelam a integração do rádio à fluidez do podcasting, visando alcançar e ampliar seu público diante das novas formas de consumo de conteúdo sob demanda. Estes aspectos relacionais entre rádio e podcasting indicam pontos em comum, como a linguagem e as técnicas já conhecidas no meio radiofônico (Silva; Malta, 2022).

Ferraz e Gambaro (2020, p. 166) definem o podcast jornalístico como “uma expressão que abrange várias formas de fazer jornalismo com origens radiofônicas”. Essa definição se aplica, principalmente, na interpretação de modelos adotados por alguns podcasts, comuns também no rádio, tais como entrevistas, reportagens e comentários.

Entretanto, dada a fluidez proporcionada pelo podcasting, muitas variações e experimentações estão no corpus da produção jornalística em podcasts. De forma a

classificar essas variações, Viana e Chagas (2021) apontam eixos estruturais baseados nas características e estruturas dos podcasts brasileiros.

Entre os eixos estruturais que compõem o viés jornalístico, Viana e Chagas (2021) destacam as categorias de narrativas da realidade e noticioso. Segundo os autores, as narrativas da realidade apresentam reconstruções da realidade e contação de histórias de personagens comuns ou históricos, já o eixo noticioso costuma apresentar boletins e resumos da semana. Há também aqueles podcasts que correspondem ao eixo remediado, nos quais os conteúdos são transpostos dos rádios, da TV ou da internet para o podcasting, estes por sua vez também variam quanto ao conteúdo abordado (Viana; Chagas, 2021).

Considerando que nossos objetos de escuta e estudo são podcasts produzidos por jornalistas negras ligadas a diferentes associações e distintos eixos estruturais, em nossa análise partimos das formas nas quais jornalistas negras empreendem a formatação da notícia, em seus processos de seleção e hierarquização (Oliveira, 2020) revelado no produto final, os episódios dos podcasts.

De acordo com Oliveira (2020, p. 49) “o jornalismo opera um processo de seleção para definir quais fatos merecem ou não ser noticiados e em qual peso. Além disso, em qual perspectiva tais fatos devem ser abordados, que implica na angulação a ser dada para a pauta”. Desse modo, além da deliberação da pauta, destacamos também as etapas produtivas de captação, redação e edição final.

Com base em Oliveira (2020), as pautas referem-se ao que será abordado com mais ou menos aprofundamento, bem como o tempo dedicado a cada uma delas, em um tema mais amplo. No podcasting, a duração é variada e depende de uma série de fatores, sendo necessário considerar o tempo e nível de aprofundamento dedicado a cada uma das pautas.

A captação corresponde aos dados utilizados, às fontes consultadas e às perguntas feitas às fontes. O que temos acesso, nos objetos de escuta e análise, é revelado no produto final, portanto, conectada à captação está a redação, compreendendo as formas como as informações são organizadas nas falas dos podcasters.

Mesmo que nem todos os podcasts com viés jornalístico adotem a leitura de roteiros, pois é característica também dessa mídia um atributo conversacional, nos deteremos à lógica de organização das pautas abordadas, às perguntas feitas às

fontes e aos dados evidenciados. Na edição final, nos atentamos a quais pautas são priorizadas e colocadas na capa e nos títulos dos episódios.

Essas etapas foram consideradas na forma como aparecem no produto sonoro final. Desse modo, compreendemos como podcast jornalístico, para fins desta pesquisa, os podcasts que centralizam conteúdo noticioso, que evidenciam no em seu produto final os procedimentos de produção jornalística, independentemente do modelo adotado, bem como as hibridizações envolvidas.

Com procedimentos de produção jornalística nos apoiamos na compreensão de Moraes (2022), na qual aponta a objetividade jornalística como:

(...) apuração ampla (entrevistas, consultas bibliográficas, observação *in loco*); checagem de dados; confirmação e encruzamento de informações; escrita acessível a um público mais amplo; busca de fontes variadas e compatíveis ao assunto em tela; manutenção e não alteração do que foi declarado e/ou divulgado; utilização de valores-notícia (Moraes, 2022, p. 13-14).

Tais critérios de produção jornalística não anulam as questões de seleção e hierarquização, mas são complementares e interdependentes a estas.

É por meio destes elementos que estamos identificando abordagens antirracistas nos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca. Como veremos mais adiante, o podcast Angu de Grilo através de uma conversa informal traz uma gama de notícias, privilegiando algumas pautas nas quais se aprofunda por meio de dados e referenciais teóricos e não teóricos. O Pretoteca parte de entrevistas com perguntas direcionadas à experiência de seus convidados enquanto pessoas negras. E o Conversa de Portão apresenta um roteiro mais fechado, no qual aborda um tema geral por meio da participação de fontes especializadas. Assim, a partir dos procedimentos clássicos empregadas no jornalismo, nos dedicaremos à identificação de como esses podcasts apresentam temas raciais.

Essas categorizações foram fundamentais para filtrar as pautas que serão analisadas no corpus desta pesquisa, manuseamos tópicos que tiveram mais e menos aprofundamento considerando a temática racial, bem como as questões da operacionalização da identidade visual, da identidade sonora e do endereçamento, questões que discutiremos posteriormente, no capítulo 3.

Na próxima seção apresentamos um arcabouço referente à produção de podcasters negras, visando destacar como este grupo social tem operado na

podosfera. Essa abordagem se baseia na perspectiva de estudiosas de podcasts negros e podcasters negras.

2.3 A podosfera das mulheres negras

Neste trabalho nos interessa podcasts negros, compreendendo-os por meio da definição de Barner (2021), a partir do contexto estadunidense, como o agrupamento de podcasts (produto) e podcasters (produtores) negros, que tratam em seus programas de questões fundamentais desse grupo social de forma intencional, e/ou que se identificam como podcasts negros e negras.

Florini (2015), traz a perspectiva da recriação portátil de espaços sociais de grupos negros através do podcasting, no estudo sobre uma rede de podcasters negros autodenominados “Chitlin Circuit” ou “podcasters urbanos”, a autora aponta que ao utilizar vernáculos negros e sotaques variados, os podcasters transmitem para os ouvintes, uma intimidade similar a espaços de sociabilidade negra como barbearia, salão de beleza e igreja.

A escuta atenta proporcionada pelos podcasts associado ao uso de expressões próprias da cultura negra por parte desses podcasters, não só recria espaços de sociabilidade negra, mas tais práticas discursivas escapam à detecção do grupo dominante, uma vez que é necessária uma compreensão da cultura negra para seu entendimento completo (Florini, 2015).

Semelhante a isso, tratando de podcasts estadunidenses produzidos por mulheres negras e *queer*, Barner (2021) aponta não uso intencional de vírgulas explicativas, segundo a autora, as vírgulas explicativas são usadas para “fornecer mais contexto ou explicação de um conceito que o ouvinte pode não entender” (Barner, 2021, p. 46)¹⁹. Dessa maneira, a ausência de explicações de determinados conceitos e expressões configura-se como ato de recusa em educar grupos sociais que não seu público-alvo, que nesse caso, assim como as produtoras, o público que essas procuram atender são mulheres negras e *queer*.

Estas abordagens evidenciam as formas nas quais a identidade negra é posicionada numa mídia principalmente sonora como o podcast, apontando estratégias através da linguagem utilizada para construir comunidades que

¹⁹ No original: “The function of the explanatory comma is to provide further context or explanation of a concept that the listener may not understand” (Barner, 2021, p. 46).

remontam atos de resistência de seus antepassados, baseadas na tradição oral negra.

Ao trazer um panorama inaugural sobre a produção negra feminina em podcasts brasileiros, Cavalcante (2021), em relação ao conteúdo, pontua a centralidade de assuntos como o protagonismo de mulheres negras, trajetórias pessoais de mulheres negras e assuntos que versam sobre as relações étnico-raciais entre as temáticas abordadas na podosfera negra feminina, temas esses que não são tratados rotineiramente nas mídias tradicionais, têm nesses podcasts sua abordagem principal.

Cavalcante (2021) destaca que o ambiente de trocas tanto entre podcasters negros quanto entre podcasters negros e seu público é comumente categorizado como podosfera negra, segundo a autora pode ser compreendido como agrupamento que “age como uma comunidade, um espaço que reúne grupos diversos, mas com características em comum, unidos pelo mesmo sentimento subjetivo” (p. 65), as características em comum, neste caso, estão baseadas na identidade racial do grupo e conseqüentemente nas experiências subjetivas comuns entre negros e negras.

Seguindo a conceituação de podosfera, segundo o Guia de Podcast Advertising 2022, é o conjunto de players e elementos que fazem parte da cadeia e do ecossistema de podcasts, incluindo produtores, produtoras, plataformas e redes sociais digitais. O conceito de podosfera negra agrega tanto a categoria racial como também o sentido ligado à criação de comunidades, como identificado por Cavalcante (2021).

Tanto a ideia de podcasts negros defendido por Barner (2021) e de podosfera negra argumentada por Cavalcante (2021) assemelham-se, em alguma medida, ao sentido de imprensa negra, uma importante ferramenta comunicacional, que no Brasil remonta desde o século XIX (Pinto, 2010) o que evidencia o caráter ancestral protagonizada por produtores negros de podcast.

Como fonte sonora, o podcast “Meteora”, produzido pelas comunicadoras negras Cristiane Guterres e Renata Hilario, apresenta um panorama de podcasters negras no mercado de podcast no Brasil. Em novembro de 2019, as podcasters participaram do Spotify For Podcasters Summit²⁰, o maior evento de podcast da

²⁰ Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/spotify-for-podcasters-summit/>. Acesso em 11 jun. 2023.

América Latina, que ocorreu nos dias 01 e 02 de novembro em São Paulo que reuniu marcas, podcasters e público em geral em debates sobre processo de criação, produção e monetização de podcasts.

A partir desse encontro as podcasters disponibilizaram no perfil do Meteora Podcast três episódios gravados no referido evento, são esses: #38 Crossover especial: A mulher na indústria do podcast 08/01/2020 ; #39 Especial Podcasters Negros - Parte 1 22/01/2020; #40 Especial Podcasters Negros - Parte 2 22/01/2020²¹. Nesses episódios trazem perspectivas enquanto produtoras negras no mercado de podcast, falando sobre protagonismo, disputa de narrativas e ocupação de espaços.

No episódio #38 Crossover especial: A mulher na indústria do podcast, publicado no perfil do Meteora Podcast e também no podcast oficial do evento²², Cristiane Guterres e Renata Hilario conversam com podcasters brancas, Branca Viana do “Maria com as outras”, Angélica Souza do “Dibradoras” e Camila Fremder do “É Nóia Minha?”. No episódio em questão debatem sobre os desafios de ser mulher no mercado de podcast.

É evidente nas declarações das podcasters brancas a generalização da categoria “mulher” em relação à diversidade de temas nas quais as mulheres se desdobram em produzir, dito de outro modo, os discursos das podcasters brancas é reforçado a permissividade de mulheres brancas falarem sobre qualquer assunto, ao passo que é reforçado pelas podcasters brancas, a ideia das pessoas negras discutirem sobre pautas raciais.

Por outro lado, as falas de Cristiane Guterres e Renata Hilario são atravessadas pela interseccionalidade entre raça e gênero, além disso, as podcasters negras pontuam continuamente o senso de comunidade entre produtores negros dentro da podosfera e a importância de trazerem em seu podcast uma variedade de temas pela perspectiva de mulheres negras.

Semelhantemente, nos episódios #39 Especial Podcasters Negros - Parte 1 e #40 Especial Podcasters Negros - Parte 2, as podcasters Cristiane Guterres e Renata Hilario, reforçam o sentido de comunidade entre podcasters negros, para

²¹ Episódios publicados em janeiro de 2020 no perfil do Meteora Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0tw8zOYO1EcLgCb1kmqVAu?si=74c1b773c28143ea>. Acesso em 11 jun. 2023.

²² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/OMP5I0nVsnQbfKD8f682Ff?si=9b65c2c04de84bfd>. Acesso em 11 jun. 2023.

além de um recorte de gênero, argumentando suas motivações em prol da autodefinição e contação de histórias invisibilizadas.

No próximo capítulo, apresentaremos a abordagem metodológica da Análise Racial Crítica desenvolvida para a pesquisa sobre podcasting como uma mídia híbrida e prática cultural, que focaliza a questão racial para além do conteúdo em áudio digital.

3. PESQUISANDO PODCASTING SOB A PERSPECTIVA DA RAÇA

Durante a realização desta pesquisa, uma das preocupações centrais foi a questão de como abordar o podcasting sob a perspectiva da raça. Isso levou à busca por uma metodologia capaz de lidar com essa prerrogativa.

Para enfrentar esse desafio, primeiramente partimos da compreensão do podcasting como uma forma de mídia híbrida, que engloba também imagens e textos (Bonini, 2022). Com isso em mente, reconhecemos a importância de analisar o podcasting por meio de perspectivas metodológicas que vão além do aspecto sonoro, optando assim por uma abordagem interdisciplinar.

Além disso, ao considerarmos o podcasting também como uma prática cultural (Viana, 2022), visamos compreender suas dimensões de usos e sentidos, levando em conta os diversos atores sociais e contextos culturais envolvidos.

Através de um levantamento na plataforma de áudio e vídeo *Spotify* com as palavras-chave: jornalistas negras; jornalistas pretas; comunicação antirracista; jornalismo antirracista, selecionamos três programas de podcasts: Angu de Grilo (2019 - presente), Pretoteca (2020 - presente) e Conversa de Portão (2020 - 2023). Utilizamos como critérios de seleção a produção protagonizada por mulheres negras jornalistas, a regularidade e uma ampla quantidade de episódios publicados, assim como títulos de episódios que evidenciam questões raciais.

Como recorte temático dos episódios a serem analisados foram utilizados as palavras-chave: racismo; racista; antirracismo; antirracista, de modo a proporcionar a viabilidade da pesquisa. A partir dessa perspectiva foram selecionados 14 episódios, sendo quatro episódios do podcast Angu de Grilo, dois episódios do podcast Conversa de Portão e oito episódios do podcast Pretoteca.

Entretanto, por meio do recorte temático focamos na temática racial, abordando questões que envolvem o racismo e o antirracismo como ponto de partida para discussão de outras possíveis intersecções empregadas nos podcasts.

Após selecionarmos os episódios dos podcasts centralizamos intencionalmente a produção de jornalistas negras neste trabalho, priorizando a intersecção de raça e gênero com o objetivo de fomentarmos uma escuta e um olhar para dados que possibilitem a construção de um jornalismo antirracista na podosfera brasileira. Também revisamos os episódios pilotos dos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca para análise. Os episódios pilotos apresentam informações sobre o objetivo do programa, a apresentação das podcasters, as motivações para a criação do podcast, explicações sobre o título do programa, entre outros dados. Essas informações foram fundamentais para compreendermos de forma mais completa algumas dinâmicas abordadas ao longo dos episódios analisados.

Para responder o questionamento de como analisar podcasts sob a perspectiva de raça, para além de centralizar o foco no conteúdo em áudio digital em questões raciais, nos baseamos nos princípios da Teoria Racial Crítica aplicada às tecnologias comunicacionais (Silva, 2019) aliada a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso de Brock (2021).

Parafraseando o estudioso André Brock²³, a Teoria Racial Crítica revela a centralidade das questões raciais em quaisquer âmbitos de análise, mesmo quando não informada, a raça está presente. Silva (2019) argumenta que a perspectiva da Teoria Racial Crítica para o estudo de tecnologias comunicacionais é fundamental para compreender a relação entre o funcionamento de determinadas tecnologias e os modos como a comunidade negra as instrumentaliza. Complementar a isso, a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso oferece ferramentas para a compreensão dos aspectos culturais das tecnologias comunicacionais.

A partir dessas concepções, da Teoria Racial Crítica e da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, elaboramos uma abordagem metodológica para o estudo de podcasting, a Análise Racial Crítica de Podcasting, que será tratada no decorrer deste capítulo.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9zcnnGt160>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Antes disso, pontuamos que a Teoria Racial Crítica é instrumentalizada em dois níveis neste trabalho, primeiro como postura epistemológica abordada na pesquisa, e depois como referencial analítico das abordagens antirracistas.

Como abordagem macro, uma perspectiva fundamentada na Teoria Racial Crítica, ao examinar a comunicação digital, se sustenta nos seguintes pilares: (1) ordinariedade do racismo; (2) raça como construção social; (3) interseccionalidade; (4) conhecimento experiencial; (5) transformação social e (6) interdisciplinaridade. Esses princípios são empreendidos ao longo de todo trabalho, sobre esse viés apresento a seguir uma contextualização.

A compreensão da ordinariedade do racismo e da raça como construção social são fundamentais neste trabalho, visto que partimos do pressuposto de que as sociedades afrodiáspóricas foram assentadas a partir da exploração virulenta de sujeitos negros. Como resultado, o racismo enquanto opressão é perpetuado através de práticas cotidianas que se retroalimentam, tanto numa dinâmica individual quanto coletiva e institucional dentro de várias esferas de poder. Nesse contexto, a comunicação desempenha um papel fundamental, contribuindo tanto para a perpetuação quanto para a desconstrução dessas amarras. Dentro de tais dinâmicas de poder, opera o racismo midiático brasileiro, bem como a agência de uma comunicação comprometida no combate ao racismo. A pesquisa traz luz também a questão de que o podcasting, como tecnologia comunicacional, é projetada por um viés de raça, atentando às formas como as interlocutoras de pesquisa instrumentalizam estas ferramentas.

A perspectiva da transformação social sedimenta esta pesquisa, uma vez que o objetivo geral desta é a investigação das marcas que apontem para a construção de um jornalismo antirracista no Brasil. Focando nas maneiras pelas quais as interlocutoras de pesquisa, jornalistas negras e podcasters, têm cultivado novas abordagens para pensar no jornalismo relacionado a questões raciais e na comunicação como um todo.

A transformação social, desta vez, no âmbito acadêmico, também está contemplada neste trabalho, considerando que essa dissertação foi construída a partir de fundamentos antirracistas, por meio do referencial teórico baseado predominantemente em autoras negras e autores negros, para além daqueles amplamente debatidos nos círculos acadêmicos por versarem das temáticas referentes as questões raciais. Isto foi realizado a partir de uma minuciosa colheita

teórica nas áreas das Ciências Sociais, da Comunicação e dos estudos de podcasting, de modo a condizer com a amplitude das problematizações propostas.

Silva (2019, p. 141) define conhecimento experiencial, como “o reconhecimento do ponto de vista da população e dos pesquisadores e de minorias políticas e sexuais como agentes de construção de conhecimento”. Partindo deste pressuposto, o conhecimento experiencial, conforme mencionado anteriormente, configura-se por meio da escolha intencional de nosso referencial teórico, mas principalmente ao focar nas falas das podcasters, jornalistas negras, em seus respectivos podcasts. Isso visa compreender as estratégias antirracistas propostas por elas no âmbito do jornalismo.

Conforme argumentado por Silva (2019), a perspectiva da interseccionalidade emerge no contexto dos Estados Unidos, a partir do cruzamento entre a Teoria Racial Crítica e os Estudos Feministas, buscando compreender como as opressões de raça e gênero se entrelaçam, especialmente no impacto sobre mulheres negras. Esse conceito, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, inicialmente destinava-se a destacar tais questões no campo jurídico, porém, gradualmente, foi adotado para aplicação em outras áreas de análise.

Nesse sentido, Collins e Bilge (2020), argumentam que a interseccionalidade é comumente utilizada como ferramenta analítica para identificar as categorias e marcadores da diferença de forma a interpretar uma pluralidade de problemas sociais e como ponto de partida para propor estratégias de resolução de tais problemas. É importante enfatizar que, consoante as autoras, este emprego da interseccionalidade “não está circunscrita às nações da América do Norte e da Europa nem é um fenômeno novo. No Sul global, a interseccionalidade é usada frequentemente como ferramenta analítica, mas não recebe essa denominação” (Collins e Bilge, 2020, n.p.).

É nessa perspectiva que, por exemplo, a intelectual feminista negra brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), referência nos estudos sobre mulheres negras no Brasil, enfatiza a tripla discriminação que perpassa mulheres negras brasileiras, provindos dos marcadores de raça, gênero e classe. Esta prerrogativa também foi empreendida, assim como foi por Lélia Gonzalez, por diversas outras feministas negras afrodiáspóricas, dentro e fora do meio acadêmico desde os anos 1970 (Vigoya; Pinho, 2023).

Sendo assim, a perspectiva interseccional está no cerne da presente pesquisa, sendo o ponto de partida e empreendida de formas multifacetadas. A interseccionalidade é operacionalizada inicialmente nessa pesquisa por meio do foco na intersecção, raça e gênero, trazendo mulheres negras como interlocutoras de pesquisa e centralizando suas inventividades. Essa perspectiva se baseia na trajetória de mulheres negras na construção de estratégias de sobrevivência a datar do período escravocrata até os dias atuais. Conforme apontado por Gonzalez (2020), mulheres negras tiveram grande contribuição na disseminação e no assentamento da cultura negra no Brasil, visto que, uma das principais artimanhas coloniais estava empreendida no apagamento desta cultura.

Além do mencionado, no campo teórico e dos movimentos sociais, mulheres negras, a partir do feminismo negro e posteriormente através dos estudos feministas, foram responsáveis por debruçar-se as diversas opressões que assolam este grupo social, de modo a propor estratégias de melhoria no âmbito político, econômico, da saúde, da educação, da comunicação, entre outros (Bairros, 1995; Carneiro, 2003).

Colocar mulheres negras como figuras centrais, neste trabalho, é observar as estratégias operacionalizadas por elas na contemporaneidade, observando sua atuação no campo comunicacional, suas potencialidades, eficácia, limitações e diálogos com os referenciais desta tradição de luta política e teórica.

Por fim, a interdisciplinaridade se torna evidente em minha trajetória acadêmica em Ciências Sociais ao entrar em um Programa de Pós-graduação em Comunicação. Isso me levou a adentrar numa linha de pesquisa focada nos processos e práticas do jornalismo. Desse modo, a presente pesquisa, abrangendo podcasting, jornalismo e práticas antirracistas, conduziu à construção de um aparato teórico-metodológico interdisciplinar de forma a conseguir analisar nossos dados de pesquisa de forma frutífera. As relações entre jornalismo e rádio, jornalismo e podcasting, rádio e podcasting, também destacam a ampla gama interdisciplinar presente neste trabalho.

Após apresentar a abordagem macro da Teoria Racial Crítica na pesquisa, passemos para compreensão de como esta se aplica como referencial de análise. Para tanto, no tópico a seguir apresentamos as minúcias metodológicas da Análise Racial Crítica de Podcasting, elaborada para abordar o estudo dessa mídia híbrida e prática cultural centralizando a raça. Apontamos as subdivisões de nossa

investigação, abordando seus princípios, a esquematização dos dados e os referenciais de análise, bem como a influência da Análise Tecnocultural do Discurso, segundo Brock (2021) para a esquematização da nossa metodologia.

3.1 Análise Racial Crítica de Podcasting

A Análise Racial Crítica de Podcasting foi desenvolvida para presente pesquisa com o objetivo de centralizar questões raciais para além do conteúdo em áudio digital em podcasts. Dessa forma, utilizamos a Análise Racial Crítica para a investigação das abordagens antirracistas em podcasts produzidos por jornalistas mulheres negras.

Ao compreender o podcasting como mídia e tecnologia híbrida (Bonini, 2021) e prática cultural e comercial (Viana, 2021), o foco é entender como as jornalistas negras, nossas interlocutoras de pesquisa, abordam questões antirracistas em seus podcasts. Isso inclui não apenas analisar os discursos proferidos nos episódios, mas também considerar como as podcasters projetam e utilizam essa mídia para fins específicos, recorrendo às ferramentas e da mecânica fornecidas por ela.

Para tanto, nos baseamos na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso proposta por Brock (2021) para análise de tecnologias digitais. Em seus princípios, a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, explora as relações entre tecnologia e cultura, trazendo para o centro da análise não só a funcionalidade das tecnologias comunicacionais, ou seja, para que foram projetadas, mas também como determinados grupos sociais operacionalizam essas tecnologias, construindo usos e sentidos próprios com base em referenciais culturais desse grupo.

De forma prática, Brock (2021) aponta que a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso opera em três níveis de investigação, considerando as tecnologias de mídia como serviço, como interface e mecânica, e como discurso. Isso significa que, ao considerar as tecnologias como serviço, deve-se observar a contextualização histórica e os modos de produção de determinada tecnologia digital; ao considerá-las como interface e mecânica, é necessário analisar sua funcionalidade técnica e as formas de uso por parte do grupo estudado; e, por fim, é preciso analisar os discursos produzidos nesses meios.

Desse modo, na Análise Racial Crítica de Podcasting encaramos podcasting a partir de seu percurso histórico mais amplo, como já destacado no capítulo 2, as

formas nas quais essa tecnologia híbrida foi projetada, os atores sociais que protagonizaram essa empreitada, bem como os sentidos atribuídos a essa mídia ao longo de seus anos de existência. Isto revela como a sociedade modifica os sentidos de determinada mídia, como argumentado por Bonini (2021).

O podcasting como mídia de características fluidas oferece um campo fértil para compreensão de como o conteúdo jornalístico é abordado a depender de seus produtores, vinculação de financiamento, público-alvo, entre outras variáveis.

Desse modo, ao contextualizar o desenvolvimento do podcasting juntamente com sua operacionalização para conteúdos jornalísticos e a presença atual da podosfera negra, tivemos em vista identificar as proximidades e distanciamentos da prática de nossas interlocutoras de pesquisa, jornalistas negras, nesse meio a partir desses referenciais, buscando também captar suas particularidades.

Como funcionalidade técnica apontamos nos podcasts os elementos parassonoros (Kischinhevsky, 2016), embora o autor destaque também extensões em sites e nas redes sociais digitais, para dar conta do desenvolvimento dessa pesquisa, focamos no aparato de ordem visual que chega ao público antes do áudio digital disposto na interface na plataforma de *streaming Spotify*, usada como observável nesta pesquisa.²⁴ Entre eles estão: título do podcast e do episódio, fotos e/ou ilustrações da capa do programa e dos episódios, descrição do podcast e dos episódios. A partir desses dados, verificamos a data de estreia do podcast e data de publicação dos episódios, periodicidade, se o nome das podcasters são informados, a região na qual o podcast se origina, a vinculação de financiamento, a duração dos episódios e se há informações sobre como ocorre a interação com a audiência.

Os elementos parassonoros evidenciam questões de endereçamento, como a conexão entre título e conteúdo, e visualidades que elucidam o público sobre o conteúdo dos programas e episódios, entre outras questões. A partir disso, busca-se identificar como o grupo estudado utiliza o aparato técnico disponível no podcasting, em específico na plataforma de *streaming Spotify*, e se essas práticas estão ou não apoiadas em abordagens antirracistas.

Reunimos a colheita de dados referente aos elementos parassonoros inspirados livremente nas categorias da Ficha GuiaPod da Análise Audioestrutural

²⁴ Extensões dos podcasts analisados não foram ignoradas completamente, buscamos dados nesses espaços virtuais de acordo com a necessidade do que os objetos de estudo nos apresentavam.

do Podcasting (Pinheiro; Mustafá; Silva, 2021)²⁵. Cortes e adaptações de categorias foram consideradas, além disso, foram incluídos termos próprios da podosfera, isso contribui para interpretações cada vez mais especializadas no domínio do conhecimento relacionado ao podcasting.²⁶

Dessa forma, consideramos os seguintes elementos parassonoros do podcast: título; descrição; ano; podcasters; região; tipo de financiamento; periodicidade; interação com a audiência. Sistematizamos a seguinte colheita de dados, primeiramente reunindo informações sobre cada podcast e, em seguida, sobre cada episódio analisado. A escolha das unidades de análise referentes aos elementos parassonoros dos podcasts se justifica pela apresentação de dados qualitativos em forma de textos e imagens, contribuindo para o entendimento da identidade do programa.

Tabela 1 - Elementos parassonoros do podcast

CATEGORIA	UNIDADE
Título	título do podcast
Descrição	descrição presente no perfil do podcast nas plataformas de áudio e vídeo
Ano	ano de estreia – ano de encerramento
Podcasters	nome das podcasters
Região	região onde o podcast está sendo produzido
Tipo de financiamento	empresarial; terceiro setor; financiamento coletivo; sem financiamento
Periodicidade	diário; mensal; quinzenal; mensal; sem definição

²⁵ As unidades de análise apontadas pelas autoras Pinheiro, Mustafá e Silva (2021) para identificação do podcast são: estrutura, plataforma, tipo, periodicidade, apresentação, participação, expansão, duração, design de imagem, design sonoro e associação. E as unidades de análise utilizadas pelas autoras para identificar a estrutura do episódio são: tema/título, palavra-destaque, repetição, identificação do episódio, minutagem, fonte e classificação da fonte.

²⁶ Destacamos que a Análise Audioestrutural de Podcasting foi proposta originalmente na dissertação de mestrado intitulada 'As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural', de Gessiela Nascimento da Silva sob orientação de Roseane Arcanjo Pinheiro e coorientação de Izani Pibernat Mustafá. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4052>. Acesso em: 09 jul. 2024.

Interação com a audiência	canais de interação dentro e fora da plataforma agregadora
---------------------------	--

Fonte: A autora (2024)

Tabela 2 - Elementos parassonoros dos episódios

CATEGORIA	UNIDADE
Título	título do episódio
Descrição	texto de apoio do episódio
Data de publicação	data que o episódio foi publicado
Tempo do episódio	duração do episódio analisado
Podcasters	nome das podcasters que apresentam o episódio
Convidados	nome dos convidados do episódio
Classificação dos convidados	notável; testemunhal; especializada baseado na classificação de fontes (Schmitz, 2011)

Fonte: A autora (2024)

A identificação dos elementos parassonoros dos episódios analisados torna-se relevante, pois entendemos o podcasting como uma mídia que possui maior fluidez de produção e experimentação. No podcasting, a duração dos episódios varia, a abordagem das pautas difere de um episódio para outro, a presença de convidados pode ser intermitente, e diferentes apresentadores podem conduzir o programa.

Essas categorias apresentadas nas tabelas 1 e 2 foram utilizadas primeiramente para reunir os dados referentes às características dos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca. Em seguida, foram utilizadas para reunir os dados referentes às especificidades de cada episódio analisado. Isso significa que, neste último caso, tais categorizações foram aplicadas a cada um dos 14 episódios analisados.²⁷

Dito isso, como discurso consideramos o conteúdo em áudio digital disponibilizado nos episódios analisados, nesta composição pontuamos as falas das

²⁷ As tabelas preenchidas estão no Apêndice dessa dissertação.

podcasters e os respectivos temas abordados, a identidade sonora adotada a partir da vinheta, das sonoritas, das trilhas e dos efeitos sonoros utilizados (Ferrareto, 2014), o eixo estrutural adotado (Viana; Chagas, 2021).

Por meio da transcrição de cada episódio e da atenta escuta dos mesmos, conseguimos identificar os pormenores da identidade sonora. Posteriormente, analisamos a temática racial abordada e as diferentes pautas relacionadas a esse viés, examinando o grau de aprofundamento em cada uma delas.

Um ponto de destaque na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, de acordo com Brock (2021) é a premissa de que a teoria utilizada deve corresponder à perspectiva do grupo estudado e a centralidade do uso das tecnologias desse grupo como referencial de análise.

Nesse sentido, nos apoiamos na Teoria Racial Crítica como referencial teórico articulando-o por meio das abordagens antirracistas baseadas em Almada (2012) e sua proposição sobre as dinâmicas comunicacionais brasileiras considerando a raça, o estudo de Domingues (2016/2018) sobre as estratégias antirracistas empreendidas por diversos grupos negros no Brasil pós-abolição, Pinto (2010), sobre a experiência da imprensa negra brasileira e Ribeiro (2019) sobre abordagens antirracistas em níveis interpessoais.

Conforme mencionado anteriormente, de acordo com Silva (2019), uma abordagem fundamentada na Teoria Racial Crítica, ao examinar a comunicação digital, baseia-se na ordinariedade do racismo, na raça como construção social, na interseccionalidade, no conhecimento experiencial, na transformação social e na interdisciplinaridade.

As categorias analíticas e suas interpelações baseadas na Teoria Racial Crítica serão apreendidas tanto por meio dos elementos sonoros quanto dos elementos parassonoros, os quais serão tratados como textos a serem lidos e interpretados à luz dos referenciais apresentados a seguir.

Relacionando os fundamentos da Teoria Racial Crítica com podcasting, compreendemos que a raça como construção social parte do pressuposto de compreender as dinâmicas raciais como fruto de um sistema de opressão que inferioriza pessoas negras, mas também está relacionada às identidades culturais constituídas como forma de resistência, como argumentado no capítulo 1 desta dissertação.²⁸

²⁸ Ver sobre identidades negras no tópico 1.1 Raça e identidades negras.

Dessa maneira, a raça como construção social pode informar questões como os níveis de conscientização empregada nas falas das podcasters, o aprofundamento de tais questões e os possíveis usos de termos baseadas no processo histórico nos quais estão inseridos.

A ordinaryidade do racismo está relacionada à compreensão de que o racismo opera cotidianamente nas diferentes esferas a partir das relações de poder. Nesse sentido, informa os modos como o conceito de racismo é abordado nos podcasts e ainda como o racismo pode ser reproduzido nas falas.

O conhecimento experiencial corresponde à abordagem do conhecimento de pessoas negras como construtores de saberes, indicando assim os referenciais utilizados, incluindo o quão abordado são as perspectivas experienciais das podcasters negras e seus convidados.

A transformação social é referente à agência da Teoria Racial Crítica, tendo em vista como práticas antirracistas no âmbito jornalístico operam mudanças na realidade social, e em que nível isso está sendo empregado nos podcasts.

Interseccionalidade, usada para interpretar os problemas sociais a partir do cruzamento dos marcadores da diferença, direciona o olhar para as formas pelas quais as podcasters baseiam-se na intersecção de marcadores sociais na interpretação do conteúdo noticioso abordado nos podcasts.

Por fim, a interdisciplinaridade pressupõe uma multiplicidade de fontes de conhecimento utilizadas pelas podcasters, seja por meio de referências teóricas ou não teóricas, e examina em que contexto essas referências aparecem.

Desse modo, esquematizamos os parâmetros da Análise Racial Crítica de Podcasting baseadas nas premissas contidas na tabela 3.

TABELA 3 - Análise Racial Crítica de Podcasting

Princípios da Teoria Racial Crítica (Silva, 2019)	Práticas antirracistas baseadas em Almada (2012), Domingues (2016), Pinto (2010) e Ribeiro (2019)	Interpelações para um jornalismo antirracista
Raça como construção social	Reconhecimento e articulação do conceito de racismo	Uso dos termos “branco”, “negro”, “negra”, “preto”, “preta” “racismo”, “racista”
Ordinaryidade do	Debate acerca dos usos e	Visibilidade das questões

racismo	sentidos do racismo	raciais; reconhecer o racismo internalizado nas próprias práticas; Evidenciamento dos lugares sociais direcionados às negras(os)
Conhecimento experiencial	Citação da trajetória de autores, intelectuais, personalidades negras, incluindo as próprias as podcasters e jornalistas negras e suas fontes	Citação da trajetória de autores, intelectuais, personalidades negras, incluindo as próprias jornalistas negras, apresentados nos elementos sonoros e parassonoros
Transformação social	Denúncia à violência racial	Pautar temas relacionadas a violência contra população negra; Evidenciar as estruturas que proporcionam esse grupo social está sujeito à pobreza, criminalidade, entre outras mazelas
	Edificação de uma voz coletiva entre negros e negras	Evidenciar narrativas prósperas de negros e negras; Evidenciar contribuições históricas da população negra brasileira;
	Construção de redes de solidariedade entre grupos negros (dentro do podcast)	Papel educativo - disseminação de arcabouço teórico produzido por negros e negros relacionado aos temas diversos, incluindo temáticas raciais Papel crítico - articulação crítica frente às desigualdades raciais e sociais Papel cultural - Promoção e apoio à expressão artística, abrangendo literatura, música, teatro e artes visuais criadas por indivíduos negros

	Construção de redes de solidariedade entre grupos negros (na podosfera)	Parcerias entre podcasters, divulgação de podcasts produzidos por pessoas negras, participação de outras (os) podcasters negras (os) nos podcasts analisados.
Interseccionalidade	Marcadores identitários de raça, gênero, classe, faixa etária, territorialidade, entre outros nos elementos sonoros e parassonoros	Marcadores identitários de raça, gênero, classe, faixa etária, territorialidade, entre outros nos elementos sonoros e parassonoros
Interdisciplinaridade	Fontes de conhecimento teóricas ou não teóricas advindas de campos diversos presentes nos podcasts	Fontes de conhecimento teóricas ou não teóricas advindas de campos diversos presentes nos podcasts

FONTE: A autora, 2023.

A partir da abordagem teórica metodológica da Análise Racial Crítica apresentada, no próximo capítulo partimos para aplicabilidade da mesma nos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca e seus respectivos episódios.

4. Jornalismo antirracista na perspectiva de jornalistas negras

Neste capítulo analisaremos os podcasts produzidos por jornalistas negras com base na hipótese que existe neles uma perspectiva que pode ser fundamentada em um jornalismo antirracista. Ao todo investigaremos 14 episódios de três diferentes podcasts. A amostra será composta por 4 episódios do podcast Angu de Grilo, 2 episódios do podcast Conversa de Portão e 8 episódios do podcast Pretoteca.

Além dos episódios que constituem os observáveis, foram objetos de escuta também os episódios pilotos dos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca²⁹, uma vez que nesses episódios de estreia contam com informações a respeito do objetivo do programa, apresentação das podcasters, motivações para

²⁹ O episódio de estreia do podcast Pretoteca faz parte do recorte temático com o título **#1 Meu primeiro encontro com o racismo**.

criação do podcast, explicação sobre o título do programa, entre outros dados. Esses dados foram fundamentais para compreendermos de forma categórica algumas dinâmicas abordadas no decorrer dos episódios analisados.

Como detalhamos nos capítulos anteriores, realizamos uma Análise Racial Crítica de Podcasting, uma estrutura teórica metodológica que impulsiona a análise de podcasts com a centralidade racial. Sendo assim, o presente capítulo está dividido da seguinte maneira. Inicialmente apresentamos as características gerais dos podcasts, enfatizando também as características e estrutura dos episódios. Em seguida, empreendemos a Análise Racial Crítica de Podcasting com base em abordagens antirracistas que permitem uma análise crítica de cada um dos episódios. Começamos com o podcast Angu de Grilo, em seguida, Conversa de Portão e por fim, Pretoteca.

4.1 Angu de Grilo

Angu de Grilo (2019 - presente) é um podcast semanal apresentado pelas jornalistas Flávia Oliveira e Isabela Reis, surge como uma iniciativa independente, sem fins lucrativos, de duas jornalistas negras cariocas, mãe e filha. Unidas pela vontade de trabalhar conjuntamente num produto de informação e notícia na internet, as jornalistas escolheram o podcasting como mídia para distribuição deste conteúdo.

Em fevereiro de 2023, as podcasters aderiram ao financiamento coletivo. Defendendo a democratização da informação, optaram por discutir temas não relacionados a notícias como conteúdo extra, disponibilizando em episódios exclusivos lançados na plataforma Apoia.se³⁰, como recompensa para aqueles que as apoiam. O financiamento coletivo foi motivado pelo anseio das podcasters na remuneração da produção de conteúdo nas redes sociais digitais, em especial no perfil do podcast no Instagram.³¹

Flávia Oliveira além de jornalista e podcaster no Angu de Grilo, atua profissionalmente como comentarista em telejornais da GloboNews, possui uma

³⁰ Perfil Angu de Grilo no Apoia.se. Disponível em: <https://apoia.se/angudegrilo>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³¹ O financiamento coletivo foi anunciado no episódio **Glória Maria e terremoto na Turquia #172**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6bOfRo2dgpuGmDob1UsWda?si=bfNdMkL6QrySkinA5JJBWg&nd=1&dlsi=9309a9ae286842d7>. Acesso em: 08 dez. 2023.

coluna semanal no Jornal O Globo e é colunista da Rádio CBN Rio de Janeiro³². A jornalista e podcaster Isabela Reis também apresenta os podcasts PPKansada³³ e Conselhos que você pediu³⁴ e é também criadora de conteúdo nas redes sociais digitais.

As podcasters também compartilham em seu programa suas experiências enquanto profissionais da comunicação, isso significa dizer que ocasionalmente Flávia Oliveira compartilha com o público ouvinte sobre sua atuação na televisão, no rádio e na mídia impressa e Isabela Reis, sobre sua atuação principalmente na internet. Além disso, as intersecções de gênero, raça e faixa etária são frequentemente acionadas para falar de suas experiências pessoais e profissionais. Neste trabalho é o que estamos chamando de conhecimento experiencial, tanto esse ligado às suas respectivas profissões quanto aos marcadores sociais que as constituem.

O termo Angu de Grilo, título do programa em questão, está ligado a um dito usado pela mãe da podcaster Flávia Oliveira e avó de Isabela Reis para designar “algo que pode conter qualquer coisa, uma certa confusão, uma certa balbúrdia”³⁵. O uso desse termo, portanto, ressalta traços de ancestralidade através de um dito propagado através da oralidade, ressaltando aspectos de resgate e continuidade de parentesco.³⁶ Além disso, essa designação é fundamental para compreensão da dinâmica do programa, assim como seu eixo estrutural de debate (Viana; Chagas, 2021).

Como aponta Viana e Chagas (2021, p. 11), o eixo estrutural denominado debate refere-se à “troca ou exposição de ideias entre participantes com, ou sem convidados externos com a ancoragem de um apresentador, ou host”. O podcast

³² Em entrevista ao podcast Mano A Mano do rapper Mano Brown, Flávia Oliveira detalha sobre sua atuação profissional. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5WvQsSL28vj1rkz2QFYAJZ?si=719bc23adfe948e7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³³ PPKansada é um podcast semanal sobre relacionamentos pela perspectiva de mulheres, apresentado por Bertha Salles, Isabela Reis e Taize Odelli. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6hBM24JYy3LsqgVCMhp82Y?si=ed6ba5d9c29c46a6>. Acesso em 10 abr. 2023.

³⁴ Conselhos que você pediu é um podcast semanal no qual a podcaster Isabela Reis conta histórias dos ouvintes dando conselhos à respeito do tema tratado.

³⁵ Fala da podcaster Flávia Oliveira no episódio *Tá servido! #1* do podcast Angu de Grilo. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1gnCIA6Pf3daFeZtF9VWnu?si=07f2b1f234624a27>. Acesso em 6 abr. 2023.

³⁶ O termo ‘angu’ vem do idioma FON de origem africana, refere-se a uma papa feita de inhame que no Brasil foi substituída pela farinha de mandioca, feijão e milho. Disponível em: <https://casaditaliajf.com.br/2022/10/31/revista-casaditalia-angu-como-tradicao-saberes-e-fazeres/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

mescla com a categoria debate com o seu caráter noticioso, uma vez que o podcast apresenta e comenta semanalmente tópicos atuais com análises aprofundadas através da interação entre as mesmas. Trata-se de episódios nos quais dois ou mais temas são abordados e que a partir desses, pautas mais específicas são aprofundadas por meio de um debate entre as podcasters.

Como as próprias podcasters expressam no episódio de estreia, a proposta do programa é abordar temas diversos, além de notícias e temas vinculados a questões raciais e a economia, este último, área de atuação da jornalista Flávia Oliveira. É importante ressaltar que, nesse episódio de estreia, as podcasters evidenciam a demanda externa para discussão sobre pautas raciais, em especial o racismo, como lugar destinado às pessoas negras, revelando também seus incômodos pessoais com tal limitação temática.

Essa demanda externa pontuada pelas podcasters é rotineira em sociedades que possuem o racismo como trama que estrutura a sociedade. Lorde (2019) pontua que é habitual “esperar que os membros de grupos oprimidos e objetificados se desdobrem para superar a distância entre as realidades da nossa vida e a consciência do nosso opressor” (Lorde, 2019, p. 143).

De acordo com autora, cercados pela violência física e simbólica de seus opressores, os grupos oprimidos, como negros e negras, aprendem o modo de funcionamento dessas opressões. Por passarem pelo processo de autoconsciência, são corriqueiramente convocados para educar os opressores sobre seus atos, seja na esfera política, educacional ou comunicacional. Ainda segundo Lorde (2019) essa conduta aponta o desvio por parte dos opressores de suas responsabilidades frente às discriminações vigentes.

Dessa maneira, a posição de incômodo das podcasters do Angu de Grilo relaciona-se com o direcionamento do conteúdo e a relação com o público que tem em vista atingir. Como argumenta a podcaster Isabela Reis no episódio de estreia, pautar sobre tragédias e mazelas, que podem estar ligadas a pautas raciais, é deveras exaustivo para quem constitui tal grupo social, referindo-se tanto às podcasters quanto ao seu público negro.

Como resultado de suas motivações, as podcasters expressam no episódio de estreia o anseio em proferir sobre uma infinidade de temas a partir da perspectiva pessoal de ambas que perpassa gênero, raça, religiosidade, carreira profissional de jornalista em comum e gerações distintas.

Entretanto, é possível observar que, mesmo as podcasters enfatizando seus descontentamentos em discutir pautas raciais relacionadas à população negra brasileira com centralidade em notícias relacionadas ao padecimento, à violência e às desigualdades nas quais essa parcela da população brasileira está à mercê, elas tratam esses temas como centrais nos episódios analisados, sendo evidenciados enquanto essas temáticas atravessam acontecimentos ocorridos naquela semana.

Esta é, portanto, uma marca que compõem a identidade do podcast, através de comentários críticos sobre notícias da semana que consideram relevantes, as intersecções de gênero e raça são constantemente acionadas como ponto de partida para interpretação e proposições sobre as diversas problemáticas raciais, que por vezes perpassa a temática da violência e do padecimento, mas não se esgotam nelas.

Conectando-se ao significado da expressão “angu de grilo”, expresso pelas podcasters no episódio de estreia, como algo que pode conter qualquer coisa, o podcast é um receptáculo sonoro, composto por conteúdo noticioso, abordando múltiplas temáticas por episódio. O podcast é apresentado através de um caloroso debate entre as apresentadoras, contendo falas atravessadas e comentários de ordem íntima entre as temáticas abordadas, ou durante essas, resultando num produto final sem grandes evidências de edição em seu conteúdo sonoro digital.

O podcast Angu de Grilo apresenta marcas de intimidade tanto individuais, quanto da relação entre mãe e filha, apresentadoras do programa. Isto se manifesta por meio de comentários sobre suas vidas pessoais e comentários sobre os modos de comportamento de ambas ao gravarem o podcast.

O aspecto de intimidade e ausência de edição técnica não demonstra uma informalidade ou um déficit na produção, mas um constituinte de sua identidade, uma vez que o próprio nome do podcast sinaliza uma memória íntima e afetiva de parentesco, o que é evidenciado através desses elementos.

As podcasters trazem uma grande quantidade de tópicos temáticos citados e contextualizados, ora com mais profundidade, ora com menos profundidade. Nos episódios que analisamos, na descrição destes nas plataformas agregadoras, são

colocados links contendo referências citadas durante o episódio, tornando disponível o material usado como base para as podcasters³⁷.

Quanto a identidade visual do podcast Angu de Grilo, a capa dos episódios seguem um padrão, sendo a mesma capa que ilustra o perfil do programa. Essa é composta por um fundo alaranjado, linear de folhagens com traços também alaranjados, no centro em formato circular uma fotografia das podcasters juntas e abaixo o nome do podcast em letra cursiva na cor branca.

Figura 1 - Capa do podcast Angu de Grilo



Fonte: Perfil do podcast Angu de Grilo no *Spotify*³⁸

O mesmo não se repete apenas no episódio de estreia **Tá servido! #1**, no qual a capa do episódio resume-se numa fotografia das podcasters juntas distinta da imagem usada para compor a capa do programa.

³⁷ Três dos quatro episódios analisados contém em sua descrição o link do perfil do Medium do programa, onde as podcasters postaram os referenciais abordados no episódio. Disponível em: <https://medium.com/@angudegrilo>. Acesso em: 10 dez. 2023.

³⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/15cLy4mn3GjauHF3WB5np?si=44c3cba078ae4ea2>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Figura 2 - Capa do episódio **Tá servido! #1** do podcast Angu de Grilo



Fonte: Perfil do podcast Angu de Grilo no *Spotify*³⁹

Hack e Lima (2022), no estudo de podcasts produzidos por mulheres no Brasil entre 2015 e 2020, argumentam que o marcador social acionado mais fortemente nessa mídia é a territorialidade, evidenciado na voz de quem fala, o cerne do argumento é que o podcasting é uma mídia predominantemente sonora. As autoras explanam que “caso a podcaster não se nomeie como uma mulher marcada socialmente por critérios socioeconômicos ou étnico-raciais, *nem sempre é possível* se fazer essa distinção apenas pela sonoridade de sua voz” (Hack; Lima, p. 356, 2022, grifo meu).

É certo que, devido à predominância da voz, o reconhecimento socioeconômico e étnico-racial não possa ser distinguido, entretanto, as autoras perdem de vista, que no caso do podcasting, não só produzidos por pessoas negras, mas de forma geral, os elementos parassonoros desempenham um papel fundamental na identificação dos podcasters e do conteúdo abordado. Isso pode ser realizado de diversas maneiras, seja pelo título do programa, pela descrição ou pela identidade visual adotada, evidenciando os marcadores sociais de quem produz.

Além disso, posicionar a sonoridade da voz como possível identificador socioeconômico ou étnico-racial, como as autoras pontuam, carrega uma posição determinista baseada em valores ocidentais universalizantes que colocam

³⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1gnCIA6Pf3daFeZtF9VWnu?si=qpM8iewKRBuJwHBaAPpwCA>. Acesso em 08 jan. 2024.

características como a linguagem culta/formal associada às elites, que no Brasil é a parcela branca da população em oposição à uma linguagem mais coloquial e marcada por contextos geográficos diversos que são comumente associadas grupos minoritários como negros e/ou de classe baixa.

Não podemos ignorar que o português falado no Brasil é o pretuguês, nas palavras de Gonzalez (2020, p. 128) “marca da africanização do português falado no Brasil (...) O caráter tonal e rítmico das línguas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes(...)”. Dito de outro modo, a cultura brasileira como composta por um entrelaçamento de elementos culturais é, em grande medida, permeada pelas culturas negras africanas, e na linguagem não é diferente. Dessa forma o argumento de Hack e Lima (2022) acaba por reforçar percepções discriminatórias em relação a grupos minoritários socialmente.

No podcast Angu de Grilo, tanto a capa do episódio piloto quanto a capa do programa é uma fotografia das podcasters, duas mulheres negras rindo, uma das capas com cabelos soltos e a outra com cabelos presos, vestidas com roupas brancas. Não podemos afirmar que a intenção das podcasters com esse empreendimento, mas assinalamos que, mesmo que as podcasters não expressassem através do conteúdo em áudio sua identidade racial, ou que, apesar do nome do podcast e o título do episódio não evidenciem as identidades étnico-raciais das apresentadoras, a capa do episódio desempenha esse papel, uma vez que no contexto brasileiro as identidades étnico-raciais são definidas fenotipicamente (Munanga, 2020b).

Dito isso, os elementos parassonoros quando adotados no podcast Angu de Grilo, através de sua identidade visual, evidenciam o marcador racial baseado nas características fenotípicas das podcasters e isto sinaliza para o público, em alguma medida, que o conteúdo em áudio é apresentado, produzido e/ou idealizado por mulheres negras.

A autorrepresentação visual já foi e ainda é utilizada por outros diversos grupos com a intenção de vincular a imagem de quem produz com o conteúdo abordado. Essa também foi uma estratégia da imprensa negra brasileira empreendida como autopromoção, ao empregar a imagem do negro a uma representação de integridade buscava-se desconstruir estereótipos (Nabor Jr, 2020) , esse procedimento também é empreendido no podcast Angu de Grilo.

Já a identidade sonora do podcast em questão, nos episódios analisados, é

composta por voz humana, efeito sonoro que aparece logo no início dos episódios, após a apresentação das podcasters e do programa, além de uma sonora em um dos episódios. Somente a partir do episódio **Especial #100 - Emicida e Fióti**, de 31 de agosto de 2021, o podcast passa apresentar uma vinheta original. Na descrição do episódio menciona-se que “Tinha que ser o samba, essa manifestação ancestral de cultura que sempre uniu laços como mãe e filha” (Angu de Grilo, 2021). Além disso, é acrescentado pelas próprias podcasters no episódio em questão que esse elemento sonoro representa um ponto de profissionalização do podcast.

A interação com a audiência é pontuada desde o episódio de estreia do podcast, onde as podcasters compartilham o e-mail como modo de receber críticas, sugestões e opiniões sobre os episódios ou as temáticas abordadas. As podcasters compartilham ainda os endereços de seus perfis pessoais no Instagram, e recomenda aos ouvintes comentar sobre o programa através da hashtag **#angudegrilo** no *Twitter*. Em 2020, o podcast ganha um perfil no *Instagram* onde a divulgação do programa é realizada, bem como conteúdos extras são compartilhados com sua audiência.

Alguns títulos dos episódios do podcast Angu de Grilo evidenciam de forma mais incisiva temáticas centralizadas em pautas raciais, embora a abordagem dessas temáticas apenas a partir do uso desses termos nos títulos. Partindo do recorte temático desta pesquisa, os episódios selecionados foram **Racismo em pauta no futebol #8**; **Antirracismo e Cinema no Enem #11**; **Libertadores e racismo na medicina #14 (com Aydano Motta e Raphael Oliveira)**; **Oscar, dólar e racismo na comunicação #25**.

O episódio **Racismo em pauta no futebol #8** do podcast Angu de Grilo, publicado em 15 de outubro de 2019, tem como tema central o racismo pautado por personalidades do futebol. Com base nas falas e declarações de personalidades do âmbito futebolístico, as podcasters suscitam diversas facetas de pautas raciais no contexto sociocultural brasileiro.

O episódio **Antirracismo e Cinema no Enem #11**, publicado em 5 de novembro de 2019, são abordados dois temas principais, práticas antirracistas e cinema como tema da redação do Enem. A partir disso, durante quarenta e um minutos de duração, as podcasters Flávia Oliveira e Isabela Reis também comentam sobre o mês da Consciência Negra, sobre a luta antirracista e o que pessoas brancas podem fazer para contribuir no debate racial, sobre a história do dia 20 de

novembro e ainda são feitas críticas sobre as lacunas temáticas na prova do Enem, como a falta de abordagem sobre a Ditadura Militar, o feminismo e a agenda feminina.

No episódio **Libertadores e racismo na medicina #14**, publicado em 26 de novembro de 2019, as podcasters trazem pela primeira vez em seu programa convidados para discussão dos temas, Aydano Motta, jornalista e marido de Flávia Oliveira e Raphael Oliveira, médico namorado de Isabela Reis. Como temas centrais destaca-se o Flamengo como campeão da Libertadores de 2019 e dando continuidade às temáticas raciais no mês de novembro em alusão ao Dia da Consciência Negra, discutindo sobre o racismo na medicina.

O episódio **Oscar, dólar e racismo na comunicação #25**, publicado em 11 de fevereiro de 2020, trata de três temáticas centrais, os ganhadores do Oscar, a alta no dólar e o racismo na comunicação. Antes da pauta estar centralizada no racismo na comunicação, há indicações e menções de pessoas negras indicadas ao Oscar e/ou ganharam a partir de suas produções.

Os episódios analisados possuem duração de mais de quarenta minutos, neles não são utilizadas sonoridades de falas externas⁴⁰ de trechos de reportagens ou de documentários. Esses seguem o eixo estrutural debate, onde as podcasters conversam sobre os temas propostos a partir das notícias, trazendo nas suas próprias falas, quando necessário, o apontamento de pesquisas, dados quantitativos e referências de autores ou personalidades negras, fundamentando assim seus pontos de vista.

Discutiremos a seguir as especificidades de cada um desses episódios e veremos como, ao abordar temáticas raciais, as podcasters empregam abordagens para resistir ao racismo em suas práticas jornalísticas no podcast Angu de Grilo.

4.1.1 Falar de raça e resistir ao racismo

No tocante às estratégias antirracistas operacionalizadas no podcast Angu de Grilo, constatamos que os desdobramentos da raça como construção social,

⁴⁰ A inserção de sonora ocorre apenas no episódio **Libertadores e racismo na medicina #14**, no qual as podcasters compartilham um áudio do convidado Raphael Oliveira onde demonstra uma alegria eufórica com a vitória do Flamengo na Libertadores de 2019.

ordinariedade do racismo, conhecimento experiencial, transformação social, interseccionalidade e interdisciplinaridade permeiam-se constantemente.

Isso significa dizer que, por exemplo, ao pontuar a raça como construção social, as podcasters trazem para o debate discussões pautadas em referenciais de intelectuais negros através de uma linguagem simplificada. Através disso, estabelecem um papel educativo sobre pautas raciais, sendo essa uma prerrogativa que está no espectro da transformação social. São essas interligações que caracterizam as abordagens antirracistas presentes na forma como o podcast aborda as notícias.

Dado que uma prática está interligada a outras, começamos, então, pela operacionalização da raça como uma construção social e sua relação com a ordinariedade do racismo. No podcast Angu de Grilo, o reconhecimento e articulação do conceito de racismo, bem como o uso de nomenclaturas que perpassam os debates raciais, são instrumentalizadas para explicar as sinuosidades desta problemática a partir dos comentários das podcasters das principais notícias da semana. Embora falar apenas de raça não seja o intuito do programa no geral, as podcasters descortinam essa temática de forma aprofundada nos episódios analisados, os quais carregam em seus títulos a sinalização da centralidade desses temas.

A raça como construção social se concretiza por meio do evidenciamento de determinadas categorias que sinalizam a relação da raça nas dinâmicas de poder. As podcasters explanam sobre as minúcias das categorias relacionadas a raça, como racismo, práticas antirracistas, consciência racial, identidade negra e as tipificações do racismo, apontando os processos nas quais esses fazem parte.

O episódio **Racismo em pauta no futebol #8**, aborda pautas que envolvem o tema central do racismo no futebol, que estão listados na descrição do episódio. Referenciais e fontes jornalísticas citadas durante o episódio também estão reunidos em sua descrição.

As podcasters descortinam as sinuosidades que envolvem as pautas raciais no Brasil baseadas nas falas e declarações de personalidades do futebol, seja aqueles com teor racista, como do jogador Bruno Henrique, seja aqueles que tiveram posições contra o racismo, como o ex-jogador Ronaldo Fenômeno e do treinador Roger Machado.

A primeira pauta debatida no episódio em questão começa com a jornalista Flávia Oliveira mencionando um post nas redes sociais feito em resposta à declaração do jogador Bruno Henrique na matéria “Em testemunho a igreja, Bruno Henrique diz que foi alvo de 'macumbaria' no Santos”⁴¹, no qual a jornalista definiu como racismo religioso a declaração do jogador.

A partir dessa pauta, a podcaster Flávia Oliveira explicita sobre o conceito de racismo religioso e de intolerância religiosa referente às religiões de matrizes africanas:

(...) a gente trata de racismo religioso porque há uma intenção deliberada em demonizar, em desqualificar a fé das religiões de matriz africana, o Candomblé e a Umbanda e isso é uma prática recorrente no Brasil, histórica. Aliás, desde a colonização, né? Com a conversão forçada ao catolicismo que se persegue religiões de origem africana. Isso não cessou com independência, império, república, abolição, não cessou com nada. Foi mudando um pouco de forma, um pouco mudando, um pouco de protagonista, né? Já foi o Estado, já foi a Igreja Católica, a polícia, né? Tanto que a gente tem aí campanhas de, pela libertação de peças religiosas que foram sequestradas pela política, em, pela polícia, em tempos de perseguição e criminalização das religiões de matriz africana, não apenas no Rio de Janeiro, Brasil todo, Bahia, vários estados e mais recentemente, a onda da perseguição instaurada pelas igrejas ou por líderes religiosos neopentecostais (...) (Angu de Grilo, 2019).

É possível compreender nesse trecho a forma como o conceito de racismo religioso é contextualizado, evidenciando todo um percurso histórico das procedências dessa tipificação de racismo no Brasil, sinalizando ainda sua atuação na contemporaneidade.

Em sequência, Flávia Oliveira continua explicitando os desdobramentos do racismo religioso, sobre o terrorismo religioso a podcaster explica que

(...) como se trata de organização criminosa com violência orientada, demonstração de poder, agressão, humilhação, desqualificação, ancorado na religiosidade isso está previsto sim na lei de terrorismo, na lei antiterror que o Brasil tem desde 2015. Então pra quem não tá íntimo, não conhece as denominações, fica aí a nossa colaboração a essa estruturação de pensamento. É, que começa na intolerância, no desrespeito e alcança o racismo religioso e até o terrorismo religioso. Lembrando que muçulmanos também são vítimas desse mesmo mal, mas não na intensidade, pelo menos no Rio de Janeiro e no Brasil, não na intensidade com que isso alcança as religiões de matriz africana (Angu de Grilo, 2019).

⁴¹ Disponível em: <https://glo.bo/2VGKQCI>. Acesso em 17 mar. 2024.

Conforme já apontamos, o racismo revela-se por meio de diversas facetas, sendo o racismo religioso uma delas. Ele configura-se como prática discriminatória contra religiões de origem negra africana, sendo, portanto, uma manifestação direta de violência que pode ser simbólica, como referido pelo jogador Bruno Henrique, assim como pode assumir a forma de violência física, como mencionado pela podcaster nos ataques aos terreiros de umbanda e candomblé (Almeida, 2019).

No início deste episódio, a jornalista e podcaster Flávia Oliveira destaca que profissionais do judiciário e líderes religiosos estão abordando pautas relacionadas à explicitação do racismo religioso, revelando sua surpresa e preocupação com a persistência das críticas relacionadas e com a incompreensão que envolve essa temática.

Dessa forma, em sua fala, a podcaster enfatiza que a explicitação sobre racismo religioso, intolerância religiosa e terrorismo religioso feita nesse episódio está intencionalmente relacionada à vontade de contribuir entorno dos debates raciais através desse veículo jornalístico que é o podcast Angu de Grilo. Sendo assim, com didatismo através de linguagem conversacional desempenha um papel educativo sobre a temática do racismo.

Semelhantemente, em outro momento desse mesmo episódio, ao comentar sobre a fala de Roger Machado, que na época em que foi gravado o episódio era técnico do Esporte Clube Bahia, as podcasters evidenciam a surpresa com a recepção da fala do técnico que circulou nas redes sociais digitais. O técnico trouxe em sua fala o evidenciamento de tópicos como racismo e mídia, racismo no futebol e violência contra população negra no Brasil.⁴²

Nisso, a podcaster Isabela Reis comenta uma postura adotada no programa, que consiste em abordar sobre as questões de raça e as diversas facetas do racismo. Com uma veemência que reflete a frustração em relação diante do desconhecimento sobre esses fatos por parte de seus ouvintes, a podcaster discorre

(...) são várias micropartículas do racismo que a gente tá tentando aqui ó, falar todos os dias, toda semana, um pouquinho, cada um falando um pouco, mas isso tá sempre sendo dito e às vezes esses são os momentos da militância que bate uma sensação de, mano, que que eu tô falando? Se as pessoas realmente não tão ouvindo nada, sabe assim, que que tá acontecendo? E aí eu acho que é um processo de reavaliação do tipo, não

⁴² Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/10/14/roger-machado-tecnico-do-bahia-ataca-racismo-dentro-e-fora-dos-campos>. Acesso em: 19 abr. 2024.

é possível que não tá chegando a mensagem, mas eu acho que também, né, das pessoas se reavaliarem, principalmente as pessoas brancas que ficaram tão chocadas assim com essa afirmação, reavaliarem o que estão fazendo (Angu de Grilo, 2019).

A dinâmica racial brasileira imposta pelo grupo dominante constitui-se como uma série de estratégias no período pós-abolição. Entre elas está a imposição constante da harmonia entre as raças, incorporada pelo mito da democracia racial (Nascimento, 2016; Gonzalez, 2020). Isso ainda se constitui como marca das relações sociais, refletido também na mídia, concretizando-se a partir da falácia da ausência do racismo, baseada no pressuposto da formação de uma população mestiça composta em seu cerne pelas etnias branca, preta e indígena (Munanga, 2020b).

Estes trechos refletem a importância do papel educativo nas questões raciais no Brasil, destacando a perspectiva adotada no podcast Angu de Grilo. Como discutido anteriormente, a história da população negra brasileira foi marcada por invisibilidade e apagamento pelo Estado por muitas décadas. Antes da implementação de políticas públicas que incluíram o ensino obrigatório da história e cultura indígena e afro-brasileira, a trajetória de negros e negras, bem como sua importância política, cultural e econômica, eram transmitidas oralmente e posteriormente pela imprensa negra, além das ações educativas dos movimentos negros (Domingues, 2018).

Ao dar continuidade a esse papel educativo, o podcast fornece um conhecimento que ainda não é amplamente discutido nos debates midiáticos hegemônicos. O podcast contribui a partir de uma abordagem jornalística para a propagação de temas relacionados às problemáticas enfrentadas pela população negra, sendo essa uma prática recorrente nos episódios analisados, mas que se distinguem em alguns aspectos.

No episódio **Antirracismo e Cinema no Enem #11**, a podcaster Isabela Reis escolhe não explicar determinados conceitos que envolvem questões raciais que envolvem a população negra em detrimento de focar em questões que considera mais relevantes. O episódio em questão, inicia com o debate sobre o mês da Consciência Negra e a relevância de pontuar as agendas referentes à população negra no mês de novembro, nesse ponto, as podcasters também incluem críticas sobre isolar os debates raciais apenas neste mês.

De maneira incisiva, a podcaster Isabela Reis enfatiza que não discutirá a relação entre consciência humana e consciência negra, por considerar que esse debate está superado, ou pelo menos deveria estar, conforme destacado no trecho a seguir:

(...) eu não vou nem entrar no mérito de negócio de consciência humana porque sinceramente, eu acho que a gente já passou disso, né? A gente tem regredido um pouco nas discussões, mas eu me recuso a acreditar que a gente ainda precisa falar de consciência humana e porque isso é um problema, né? Que não é o correto, então assim, eu vou fingir que essa discussão não existe e vou seguir adiante dela (...) (Angu de Grilo, 2019).

A concepção de consciência humana em detrimento da consciência negra revela a negação das desigualdades raciais que assolam a população negra. Esse trecho reflete a expectativa da podcaster Isabela Reis com seu público ouvinte em compreender que o racismo é uma constante na sociedade brasileira e que esta opera em diversos níveis.

Desse modo, a questão racial relacionada à importância da celebração da consciência negra é empreendida aqui como algo ordinário, uma dinâmica habitual na sociedade brasileira. Sendo assim, em tese, deveria ser do conhecimento de grande parte da população.

Ao escolher não apontar essa explicação, a podcaster foca em questões que considera mais pertinentes e que ainda não foram debatidas o suficiente. Seguindo essa linha, nesse episódio as podcasters elucidam conceitos que permeiam os debates raciais, como definição de antirracismo, exemplificações de práticas antirracistas para pessoas brancas, exemplos de práticas antirracistas no jornalismo, além da discussão do conceito de lugar de fala de pessoas brancas no debate racial.

Essa abordagem surge a partir de uma dúvida enviada por um ouvinte do podcast sobre os limites do lugar de fala ao ser uma pessoa branca. A partir disso, a podcaster Flávia Oliveira, começa contextualizando a importância de ser antirracista,

Mas tem uma diferença você ter uma atitude antirracista, primeiro que eu acho que isso vem da percepção de que só não ser racista ou não se declarar racista ou se policiar em relação a atitudes e comportamentos racistas não deu conta do tamanho da desigualdade, do desafio que se tem para se construir uma sociedade mais igualitária, mais equânime. E a partir daí, vem a provocação sobre ser antirracista, e ser antirracista é não se acomodar com naturalização da visibilidade ou da ausência de, não de voz, mas de ouvidos ao povo negro, as minorias, né? A gente tá falando de racismo, mas eu acho que vale também para lgbtphobia, para o machismo,

para o sexismo. Então, é você ter atitudes ativas na direção da inclusão desse grupo (...) (Angu de Grilo, 2019).

Esse trecho demonstra a forma na qual o podcast Angu de Grilo incentiva o público à intervenção na realidade social. Isso ocorre por meio de instruções que levam os ouvintes a compreenderem o racismo, bem como outras desigualdades sociais e a potencial agência que podem exercer nesse contexto. As atitudes ativas mencionadas por Flávia Oliveira são exemplificadas em seguida como

Então, é, por exemplo, viabilizar contratação de profissionais negros, viabilizar a produção acadêmica, cultural de pensamento, valorizar esse pensamento. No caso do jornalismo, a gente já falou aqui, mas sempre cabe repetir, convidar fontes, apresentar novas representações e não ficar repetindo os estereótipos (...) (Angu de Grilo, 2019).

Nas elucidações apresentadas pela podcaster Flávia Oliveira sobre a diferença entre não ser racista e ser antirracista, bem como exemplos de práticas antirracistas, o programa apresenta proposições na luta contra a opressão racial através um viés didático. Durante o episódio, essas proposições são intencionalmente direcionadas para aqueles que não sofrem opressão racial, mas que frequentemente a provocam e/ou perpetuam um sistema de privilégio. Nessa perspectiva, Flávia Oliveira explica sobre o que é sobre lugar de fala,

(...) lugar de fala é você trazer esses indivíduos que têm marcações socioculturais, étnicas, de origem, de classe, para falar sobre essas experiências, sobre essas vivências, em vez de falar por eles. Agora veja, não significa que você, um homem branco cis hetero não tenha permissão para falar sobre racismo, é claro que você tem e você tem lugar de fala no debate racial sobre a ótica da branquitude e do privilégio que você tem (...) (Angu de Grilo, 2019).

O marcador de raça relacionado às pessoas brancas empregado no direcionamento da elucidação dos conceitos de antirracismo e lugar de fala aponta duas questões interdependentes, são elas a abrangência do seu público ouvinte e a produção de conteúdo baseada nessa amplitude, que não se restringe à uma parcela negra da sociedade.

A partir disso, compreendemos que embora as podcasters pontuem em seu episódio de estreia sobre o incômodo em falar sobre questões de raça

exaustivamente como ponto central de seu podcast, conceitos, descrições e contextualizações relacionadas às categorias raciais estão presentes em suas falas.

Como pontuamos anteriormente, os debates raciais não podem ser compreendidos sem antes compreendermos os processos históricos pelos quais a população negra passou desde o momento pós-abolição até os dias de hoje. As estratégias do grupo dominante de embranquecimento e do mito da democracia racial moldaram não só a forma como a população negra se autoidentifica, com o processo de negação de sua identidade racial e a forma como a população em geral foi levada a acreditar na ideia de uma sociedade mestiça.

Outro ponto significativo da dinâmica de embranquecimento e do mito da democracia racial é que o processo de invisibilização da história da população negra continua ocorrendo, seja na mídia, na literatura, na educação ou em outros âmbitos, apesar da atuação dos movimentos negros ao longo dos anos. Descortinando essa perspectiva, as podcasters mencionam a história do 20 de novembro como dia da Consciência Negra, nessa fala Flávia explica

Flávia: (...) o 20 de novembro, gente, da consciência negra para quem não sabe, pode ser que tenha gente que não saiba.

Isabela: É verdade, a gente foi relapsa em não falar no início.

Flávia: Exatamente, foi construído pelo movimento negro né eh sobre tudo a partir ali do movimento negro unificado que tinha Abdias, Abdias é o expoente maior mais uma construção para se contrapor ao 13 de maio que era uma data que ficou muito relacionada a uma generosa concessão por parte da princesa Isabel e há um pensamento crítico em relação a pensar o 13 de maio só como uma concessão posto que a resistência negra e a busca pela liberdade sempre existiu e dura até hoje então houve um resgate a partir ali do movimento quilombola e foram muitos né Palmares foi um dos, hoje a gente tem acho que perto de 2.000 comunidades com mais de duas mil comunidades quilombolas já minimamente reconhecidas não com titularidade mais reconhecida. (Angu de Grilo, 2019).

A partir da maneira como as podcasters recorrem entre abordagem de preservar ou de revelar determinados contextos socioculturais envolvendo questões raciais, nesse caso, não expor sobre o significado de consciência humana e explicitar sobre a origem do 20 de novembro, evidencia a forma como as podcasters priorizam narrativas prósperas neste episódio, através de contribuições históricas da população negra brasileira.

No episódio **Libertadores e racismo na medicina #14**, as podcasters trazem pela primeira vez em seu programa convidados para discussão dos temas, Aydano

Motta, jornalista e marido de Flávia Oliveira e Raphael Oliveira, médico namorado de Isabela Reis.

Dentre os episódios analisados, este é com duração mais longa, pouco mais de uma hora. O tom da conversa é descontraído, principalmente quando conversam sobre a relação pessoal dos convidados e das podcasters com o futebol. O convidado Raphael Oliveira, como fonte especializada (Schmitz, 2011) contribui para o debate sobre o racismo na medicina, desdobrando-se nas pautas da violência que acomete mulheres negras e pobres na medicina e o racismo contra médicos negros.

Cabe destacar que Raphael Oliveira é um homem negro e Aydano Motta é um homem branco, e que essa informação é destacada durante o episódio pelas podcasters. Quando abordado o tema do racismo na medicina no episódio, é feita uma rápida contextualização do cenário brasileiro em relação à violência contra mulheres, com destaque para a violência obstétrica considerando a interseccionalidade raça e classe. Nessa discussão, o médico Raphael Oliveira oferece comentários. Posteriormente, quando o foco se volta para o racismo enfrentado por médicos negros, o conhecimento experiencial do convidado Raphael Oliveira também é acionado.

Neste ponto, são evidenciadas as estruturas que contribuem para a criminalidade, pobreza e outras dificuldades enfrentadas pela população negra, proporcionando um panorama das complexidades e desafios desse grupo social. Além disso, para contrapor esse cenário de adversidades, no podcast também são destacadas narrativas positivas. Isso se manifesta, por exemplo, por meio do papel cultural na promoção e divulgação das expressões artísticas. Essas manifestações ocorrem geralmente no final dos episódios, mas também são mencionadas ao longo do programa pelas apresentadoras do podcast.

No episódio **Oscar, dólar e racismo na comunicação #25**, o debate acerca dos usos e sentidos do racismo são aprofundados na pauta racismo na comunicação. Neste episódio, a ordinariedade do racismo é novamente destacada incisivamente na fala da podcaster Isabela Reis, através de sua surpresa ao perceber a admiração do público consumidor de conteúdo comunicativo diante de casos de racismo na comunicação. Isabela externa

(...) mas eu fiquei espantada com a reação de surpresa das pessoas, como se esses episódios de racismo na comunicação já não fossem o esperado, como se a gente ainda não tivesse preparado para isso, como já não fizesse

parte do cotidiano do Brasil episódios de racismo em todas as áreas, não só na comunicação, mas em todas as áreas, no direito, na justiça, na medicina a gente já até falou aqui, né, no episódio no Angu de Grilo sobre racismo na medicina. Eu fico um pouco chocada com a reação de surpresa das pessoas que consomem conteúdo de comunicação de se depararem com o racismo nessa área (...) (Angu de Grilo, 2020).

Os casos de racismo referidos pelas podcasters não são expostos, há apenas a menção que os mesmos ocorreram no âmbito do telejornalismo e na podosfera, assim, as podcasters concentram suas discussões em estratégias contra o racismo. Nesse episódio, de mãos dadas com a ordinariedade do racismo, está a intencional invisibilidade de casos de racismo, substituída pela evidenciação da agência do público ouvinte.

Embora seja importante denunciar casos de racismo, reconhecemos que a transformação social requer também uma abordagem crítica e ação direta para mudar elementos da realidade social relacionados ao racismo, sendo essa a posição do podcast nesse episódio.

Isabela Reis destaca a importância da agência da audiência, enfatizando o consumo de conteúdo comunicativo que parte de discursos desejados por essa audiência. Com isso, a podcaster aponta o redirecionamento do foco do consumo de uma mídia hegemônica enraizada no racismo, para valorização de perspectivas daqueles que priorizam perspectivas que considerem intersecções de gênero, raça, classe, etc., bem como conteúdos produzidos por pessoas que compartilham vivências semelhantes.

Em seguida, Flávia Oliveira expõe estratégias de cunho institucional que as empresas de comunicação podem adotar. O principal ponto abordado aqui é a implementação de uma formação de educação antirracista nessas empresas, da mesma forma como se faz qualquer outro tipo de formação. A perspectiva crítica da fala do podcaster é evidenciada ao demonstrar que as iniciativas antirracistas, concretizadas de formar a letrar seus profissionais, são fundamentais para que empresas de comunicação e empresas em geral não percam consumidores devido a casos de racismo, nem tenham sua imagem prejudicada por esse motivo. A podcaster explana

Agora eu queria trazer o lado dessas empresas *mainstream* ou marcas ou profissionais na direção dessa consciência antirracista, feminista ou antipatriarcal. Eu acho que estar apenas bem intencionado ou se pensar

como alguém bem intencionado e livre de preconceitos, coisas que nós sabemos que ninguém é, não é suficiente. Acho que é preciso um investimento em pedagogia, numa alfabetização e a partir daí em outros níveis educacionais do que significa ser antirracista, do que significa tá alinhado a princípios de direitos humanos. Eu acho que esse é um ponto muito importante no caso específico aqui para quem é formador de opinião, mas é importante para todo mundo, para todas as empresas (...) Faz diferença na forma como você vai fazer a pergunta, abordar um determinado entrevistado, de que forma que você vai orientar os seus preconceitos já enviesados, já orientados na hora de fazer o seu trabalho, na forma como você vai escolher a palavra correta para se referir a cada entrevistado ou a determinadas situações, né (...) (Angu de Grilo, 2020).

Nesse trecho, Flávia Oliveira destaca a importância de adotar uma postura ativa contra o racismo, tanto individualmente quanto no contexto das grandes empresas, além de abordar outras intersecções de gênero em sua fala.

A podcaster Isabela Reis finaliza essa pauta trazendo apontamentos sobre as etapas da conscientização do próprio racismo, referenciando o livro 'Memórias da Plantação' de Grada Kilomba, que segundo a podcaster constituem-se como negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação, nessa parte, Isabela também menciona seus processos enquanto consumidora crítica.

A conscientização racial em relação à ordinariedade do racismo é uma marca constantemente acionada na fala das podcasters, o que se desdobra na forma como abordam temáticas raciais. Ao se colocarem também como aprendizes em progressiva desconstrução, as podcasters, nos episódios analisados, apresentam instruções para uma conduta antirracista em diferentes âmbitos. Ao mesmo tempo, o próprio podcast demonstra, de forma prática, formas de construção de um jornalismo antirracista.

Como um projeto independente, as pautas abordadas partem do interesse pessoal das jornalistas que pontuam seus marcadores de gênero, raça e faixa etária por meio do conhecimento experiencial de ambas. As pautas raciais são debatidas através de contextualizações e conceituações que vão desde o racismo religioso, antirracismo, lugar de fala e dia da Consciência Negra até o evidenciamento dos desdobramentos do racismo no futebol, na medicina e na comunicação. Em cada episódio uma grande quantidade de tópicos de ordem racial são pincelados, onde alguns desses são aprofundados mais que outros.

Três dos quatro episódios não possuem convidados. O tempo do episódio é explorado por meio da análise aprofundada de notícias intercaladas com outras pautas associadas, seguindo um fluxo de referências teóricas e não teóricas. Há

também menção de personalidades negras, com ou sem contextualização de suas trajetórias.

Um ponto central alcançado em relação às pautas raciais, que envolvem o racismo e o antirracismo, palavras-chave identificadas nos títulos dos episódios, é que, embora notícias de sofrimento ilustrem os casos de racismo no podcast Angu de Grilo, as podcasters impulsionam os ouvintes à criticidade, uma vez que evidenciam estratégias direcionadas a sua audiência e contribuem também para a disseminação das contribuições da população negra brasileira.

4.2 Conversa de Portão

Conversa de Portão (2020 - 2023)⁴³ é um podcast produzido pelas cofundadoras do site de jornalismo Nós, mulheres da periferia em parceria com UOL Plural⁴⁴. O podcast semanal tem como apresentadoras as jornalistas Bianca Pedrina, Jéssica Moreira, Lívia Lima, Mayara Pereira, Semayat Oliveira e a designer Regiany Silva, que também fazem parte da equipe do site Nós, Mulheres da Periferia.

O site jornalístico Nós, Mulheres da Periferia é uma iniciativa independente de mulheres moradoras de regiões periféricas de São Paulo, o objetivo principal deste veículo jornalístico é propagar a história, ponto de vista e assuntos de interesse de mulheres periféricas brasileiras. Ativo desde 2014, sua equipe é formada por sete gestoras e quatro colaboradoras, todas de origem periférica e predominantemente negras.

Conversa de Portão estreou em setembro de 2020, durante a pandemia do COVID - 19, somando 80 episódios até abril de 2023. Os episódios estão disponíveis nas plataformas de áudio e vídeo Spotify, Deezer, Apple Podcasts, no site Nós, Mulheres da Periferia e no site Universa UOL, além do YouTube, no perfil do UOL.

⁴³ O episódio mais recente do podcast Conversa de Portão titulado **Francy Baniwa e Francieli Silva: dois olhares sobre o lixo** foi publicado em 27 de abril de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/68PnWGiNMcyAGbOFXSQYhJ?si=F3v8Tx7FS3WLalfOlb54xA>. Acesso em: 07 jan. 2024.

⁴⁴ UOL Plural é um selo editorial da UOL que apoia veículos e coletivos independentes de origem periférica para produção e cocriação de conteúdo relacionado à juventude, política, mobilidade, sustentabilidade, esporte, entretenimento, representatividade, entre outros. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/04/uol-lanca-selo-plural-para-parcerias-com-col>. Acesso em: 8 jul. 2023.

No episódio de estreia do podcast *Conversa de Portão*, titulado **Como é que começa uma conversa?**, as seis podcasters estão presentes e introduzem o programa, abordando a periodicidade, o formato e os temas que serão explorados no podcast. Além disso, enfatizam a presença de convidadas e a diversidade na condução do programa.

Nesse episódio, as podcasters caracterizam o ponto de partida de uma conversa: um assunto importante. Segundo elas, essa importância está ligada aos interesses das apresentadoras. Aqui, constatamos que, como um podcast ligado a um site de jornalismo independente cujo propósito é pautar a perspectiva e história de mulheres negras e periféricas, o podcast também segue esta mesma linha editorial.

Ainda no referido episódio, as podcasters também fazem suas apresentações, enfatizando seus nomes, suas origens territoriais e suas áreas de interesse. A jornalista Bianca Pedrina expõe,

(...) também gosto de falar, mas acho que esse podcast vai ser um exercício de escuta também. De escutar as mulheres que moram nas bordas da cidade, de escutar nossa vizinha, de escutar quem mora na periferia, que muitas vezes não é ouvida, as nossas especialistas. Eu acho que esse podcast ele vai servir pra ampliar essas vozes, pra que a gente tenha esses conteúdos sob uma perspectiva de mulheres e mulheres que vêm das periferias da cidade de São Paulo (*Conversa de Portão*, 2020).

Como enfatizado nesse episódio de estreia, a ênfase nas temáticas abordadas baseia-se na manifestação através das áreas de interesse das podcasters, abrangendo temas como educação, infância, raça e territorialidade, alinhados ao encargo do site *Nós, mulheres da periferia*. A partir da exposição da podcaster Bianca Pedrina, verificamos uma via de mão dupla no que se refere a produção de conteúdo jornalístico do podcast.

As podcasters estabelecem suas participações nos episódios a partir desses interesses pessoais e/ou experiências profissionais. Ao mesmo tempo, as podcasters assumem um papel de escuta, promovendo isso ao centralizar as falas das convidadas especialistas, que estão ligadas de alguma forma ao contexto periférico.

Em síntese, ambos os caminhos confluem para a interseccionalidade, considerando especialmente os marcadores sociais de gênero, raça e territorialidade, por meio do conhecimento experiencial das podcasters e das

mulheres que são entrevistadas, destacando-se especialmente as vivências das moradoras de periferias.

Quanto à programação, o referido podcast possui algumas séries temáticas de episódios em parcerias com instituições, organizações e sites. A exemplo disso, o podcast dispõe de duas temporadas intituladas 'Feminismos', feito em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo e a série de episódios 'Futurar', uma iniciativa de Puentes e uma parceria entre o podcast Conversa de Portão e Revista Azmina, ambos projetos realizados em 2021. Essas séries de episódios também contam com convidadas mulheres e evidenciam contundentemente a perspectiva feminista, bem como a interseccionalidade gênero e raça referente às mulheres negras no conteúdo produzido.

Entretanto, a maioria dos episódios não está dividida por temporada, e é nesse contexto que nossos objetos de escuta e análise se encontram, os episódios **As crianças que o racismo mata** e **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois**. Nesse sentido, pautando a opinião, análise e história de mulheres, o podcast Conversa de Portão é conduzido por entrevistas com as convidadas, consequentemente assemelha-se ao eixo estrutural de entrevista, segundo Viana e Chagas (2021), como "realizada pelo/a host do podcast com direcionamento de perguntas a um ou mais convidados com a finalidade de entender sobre um assunto específico" (p.11).

Os episódios analisados **As crianças que o racismo mata**, publicado em 23 de março de 2021, é apresentado por Mayara Penina, tem como convidada e fonte especializada Márcia Gatto, jornalista e integrante do Movimento Candelária Nunca Mais. O episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois**, publicado em 22 de setembro de 2021, é apresentado por Jéssica Moreira, tem como convidadas e fontes especializadas Edna Roland, relatora da ONU e Juliana Gonçalves, militante da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. Nesse sentido, as convidadas que participaram dos episódios analisados são fontes de ordem especializada (Schmitz, 2011), elas contribuem com o debate proposto a partir do conhecimento experiencial enquanto mulheres negras militantes e pesquisadoras de questões raciais.

A nomenclatura do podcast está associada ao simbolismo do portão de casa como um ponto de encontro e diálogo, uma prática comum em comunidades periféricas. Essa significação é evidenciada no episódio piloto, no qual as

apresentadoras expõem as características de uma conversa que acontece na frente do portão de casa, onde interferências sonoras, como latidos de cachorro ou o chamado de um filho, podem ocorrer, e como essas interferências também podem acontecer durante a gravação de seus episódios.

Sinalizando as interferências sonoras como uma das características da gravação de podcasts em localidades periféricas, o podcast reconhece que essas são inerentes ao processo de gravação. Entretanto, essa característica se constitui como uma marca e não como um déficit na qualidade do podcast, contrariando a associação entre ausência de ruídos à profissionalização e qualidade do produto final.

Verificamos que, a capa do programa conecta-se com o título do programa, uma arte digital de fundo roxo, do lado esquerdo traz em traços finos brancos uma ilustração que remete a duas mulheres conversando na frente de um portão e do lado direito o título do programa.

Figura 3 - Capa do podcast Conversa de Portão



Fonte: Perfil do podcast Conversa de Portão no *Spotify*⁴⁵

A identidade visual proposta nos episódios analisados diferenciam-se. O primeiro apresenta a foto da convidada e algumas informações escritas, como número e título do episódio, nome da convidada, nome do podcast e nome do site ao qual o podcast está associado. Aqui a questão do endereçamento está presente

⁴⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/39gOUgPbRsPp02gF8oPuwZ?si=55b56a642acd4dfb>. Acesso em: 08 jan. 2024.

tanto através da imagem que leva o nome do episódio quanto como o título listado do episódio em si.

Figura 4 - Capa do episódio **As crianças que o racismo mata** do podcast *Conversa de Portão*



Fonte: Perfil do podcast *Conversa de Portão* no *Spotify*⁴⁶

O segundo apresenta somente o nome do podcast e sua enumeração. O podcast não possui um padrão estabelecido em relação à capa dos episódios, ocorrendo variações.

⁴⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1cJJdfLRCeMAhIBy3NFotr?si=Yjz2tIRjSx2QJh1fST1tGw>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Figura 5 - Capa do episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois** do podcast *Conversa de Portão*



Fonte: Perfil do podcast *Conversa de Portão* no *Spotify*⁴⁷

Outro elemento parassonoro são as descrições dos episódios que trazem informações adicionais à temática do mesmo. No episódio **As crianças que o racismo mata**, que discute sobre as mortes de crianças e adolescentes negros e pobres nas periferias do Rio de Janeiro e do Brasil, tem como parte de sua descrição nas plataformas de áudio

A cada 60 minutos, uma criança ou um adolescente morre no Brasil em decorrência de ferimentos por arma de fogo. São números de países de guerra. Neste episódio, Mayara Penina investiga estes dados com Márcia Gatto, jornalista que iniciou seu trabalho de defesa dos direitos das crianças e adolescentes em 1993 na Chacina da Candelária. Hoje ela está na coordenação do Movimento Candelária Nunca Mais. 28 anos depois da Chacina, o que mudou com relação aos direitos e a proteção de crianças e jovens no Brasil e no Rio de Janeiro? Confira o papo! (...) (*Conversa de Portão*, 2021).

Já na descrição do episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois** informa “Você já ouviu falar sobre a Conferência de Durban Contra o Racismo? Cotas Raciais, Políticas Afirmativas e o termo afrodescendente são

⁴⁷ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/5iawGZo2clahkwLBfBGdgl?si=5SuWaG5rT9OuheyMtDYTfg>. Acesso em: 08 jan. 2024.

conceitos refletidos e disseminados nesta conferência (...)” (Conversa de Portão, 2021).

A identidade sonora do podcast, constatada nos episódios mencionados anteriormente, é composta por uma vinheta que incorpora efeitos sonoros como o bater de palmas, latidos de cachorro e o abrir do portão, acompanhados por um fundo musical. Além disso, a identificação da apresentadora, a associação de financiamento do podcast e uma breve descrição do programa. Isso se apresenta tanto na abertura quanto no encerramento dos episódios. Nota-se que a vinheta é gravada individualmente para cada episódio pela podcaster que apresenta, sendo diferente nos diversos episódios do programa.

Ambos episódios analisados não ultrapassam quarenta minutos de duração, neles as podcasters conduzem o podcast direcionando perguntas às convidadas, além disso, também há a inserção de sonoras durante os episódios na forma de trechos de reportagens e trechos de documentários.

Os elementos que compõem tanto a identidade visual, representada pela capa do podcast, quanto a identidade sonora, na vinheta, reforçam os significados atribuídos à denominação do podcast e ao simbolismo que ele carrega.

As podcasters, ao escolherem não associar suas imagens pessoais e considerarem suas identidades raciais na capa do podcast, por exemplo, posicionam-se conforme a linha editorial e os objetivos do site Nós, mulheres da periferia. No entanto, os marcadores sociais de raça, classe e territorialidade das podcasters estão intrínsecos nos outros elementos que se desdobram de suas falas, ou seja, por meio de suas posições a partir do conhecimento experiencial, na formulação das perguntas e na recepção das respostas, pontos que veremos com mais afinco a seguir.

Figura 6 - Podcasters do Conversa de Portão



Fonte: Site Nós, Mulheres da Periferia⁴⁸

Verificamos, então, que o Conversa de Portão adota formas de gravação caseira, sem o uso de estúdio de gravação para as entrevistas, que inclui suas possíveis interferências externas não planejadas, como parte essencial de sua identidade. Parte da intenção do podcast é o mesmo ser produzido por mulheres que vivem nessas comunidades, com a participação também de mulheres da periferia. Dessa forma, as criadoras deliberadamente incorporam esses sons e interferências em sua vinheta, dando ênfase à autenticidade dessa conexão com as áreas periféricas.

Seguiremos agora os pormenores dos episódios **As crianças que o racismo mata** e **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois** e as abordagens antirracistas nas falas das podcasters empreendidas pelo podcast Conversa de Portão.

4.2.2 Falar mas também escutar

O termo 'racismo' conecta o título dos episódios **As crianças que o racismo mata** e **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois** do podcast Conversa de Portão, sendo esse também o tema central dos mesmos. Entretanto, esse termo aparece acompanhado por meio da contextualização dessa dinâmica na

⁴⁸ Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

realidade social.

A ausência de uma definição de racismo mais clarificada demonstra que, nos referidos episódios, o podcast parte do pressuposto da ordinariedade do racismo, ou seja, pressupõe-se primordialmente que sua audiência tenha a compreensão de que o racismo é uma forma de opressão contra pessoas negras que ocorre frequentemente, e que está embebido na estrutura da sociedade brasileira como algo estabelecido e não questionável.

O episódio **As crianças que o racismo mata**, publicado em 23 de março de 2021, tem apresentação da podcaster Mayara Penina. O episódio em questão tem como convidada Márcia Gatto, jornalista e integrante do Movimento Candelária Nunca Mais, com caráter de fonte especializada (Schmitz, 2011).

O episódio é guiado por perguntas propostas pela podcaster Mayara Penina à convidada Márcia Gatto, tem como tema central a violência letal contra crianças e adolescentes, os quais são em sua maioria negros, pobres e moradores das periferias do Brasil. O episódio de cerca de 20 minutos aborda as pautas de forma sucinta, com respostas breves da convidada que apenas tangenciam os tópicos discutidos.

Entre os tópicos abordados estão a atuação de Márcia Gatto na defesa dos direitos da criança a partir da chacina da Candelária, as mudanças em relação aos direitos e a proteção de crianças e jovens no Rio de Janeiro e no Brasil, as intervenções contra a morte de crianças e adolescentes negros e pobres, a atuação das mães que perderam seus filhos, contra a violência que assola crianças e adolescentes pretos e periféricos, a problematização do termo 'balas perdidas' no contexto jornalístico ao tratar sobre os assassinatos de crianças e adolescentes pretas e periféricas e como isso reflete na forma de desresponsabilização dos executores.

Logo no início, após a vinheta do programa, o episódio apresenta sonoras em forma de manchetes de noticiários que retratam a morte de crianças vítimas de tiros cuja origem não é conhecida. Desse modo, a temática central se desenvolve a partir da premissa do anonimato dos responsáveis por essas violências.

Neste episódio a articulação do termo racismo é realizado quando a nomenclatura 'racismo estrutural' é citada pela convidada Márcia Gatto, quando menciona "(...) mas a gente sabe que a violência contra o negro é muito grande, o negro, quem tá nas periferias, quem tá na favela, a forma de abordar ela é

diferenciada e a gente vê que o racismo estrutural tá presente aí né, e é uma luta constante” (Conversa de Portão, 2021).

De acordo com Almeida (2020) o racismo como estrutura, disseminado usualmente como racismo estrutural, configura-se como “processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta e indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2020, p.51). Partindo dessa conceituação, compreendemos que, embora na fala de Márcia Gatto o termo racismo estrutural não seja conceituado minuciosamente, a convidada demonstra como isso ocorre na prática.

Como já nos referimos neste trabalho, o termo racismo estrutural ganhou grande repercussão na mídia e nas redes sociais digitais, principalmente depois do lançamento do livro do filósofo Silvio Almeida, entretanto muito do que foi repercutido sobre esse termo difere do apontado pelo autor. Ao longo deste episódio, a podcaster Mayara Penina direciona suas perguntas à entrevistada, explorando a viabilidade de práticas contra o racismo e destacando o papel de organizações e movimentos dos quais a entrevistada faz parte

Mais adiante, neste mesmo episódio, a complexidade do racismo enquanto estrutura que atinge a população negra é pontuado pela entrevistada, embora tal termo não seja mais mencionado. Márcia Gatto expõe como isso reflete no sistema de segurança pública

(...) dentro da corporação da segurança pública, que a gente fala de polícia civil, polícia militar, em especial dentro da polícia civil, ela é, eu acho que as duas né, elas são formadas para a repressão e o controle de um grupo que é considerado nocivo à sociedade. Então, são formadas pra isso e eles tem esse estereótipo. Isso não sou eu que tô falando, eles têm o tipo de estereótipo que é ‘o criminoso’, isso já tá intrínseco, quem é esse criminoso? Ele é negro, ele é um homem jovem e ele é pobre, ele vem da favela. Então, é por isso, não por acaso eles consideram todo mundo que tá na favela um criminoso (Conversa de Portão, 2021).

Desse modo, o debate acerca dos usos e sentidos do racismo é feito neste episódio através da evidenciação dos lugares sociais direcionados às negras(os) nas dinâmicas sociais brasileiras, como mencionado anteriormente.

Já o eixo da denúncia à violência racial é explorada neste episódio a partir da relação desta com a prática jornalística. Isso é feito quando a podcaster problematiza o uso do termo “balas perdidas” no contexto jornalístico para descrever

os assassinatos de crianças e adolescentes negros das periferias, refletindo a forma como isso desresponsabiliza os perpetradores.

O diálogo entre a podcaster Mayara Penina e a convidada Márcia Gatto se desdobra da seguinte maneira:

Mayara Penina: Márcia, quando eu tava fazendo a apuração dessa pauta, antes de conversar com você, eu me atentei pro jeito que essas notícias são contadas. As notícias falam que as vítimas morreram de balas perdidas, que é a expressão que nós jornalistas usamos muitas vezes, o governo usa, os especialistas que falam sobre esse tema usam e na verdade essa expressão esconde uma realidade muito cruel, né, que é não existe uma responsabilização por essas mortes. como é que é que você lida com isso no seu dia a dia no seu trabalho?

Márcia Gatto: Olha, é inacreditável porque essas mortes que fala é bala perdida, eu vou te dizer o seguinte, elas não são somadas àquelas que são mortes por intervenção policial, elas não são computadas e assim e muito menos se vê investigação de um caso desse, só se teve muita repercussão. Porque os casos têm maior repercussão, é claro que a mídia cobra e tem que cobrar mesmo, não só desse mas de muitos também, porque muitos outros acontecem, aí tem uma investigação, porque a maioria desses casos não são investigados, entendeu? E assim os caras estão soltos, tão por aí soltos ou então sofrem uma, entram pela própria, como é que é, os julgamentos são julgados pela própria corporação, né, mas acabam ficando soltos e tal (Conversa de Portão, 2021).

Ao descortinar o processo de invisibilidade ao qual o termo “balas perdidas” contribui, Márcia Gatto ainda aponta outro aspecto no qual a mídia influencia na repercussão dessas mortes, através da propagação de casos que, por algum motivo, recebem notoriedade, embora isso ainda seja insuficiente diante da grande quantidade de casos semelhantes que não recebem a devida apuração legal.

Nesse contexto, observamos como o podcast, ao tornar pública a temática da violência racial, especialmente aquela que atinge crianças negras e periféricas, contribui para a prática antirracista no tocante à transformação na realidade social.

Assim constatamos que entre os pontos que confluem para a transformação social, o episódio **As crianças que o racismo mata**, o qual o tema é a violência que atinge crianças e adolescentes que em sua maioria são negros e pobres, assume a primazia da denúncia violência racial, isto pode ser observado a partir das pautas abordadas no episódio, as quais estão alinhadas com a propostas de combate e acolhimento diante dessas violências, além disso, evidencia-se as estruturas que expõem os sujeitos negros a essas violências.

A evidenciação de narrativas prósperas ocorre paralelamente ao destaque de iniciativas da sociedade civil, seja de movimentos sociais ligados a contextos

periféricos, como o Movimento Candelária Nunca Mais, Mães de Maio, Mães Mogianas e Mães de Manguinhos, e do Programa Minha Mãe Não Dorme Enquanto Eu Não Chegar, assim como em relação à agência de Márcia Gatto, convidada especialista, que se faz presente por meio de seu contexto profissional e como ativista, destacando, assim, também um viés interseccional, marca do podcast Conversa de Portão.

Partindo para o episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois**, publicado em 22 de setembro de 2021, este é apresentado por Jéssica Moreira e conta com as fontes especializadas (Schmitz, 2011) Edna Roland e Juliana Gonçalves. Edna Roland é psicóloga, militante do movimento negro, do movimento de mulheres negras e do movimento feminista. Juliana Gonçalves é jornalista, pesquisadora e militante da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. O tema central do episódio é a Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Religiosa, realizada em 2001 em Durban, África do Sul, abordando sua história e desdobramentos na atualidade.

O episódio na segue na direção da valorização da trajetória de negros e negras no combate ao racismo no Brasil, bem como a avaliação dos debates na atualidade. Com pouco mais de trinta minutos de duração, as pautas abordadas no episódio são os ganhos da Conferência de Durban para o Brasil, os antecedentes da Conferência de Durban, a participação de mulheres negras brasileiras em movimentos contra o sexismo e racismo, a participação de Edna Roland na Conferência de Durban como relatora oficial, as contribuições de ativistas brasileiros na elaboração de perspectivas a respeito dos debates raciais no Brasil, os efeitos institucionais da Conferência de Durban no Brasil através de secretaria especializada e os desafios contemporâneos das questões raciais no Brasil.

Dessa maneira, o referido episódio implica na evidenciação de narrativas prósperas, evidenciando contribuições históricas da população negra brasileira. Esse episódio carrega uma forte marca educativa, disseminando a história de lutas contra o racismo lideradas pelos movimentos negros e pelos movimentos de mulheres negras.

O episódio em questão inicia com a seguinte fala da podcaster Jéssica Moreira,

A luta contra o racismo ganhou novo impulso após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, denunciando a violência policial em todo o mundo, mas as discursões que chegaram com força, seja na TV ou nas redes sociais, não nasceram hoje. Muitos dos conceitos, leis e avanços conhecidos por nós, como as cotas raciais, foram pensadas durante décadas por militantes do movimento negro e movimento de mulheres negras do Brasil. Muitas dessas concepções foram defendidas durante a Terceira Conferência Contra o Racismo organizada pela ONU, em Durban, África do Sul, no ano de 2001. Passados 20 anos da mais importante conferência contra o racismo, quais são os desafios que ainda persistem em nosso país? (Conversa de Portão, 2021).

Essa fala aponta uma perspectiva crítica sobre a relevância dos debates raciais nacionais e internacionais protagonizados pelos vários movimentos negros ao longo da história. Destaca a contribuição do movimento negro e do movimento de mulheres negras no Brasil, em contraposição ao atraso na disseminação, pela grande mídia, de conteúdos sobre racismo na mídia hegemônica após o assassinato de George Floyd.

Elucidativamente, o podcast desempenha principalmente um papel educativo ao trazer um panorama histórico sobre as contribuições da Terceira Conferência de Durban em questões como a relevância dos temas debatidos nesse evento, bem como naqueles que o antecederam e sucederam, para os debates raciais no Brasil, além de contribuir para a compreensão do racismo enquanto estrutura.

A articulação em relação ao termo ‘racismo’, nesse episódio não acompanha necessariamente uma conceituação, a maioria das vezes relaciona-se ao título da conferência no qual nos é apresentado por dezesseis vezes atravessando discussões e elementos que os circundam e vão aparecendo à medida que o tema vai sendo apresentado e debatido. O termo ‘racismo estrutural’, também nos é apresentado como um assunto que já fosse de conhecimento dos ouvintes, seguindo assim os elementos que já debatidos nas conferências anteriores e nos explicando de acordo com a sua recorrência no episódio.

Os marcadores sociais de gênero e raça são operacionalizados no episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois**, a partir das indagações propostas pela podcaster que pontuam a centralidade da contribuição de mulheres negras no debate racial nacional e sua internacionalização através da Conferência de Durban.

Além disso, o viés de raça e gênero é retomado constantemente, podemos notar isso na repetição de “mulheres negras” dezenove vezes durante o episódio,

inclusive quando a podcaster Jéssica Moreira se autodefine como mulher negra periférica e beneficiária da política de cotas, de forma a aproximar sua trajetória de vida com a da convidada Juliana Gonçalves.

Em ambos episódios o conhecimento experiencial de negros e negras é constatado principalmente através das falas das convidadas, que compartilham com suas trajetórias, especialmente, em movimentos sociais. Márcia Gatto é atuante no Movimento Candelária Nunca Mais, Edna Roland no Movimento Negro e no Movimento de Mulheres Negras e Juliana Gonçalves uma é uma das organizadoras da Marcha das Mulheres de São Paulo.

Intrínseco ao conhecimento experiencial está a perspectiva da interseccionalidade, sendo evidentemente operacionalizada nos episódios a partir da escolha das fontes, levando em consideração a intersecção gênero e raça, com entrevistadas mulheres negras, e sobretudo a partir das pautas abordadas, reconhecendo a intersecção das opressões. Essa perspectiva pelo viés da interseccionalidade é adotada tanto na linha editorial do site Nós, mulheres da periferia, do qual o podcast Conversa de Portão está vinculado, quanto no próprio podcast.

4.3 Pretoteca

Pretoteca é um podcast semanal vinculado à Rádio BandNews FM e ao Grupo Bandeirantes. O referido podcast, que está ativo desde novembro de 2020, possui 80 episódios publicados desde sua estreia em novembro de 2020 a dezembro de 2022.⁴⁹

Como apresenta Santos e Guena (2022), através da pesquisa realizada pela Mídia Ownership Monitor (MOM) Brasil, Interozes- Coletivo Brasil de Comunicação e Repórteres sem Fronteiras, o Grupo Bandeirantes compõe um dos cinco grupos de empresas comunicacionais que controlam a metade dos veículos comunicacionais do país.

⁴⁹ Além dos 80 episódios publicados, o podcast também apresenta um trailer postado em 27 de novembro de 2020 e um episódio de aviso de férias, publicado em 03 de dezembro de 2021, estes possuem um minuto de duração e portanto servem com propósitos distintos da maioria dos episódios. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/68He2FOTgcbLcGgJARYKil?si=6854b4f24bde4a3c>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Devemos levar isto em consideração quando pensamos na natureza ínfima dos podcasts negros no Brasil, com pouca durabilidade devido à falta de financiamento e outras formas de remuneração. O problema de longevidade associado a falta de apoio financeiro também é uma marca da imprensa negra brasileira e suas ramificações contemporâneas, como argumenta Moura (1973, p.14), no caso da imprensa negra ainda no século XX o “problema de manutenção dos jornais é derivado da situação de marginalização do negro de forma global”, estes veículos comunicativos se sustentavam a base de uma rede de solidariedade composta pelo próprio público negro.

Embora mais raro, a imprensa negra no Brasil também empreendeu suas iniciativas ligadas a modelos tradicionais e seguem na contemporaneidade emaranhados com a grande mídia (Alakija, 2012). Este é o caso do podcast Pretoteca, que está ativo em 2024 com publicações semanais, além de ter passado por uma rotatividade de apresentadores. Do episódio de estreia a fevereiro de 2021 foi apresentado pelo jornalista Luiz Teixeira, em seguida, a partir de junho de 2021, passou a ser apresentado pelas jornalistas Cynthia Martins e Milena Teixeira. As jornalistas estiveram à frente da apresentação do podcast até final de 2022. Em 2023, Cynthia Martins passou a dividir a apresentação com as também jornalistas negras Jordana Araújo, Larissa Alves e Luana Pereira em episódios alternados.

Nossos objetos de escuta e análise foram publicados em anos distintos, o episódio **#1 - Meu primeiro encontro com o racismo**, em 2020. Os episódios **#15 - Precisamos falar sobre educação antirracista; #29 - Procedimentos estéticos, cirurgia plástica e racismo e #31 - Como o racismo afeta as crianças?** foram publicados em 2021. E os demais, **#39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista no auxílio aos atingidos; #41 - Racismo reverso, de Vilma para Risério; #51 - “Era preciso engolir determinados sapos para conseguir algum espaço”, diz Hélio de La Peña sobre racismo na carreira e #74 - Por que as pessoas que cometem racismo não são presas?** foram publicados durante o ano de 2022.

Tais episódios são apresentados pelo jornalista Luiz Teixeira e pelas jornalistas negras Cynthia Martins e Milena Teixeira. Apesar da grande maioria dos episódios do podcast Pretoteca serem apresentados por jornalistas negras, e dessa forma compõem o recorte de pesquisa, também analisamos o episódio de estreia, titulado **#1 – Meu primeiro encontro com o racismo**, apresentado por Luiz

Teixeira, por constar o termo racismo, umas das palavras-chave de nosso recorte temático.

A proposta do podcast Pretoteca, segundo a descrição que consta no perfil do programa, é abordar sobre as desigualdades raciais e o combate ao racismo no Brasil, através da discussão de temas diversos com convidados negros com experiência em áreas distintas. Baseado nisto, referente ao formato do podcast, os episódios analisados se assemelham ao eixo estrutural de entrevista segundo Viana e Chagas (2021) como “realizada pelo/a host do podcast com direcionamento de perguntas a um ou mais convidados com a finalidade de entender sobre um assunto específico” (Viana, Chagas, 2021, p. 11).

Os episódios analisados têm duração variando entre pouco mais de trinta minutos e pouco mais de uma hora. Nesses episódios as podcasters entrevistam personalidades negras, em sua maioria, para discussão dos temas propostos. Nas entrevistas, o conhecimento experiencial dos convidados é explorado na discussão de temáticas raciais, nesse sentido classificamos tais convidados como fontes de ordem notável, especializada e testemunhal, de acordo com Schmitz (2011).

Pretoteca teve seu episódio de estreia no dia 27 de novembro de 2020, com produção de Milena Teixeira e apresentação de Luiz Teixeira, ambos jornalistas negros que integravam a equipe da Rádio Band News.⁵⁰ O episódio de estreia titulado **#1 – Meu primeiro encontro com o racismo** estreou após a grande repercussão do assassinato de João Alberto Freitas, um homem negro espancado e asfixiado por dois seguranças numa loja da rede Carrefour de Porto Alegre em 19 de novembro de 2020⁵¹.

No episódio em questão, o apresentador Luiz Teixeira declara que o programa foi gravado com as entrevistas de Elza Soares e Preto Zezé antes do assassinato de João Alberto Freitas, entretanto pontua a necessidade relatar sobre o ocorrido, trazendo uma nova gravação de Preto Zezé sobre o caso, assim como uma gravação do pai de João Alberto Freitas, João Batista Rodrigues, sobre o ocorrido.

⁵⁰ Disponível em:

<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/noticias/bandnews-fm-estreia-o-podcast-pretoteca-para-discutir-os-desafios-do-combate-ao-racismo>. Acesso em 06 jun. 2023.

⁵¹ Disponível em:

<https://www.brasilefato.com.br/2020/11/20/homem-negro-morre-apos-ser-espancado-em-unidade-do-carrefour-em-porto-alegre>. Acesso em 29 abr. 2024.

Além disso, o podcast Pretoteca emerge em novembro, marcado pelo Dia da Consciência Negra e pelo Novembro Negro, mês dedicado à celebração e ao reconhecimento da resistência negra no Brasil. Essa questão é pontuada no episódio de estreia pelo apresentador Luiz Teixeira, que assinala a importância da luta contra o racismo de forma contínua.

A identidade sonora do podcast Pretoteca é composta por uma vinheta, tocada no início e na finalização dos episódios, identificando a filiação do podcast à BandNews FM e o nome do programa, há também a reprodução de trechos de músicas.

O podcast recebe o título de Pretoteca, como um neologismo através da união das palavras 'preto' e 'biblioteca' para designar a ideia de acervo constituído de referências negras. A identidade visual referente a capa dos episódios do programa, assim como o título, denota referências à identidade negra. A capa geral do programa e as capas dos episódios são iguais, apresentam um fundo preto, além de ilustrações digitais de rostos com características fenotípicas negras e cabelos no estilo black power. No canto superior direito, é visível a menção "Rádio Band News FM", evidenciando sua vinculação.

Figura 7 - Capa do podcast Pretoteca



Fonte: Perfil do podcast Pretoteca no Spotify⁵².

⁵² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/68He2FOTgcbLcGgJARYKil>. Acesso em: 26 dez. 2023.

A partir do episódio **#39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista**, primeiro episódio de 2022, o podcast passa a ser publicado também em formato de vídeo no canal do *YouTube* da Rádio BandNews FM, trazendo a questão da autorrepresentação visual em relação às apresentadoras e convidados.

Figura 8 - *Print screen* do episódio **#39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista** publicado no *YouTube*



Fonte: Canal da Rádio BandNews FM no *Youtube*⁵³.

A partir da escolha de seu título, bem como da identidade visual do programa, compreendemos que esta é uma forma de pontuar a identidade do podcast baseada no conteúdo em que se propõem tratar, além, é claro, de utilizar elementos identitários negros que facilitam o endereçamento do podcast para o público que tem em vista encontrar tais conteúdos.

Entendendo que o podcasting é uma mídia na qual os ouvintes, além de terem acesso à internet, precisam estar cientes da existência de conteúdos específicos (Cavalcante, 2021), é crucial, além de ter títulos que destaquem esses temas para que o público os encontre, operem os elementos visuais que sinalizem o conteúdo abordado.

Em síntese, o podcast Pretoteca é apresentado por jornalistas negros (as) e traz personalidades negras para discussão dos temas referentes ao enfrentamento

⁵³ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=C2-3KawttTc&list=PL5DFI3pSRD_9uU9trEa3rRtyy_Ig0srK6&index=80. Acesso em: 26 dez. 2023.

do racismo. A questão do protagonismo negro é central nos episódios por meio das fontes escolhidas para tratar sobre questões raciais.

A seguir veremos como o podcast Pretoteca emprega determinadas estratégias antirracistas ao tratar sobre questões raciais, como o racismo e antirracismo, bem como algumas especificidades do programa ao tratar dessas temáticas. Alguns episódios foram mais detalhados que outros em prol de pontuar características chaves do podcast em questão.

4.3.1 Nada sobre nós sem nós

A frase que inicia este tópico sintetiza uma abordagem marcante do podcast Pretoteca em entrevistar pessoas negras de diversas áreas e discutir com elas a experiência de ser negro e suas ramificações. Essa frase refere-se a uma fala da socióloga Vilma Reis, presente no episódio **#41 - “Racismo reverso, de Vilma para Risério”** e representa uma característica marcante do podcast em nossos objetos de escuta e análise, manifestando-se de maneiras distintas neles.

Seis dos oito episódios analisados do podcast Pretoteca possuem o termo ‘racismo’ em seus títulos, em grande medida, as pautas abordadas relacionadas às temáticas raciais perpassam a questão da denúncia da violência. Isso ocorre através de destaques de casos que ocorreram em datas próximas à gravação dos referidos episódios e por meio das perguntas feitas pelas podcasters que instigam seus convidados a exporem situações de racismo que vivenciaram.

De modo geral, para aprofundar os temas a participação de pessoas negras é uma característica fundamental, destacando o protagonismo negro como uma de suas marcas incisivas. Nos episódios analisados, apenas o episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?** conta com a participação de uma pessoa branca, a atriz Samara Felippo, essa por sua vez evoca sua trajetória como mãe de crianças negras, em sua visão de como o racismo e os desdobramentos raciais afeta a vida e autoestima de suas filhas, bem como as estratégias adotadas pela atriz para lidar com tal problemática.

O primeiro episódio do podcast Pretoteca, **#1 – Meu primeiro encontro com o racismo**, faz parte de nosso recorte temático, levando em seu título o termo ‘racismo’, esse é apresentado pelo jornalista Luiz Teixeira que era repórter da Rádio BandNews FM e atualmente é apresentador no SportTV e TV Globo. O jornalista

ficou no comando do podcast desde a estreia em novembro de 2020 até fevereiro de 2021.

O referido episódio tem como convidados a cantora Elza Soares e o músico, escritor e ativista social Preto Zezé, que compartilham suas primeiras experiências com o racismo enquanto pessoas negras, além do compartilhamento do próprio apresentador Luiz Teixeira sobre a temática em questão.

Seguindo a categorização de Schmitz (2011) verificamos como fontes de ordem notável a cantora Elza Soares e Preto Zezé como presidente global da CUFA - Central Única das Favelas. Ambas fontes compartilham uma origem precária financeiramente e uma posterior ascensão social marcada pela exaltação positiva da vivência negra, Elza Soares através da música e Preto Zezé através do ativismo social.

Além dessas fontes, o podcast apresenta como fonte testemunhal João Batista Rodrigues, pai de João Alberto Silveira Freitas, homem negro assassinado no supermercado Carrefour, e como fonte especializada, a contribuição da psicóloga Roberta Frederico. Essas últimas duas fontes contam com uma menor participação em relação às fontes notáveis.

Podcaster e convidados conversam sobre os impactos e desdobramentos do racismo no Brasil, conhecimento experiencial dos convidados e do apresentador é central nesse episódio, entre as pautas tratadas estão o compartilhamento de experiências de racismo na infância, referências negras, processo de descobrir-se negro(a), estratégias de combate ao racismo, marginalização da cultura negra, atuação dos movimentos negros, inserção de pessoas negras em espaços de poder, ações afirmativas, relevância do Dia da Consciência Negra e assassinato de João Alberto Freitas.

Quanto à articulação do conceito de racismo e o debate acerca dos seus usos e sentidos, no referido episódio termos como 'racismo à brasileira', 'racismo estrutural e velado' são citados para nomear o tipo de racismo que cerca a população negra brasileira. Entretanto, mesmo a palavra 'racismo' aparecendo vinte e nove vezes em quarenta e três minutos de episódio, o termo não é explicitamente elucidado de forma conceitual. Por outro lado, aglutinam-se menções ligadas às experiências pessoais referentes ao racismo, isto é feito a partir das pautas abordadas e das perguntas lançadas pelo apresentador.

Dessa maneira, observamos que a ordinariedade do racismo está intrínseca na condução do episódio, como já mencionado, o que é foco são os efeitos do racismo a partir das experiências dos convidados e do podcaster.

Um elemento marcante deste episódio é o direcionamento temático das perguntas feitas pelo podcaster Luiz Teixeira, que denotam sentidos sobre a relação do racismo enquanto experiência de dor e a superação deste por parte dos convidados. Partindo do pressuposto de que o racismo é habitual, as falas do podcaster exploram as formas nas quais seus convidados lidam com essa realidade.

Nas perguntas feitas pelo podcaster, nota-se também um modo único de interpretar a experiência de ser negro no Brasil, partindo de um lugar de padecimento. Questões ligadas à escassez, invisibilidade, luta e dificuldade são exploradas nas perguntas. Como podemos ver no trecho a seguir:

Elza, você deu uma entrevista a um tempo atrás pra Veja e você destacou que o racismo não te derrubou por vários motivos (...) A gente pode continuar afirmando que o racismo é algo que não te derrubou? Até pra a gente mostrar que essa força sua é tão grande que você segue firme e forte nos dias de hoje e se teve algo de cultural aqui do Brasil que te ajudou a te manter firme assim? Porque como a gente sabe, boa parte ou a maioria da nossa história acabou sendo cerceado, eu falo nossa, como negro também, e por muito tempo a gente teve tudo isso que a gente fez e construiu destruído com o passar do tempo (Pretoteca, 2020).

No trecho destacado, o podcaster Luiz Teixeira, ao direcionar a pergunta à Elza Soares sobre a superação do racismo, reforça o estereótipo racista e sexista da mulher negra forte. Esse estereótipo posiciona mulheres negras como inabaláveis apesar das dificuldades, sofrimentos, mazelas e violências sofridas.

Neste ponto, consideramos que, como destacado por hooks (2022), pessoas que pertencem ao grupo oprimido podem reproduzir narrativas que reforçam estereótipos ligados a esse grupo, no caso desse episódio, quando o podcaster enfatiza narrativas de padecimento relacionando-as às pessoas negras. hooks escreve que “podemos ir além do binarismo nós/eles, que aparece na maioria das discussões de raça e racismo, se atentarmos para o modo como o pensamento supremacista branco é um sistema de crenças fundacional neste país e influencia a consciência de todas as pessoas, independentemente da cor da pele.” (hooks, 2022, n.p.) Isso significa dizer que, a característica fundamental do racismo está postulado no seu imbricamento ao funcionamento da sociedade.

Por vezes, os convidados Preto Zezé e Elza Soares, em suas respostas, contornam as questões de padecimento enfatizando as potencialidades referentes às pessoas negras, como no diálogo destacado abaixo.

Luiz Teixeira - Muito bem e contigo preto? Você falou que a questão do rap era algo que sempre te ajudava, te ajuda, acredito inclusive nos dias de hoje, foi uma arma, entre aspas, né? Até pra a gente usar esse termo é muito complexo quando se fala de negritude, de periferia, porque tudo acaba sendo direcionado e colocado de uma forma pejorativa pra gente. O rap foi essa arma principal ou tiveram outras coisas que te ajudaram nesse processo de se descobrir negro de trazer uma negritude para dentro de você?

Preto Zezé - Eu posso considerar três etapas importantes. Um é antes de ser negro, que aí quando eu me descobri negro, eu fui entender porque que minha mãe não queria que eu andasse com certas pessoas aglomerado, porque ela não queria que eu estivesse em certos lugares na favela, não queria que eu tivesse tal horário na rua, tinha um ódio disso, que tava podando minha liberdade, meu jeito de ser, mas era minha mãe me protegendo, me dizendo 'filho, ser preto é assim', ela nunca me falou sobre isso, cara. Isso é o pré, né? E aí o pós quando vem o rap, que ele ajuda a organizar essa angústia, de certa maneira até esse ódio, essa revolta é contida, represada e que ele transforma isso no discurso, numa expressão, em música, em arte e ajuda, até terapêuticamente, pra gente poder enfrentar esse mundo que a gente passou a conviver e descobrir que existia. E agora no momento da CUFA, mas especificamente a partir dos anos 2000, em que eu começo a perceber uma perspectiva de potência da gente, vira uma chave de não aceitar mais do negro ser chamado somente para discutir problema de crime, problema de racismo, problema de encarceramento, problema de morte, mas na verdade a gente começa a perceber o preto como potência, o preto como criatividade, como emoção. E aí quando a gente começa a virar uma chave pra trazer pra perto através do maior, da maior arma contra o ódio, contra tudo que fizeram contra nós, que é a nossa alegria, que é o nosso talento e a nossa possibilidade de se comunicar e voltar a se identificar positivamente com os nossos iguais. Mais ou menos esses três momentos aí (Pretoteca, 2020).

Nesse trecho, o convidado Preto Zezé enfatiza a sua posição sobre pautas relacionadas as mazelas da população negra e a posição de inferioridade ligadas a ela, pautas essas em que negros e negras são convidados a discutir frequentemente nas mídias tradicionais. Em contraposição a essa perspectiva, o convidado pontua a alegria como maior arma contra a opressão racial.

Ainda no trecho destacado anteriormente, o podcaster contextualiza o uso da palavra 'arma' como instrumento de combate ao racismo, de forma a desvincular o sentido de criminalidade comumente associada às pessoas negras fruto de estereótipos racistas. Uma outra abordagem contextual semelhante é realizada pelo podcaster na expressão 'a coisa tá preta', contradizendo o viés ofensivo e

estereotipado dessa expressão, colocando-a como potencialidade. O podcaster Luiz Teixeira enfatiza,

A gente coloca a coisa tá preta como uma forma positiva porque durante muitos anos e até os dias de hoje tudo que é ligado a cor preta ou a raça é sempre minimizado discriminado e sempre colocado no vocabulário que tem que ser exterminado dos dias de hoje e principalmente ensinado nas escolas e também na nos livros didáticos e também no nosso dia a dia (Pretoteca, 2020).

Tanto a edificação de uma voz coletiva entre negros e negras quanto a construção de redes de solidariedade entre grupos negros nesse episódio de estreia é realizada através do papel cultural. Este é, portanto, evidenciado através do compartilhamento de referências de livros, de músicas e livros, bem como a divulgação de iniciativas coletivas negras e citações de personalidades negras do âmbito nacional e internacional.

A presença de autores, intelectuais e personalidades negras na elaboração dos discursos inclui Racionais MC's, citado por Preto Zezé e comentado por Luiz Teixeira, Lélia Gonzalez citada e comentada por Luiz Teixeira, Chadwick Boseman, citado e comentado por Luiz Teixeira e Elza Soares indicada pela própria cantora e convidada como trajetória de referência. Além disso, na parte final do episódio, Luiz Teixeira apresenta algumas indicações culturais, entre elas estão o livro *Racismo na infância* de Marcia Eurico, o filme *Luta por justiça* e o álbum musical *A Mulher do Fim Do Mundo* de Elza Soares. E ainda indicação de uma liderança negra brasileira com destaque na internet, Marcelo Carvalho, diretor do Observatório da Discriminação no Futebol.

Como já pontuamos, o episódio em questão foi lançado após o assassinato de João Alberto Freitas e também após o Dia da Consciência Negra, sendo estes pontos abordados durante o programa, a transformação social é manifestada, portanto, por meio da denúncia da violência racial através do evidenciamento de um caso de grande reverberação popular e repercussão midiática. O podcast traz a participação de João Batista Rodrigues, pai da vítima.

A proposta do episódio de estreia do podcast Pretoteca, que versa sobre o racismo, se propõem a discutir sobre questões raciais no tocante às pessoas negras com convidados também negros de distintas áreas profissionais. A estrutura da entrevista, intercalada com declarações dos podcasters, também enquanto pessoas

negras, independentemente do assunto tratado, mas que envolve questões raciais, é uma constante nos demais episódios selecionados.

O conhecimento experiencial das fontes em relação a suas experiências pessoais de racismo é abordado com maior profundidade no podcast se tratando das fontes notáveis. Como vimos, isto ocorre nos episódios **#1 - Meu primeiro encontro com o racismo**, com as fontes Elza Soares e Preto Zezé, apresentado anteriormente, assim como no episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?**, com a participação de Samara Felippo e a experiência de suas filhas como crianças negras vítimas de racismo, no episódio **#51 - “Era preciso engolir determinados sapos para conseguir algum espaço”**, diz Hélio de La Peña sobre racismo na carreira, a partir dos convidados Hélio de La Peña e Dan Carvalho.

Já a articulação do conceito do racismo ocorre de forma detalhada e conceitual nos episódios que possuem como entrevistadas fontes especializadas, todas essas mulheres negras pesquisadoras em temáticas raciais. Os episódios são **#15 - Precisamos falar sobre educação antirracista**, com a professora e criadora do projeto Mulheres Inspiradoras Gina Vieira, o episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?** com a professora e pesquisadora Lucimar Dias, o episódio **#41 - Racismo reverso, de Vilma para Risério** com a socióloga Vilma Reis e o episódio **#74 - Por que as pessoas que cometem racismo não são presas?** com a advogada e pesquisadora Thayná Yaredy.

O episódio **#15 - Precisamos falar sobre educação antirracista** publicado em 18 de junho de 2021 tem como fonte especialista (Schmitz, 2011) Gina Vieira, professora no Instituto de Ensino do Distrito Federal, criadora do projeto Mulheres Inspiradoras. Esse episódio é conduzido pelos questionamentos das podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira, sendo esse o segundo episódio no qual as jornalistas estão a frente da apresentação do podcast. Abordando a questão da implantação de uma educação antirracista no Brasil e como a ausência desta, afeta principalmente crianças negras.

Numa entrevista de pouco mais de trinta minutos, a fonte discorre sobre a legislação brasileira que assegura, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, bem como os desafios encontrados na concretização dessa diretriz educacional.

Entre as pautas abordadas estão a contextualização de como o racismo opera de modo estrutural afastando crianças negras das escolas, a forma como a

população negra é retratada nos livros didáticos, sobre a inserção de crianças negras em escolas particulares e a não manutenção de crianças nessas instituições, e ainda apontamentos sobre como a escola e a sociedade deve se responsabilizar na luta antirracista.

Nesse episódio, a articulação do conceito de racismo é elaborada a partir de uma fala de Gina Vieira, que contextualiza os pormenores do processo histórico que impossibilitou que pessoas negras tivessem acesso à educação. Isso evidencia como esses aspectos progrediram, resultando em obstáculos atuais que dificultam a permanência de crianças negras nas escolas.

A partir de uma pergunta feita pela podcaster Milena Teixeira sobre como o racismo afasta crianças negras da escola, Gina Vieira expõe

(...) A gente tá falando de racismo estrutural. Todo o ordenamento jurídico brasileiro é sustentado na lógica de garantir privilégios a pessoas brancas e retirar direitos de pessoas negras. Então, primeiro a gente precisa ver que é um processo histórico. Há 16 gerações pessoas negras trabalham produzindo riquezas pra pessoas brancas. Há 16 gerações, pessoas brancas trabalham produzindo riquezas para si mesmas. Então, a gente precisa entender que isso tem uma lógica histórica de sistematização de uma desigualdade. Para além disso, nós temos uma escola racista. Uma escola que tanto naturaliza a subalternidade de negros em relação a brancos nos materiais didáticos, uma escola que olha estudantes negros com baixas expectativas em relação a aprendizagem, de uma escola que estigmatiza estudantes negros, e uma escola que não se reconhece racista. Eu costumo dizer que no Brasil, para quem fala assim “olha no Brasil, o racismo é velado”, eu sempre pergunto, velado pra quem? Porque pra mim ele é explícito. No Brasil, ele não é velado, ele é cínico, dissimulado. Porque as pessoas se negam racistas e elas são racistas o tempo inteiro. Então toda essa estrutura escolar que ainda privilegia a narrativa branca que ensina o estudante negro a sentir vergonha do que ele é e se sentir inferior, porque no material didático ainda aparece a pessoa negra na condição de escravizada. Como essa estrutura da escola de não se reconhecer racista, de não prestar atenção nos dados sobre a aprendizagem dos estudantes negros. Tudo isso leva um jovem negro pra fora da escola. Claro que tem que colocar também, né, a questão do racismo violento, nos xingamentos, na agressão física. No estigma em relação à cor da pele, ao cabelo (...)
(Pretoteca, 2021).

Neste trecho, a entrevistada explana de forma didática sobre a operação estrutural do racismo, abordando seu funcionamento nas escolas e destacando sua manifestação explícita. Tanto a pergunta quanto a resposta detalhada reforçam a importância de detalhar a funcionalidade do racismo na sociedade brasileira.

Entre as perguntas realizadas pelas podcasters há a inserção de sonoras de reportagens de casos de racismo, empreendendo um papel de denúncia ao comentarem sobre os mesmos durante o episódio juntamente com a fonte. A

primeira sonora corresponde ao caso sofrido pela estudante Fatou N'diaye, vítima de racismo numa escola particular no Rio de Janeiro em maio de 2020⁵⁴ e a segunda sonora diz respeito à Matheus Ribeiro, homem negro professor de surfe acusado injustamente por furto no Rio de Janeiro em junho de 2021.⁵⁵

Em síntese, esse episódio é marcado principalmente pelo viés educativo e crítico empreendido pela fonte especialista, que além contextualiza sobre a atuação do racismo na educação, especificamente na educação de crianças negras, pontuando ainda como implementar genuinamente uma educação antirracista que ultrapasse os limites do ambiente escolar.

O episódio **#29 - Procedimentos estéticos, cirurgia plástica e racismo** postado em 24 de setembro de 2021, apresentado pelas podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira, tem como fontes especializadas Tatiana Novais, primeira cirurgiã plástica negra do Brasil e a dermatologista Katleen Conceição. O tema central do episódio é a discussão sobre o racismo nos corpos negros em seu viés estético, o programa é dividido em duas partes gravadas separadamente, onde cada convidada responde às perguntas proposta pelas podcasters.

Entre as pautas abordadas estão os desafios em relação a ser uma pessoa negra no campo da medicina estética, padrões estéticos racistas, o atendimento de pacientes negros sobre especificidades do corpo, da anatomia e da pele negra, a importância do debate sobre questões raciais a partir da ocupação de pessoas negras nos diversos âmbitos profissionais, as mudanças dos padrões estéticos, a incorporação de características fenotípicas negras por pessoas brancas, o interesse de pessoas negras nos tratamentos estéticos frente a um racismo estético e a importância da valorização das características fenotípicas negras.

O conhecimento experiencial das convidadas, como fontes especialistas (Schmitz, 2011), é destacado a partir das pautas abordadas, elas compartilham suas trajetórias pessoais em relação ao autoreconhecimento enquanto mulheres negras e sobre suas carreiras profissionais na área da saúde e estética, principalmente referente a relação estabelecida com pacientes negros. Além disso,

⁵⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>. Acesso em: 02 jan. 2024.

⁵⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/17/professor-de-surfe-negro-acusado-injustamente-por-furto-de-bicicleta-diz-que-seu-caso-deveria-ser-enquadrado-como-racismo.ghtml>. Acesso em: 02 jan. 2024.

são destacados relatos pessoais das podcasters relacionados a racismo estético ligado à inferiorização de seus traços fenótipos como nariz largo e lábios grossos.

A pergunta inicial feita para ambas convidadas passa diretamente pelo viés do racismo, uma vez que é perguntado sobre os desafios de ser uma profissional negra no campo da cirurgia plástica, no caso de Tatiana Novais e da dermatologia no caso de Katleen Conceição. Embora nessa pauta a ordinariedade do racismo seja pontuada, mostrando como é comum para a população negra a experiência do racismo, a pergunta sugerida pressupõe que as convidadas enfrentaram situações de racismo durante a construção de suas carreiras, algo que é contestado por elas. Em suas respostas, as convidadas ressaltam suas trajetórias como prósperas, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Na pauta anteriormente citada e nas demais, o termo 'racismo' é usado sem uma explicação conceitual. As demais discussões envolvem o processo pelo qual pessoas negras modificam seus corpos motivadas por padrões de beleza racistas, enquanto simultaneamente ocorre uma mudança nos padrões estéticos. Nesse cenário contemporâneo, características fenotípicas negras são replicadas por pessoas não negras por meio de procedimentos estéticos.

Em síntese, nesse episódio, além do conhecimento experiencial das fontes, há também o compartilhamento de experiências de racismo das podcasters, como também ocorre no episódio de estreia desse podcast. Nesse caso, as podcasters descortinam sobre seus processos de autoaceitação de traços fenótipos, enquanto mulheres negras.

O episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?** do podcast Pretoteca publicado em 8 de outubro de 2021, é apresentado pelas podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira e tem pouco mais de uma hora de duração.

Como o título evidencia, o episódio possui como temática central os impactos do racismo em crianças negras. Para essa discussão, as podcasters entrevistam a professora Lucimar Dias, responsável pela coordenação de uma pesquisa sobre os impactos do racismo na primeira infância realizada pelo Núcleo Ciência pela Infância. E a atriz Samara Felippo que compartilha sua experiência como uma mãe branca de classe alta de crianças negras e suas estratégias para lidar contra o racismo que atinge crianças negras.

O episódio é dividido claramente em três partes distintas: começa com a contribuição de Lucimar Dias, uma fonte especialista (Schmitz, 2011), depois segue

com uma entrevista com Samara Felippo, uma fonte notável (Schmitz, 2011) e conclui com a participação novamente da professora Lucimar Dias. As entrevistas parecem ter sido gravadas separadamente, já que as fontes não interagem entre si durante o programa.

Parte desse episódio está no perfil da Band News FM no YouTube, constando a entrevista feita de forma remota, marcando assim a extensão do podcast para o também para o visual além do sonoro.

Figura 9 - Print Screen de parte do episódio **#31- Como o racismo afeta as crianças?** do podcast Pretoteca



Fonte: Canal da Rádio BandNews FM no *YouTube*⁵⁶

A articulação do racismo em seus usos e sentidos é realizado através de exemplificações deste contra crianças negras na primeira infância através da pesquisa coordenada pela professora Lucimar Dias, além do evidenciamento das estruturas que proporcionam às crianças negras estarem sujeitas a doenças provenientes dos impactos do racismo.

Nomes como Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Conceição Evaristo aparecem nas falas das fontes como referência nas temáticas

⁵⁶ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=q9MehDFI9_s&list=PL5DFI3pSRD_9uU9trEa3rRtyy_lg0srK6&index=92&t=555s. Acesso em: 29 abr. 2024.

raciais. O papel educativo é evidenciado através de estratégias contra o racismo na infância nos níveis individual e coletivo nas falas de ambas fontes.

A interseccionalidade entre raça, gênero e classe é constantemente acionada na fala da professora Lucimar Dias ao explicar as particularidades do racismo que afeta meninos e meninas, especialmente aqueles provenientes de camadas sociais desfavorecidas. Já nas falas da atriz Samara Felippo, a intersecção raça, gênero e classe aparece a partir da perspectiva experiencial da própria atriz. Ela destaca seu contexto social como mulher branca de classe alta e mãe de duas crianças negras, considerando atentamente esse contexto enquanto explora as oportunidades de transformação na realidade de suas filhas.

O papel crítico é pontuado através da articulação crítica do racismo na infância, através da contextualização de tais práticas e proposições de estratégias, além das abordagens interseccionais nas falas das fontes.

Novamente a contextualização das estruturas que proporcionam a eficácia do racismo que afeta adversamente pessoas negras são acionadas a partir da contribuição de uma fonte especialista, nesse caso a professora Lucimar Dias, ao passo que a fonte notável, Samara Felippo contribui com sua vivência de mãe de filhas negras.

O episódio **#39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista no auxílio aos atingidos** tem como tema central discutir sobre as ações de movimentos negros, como a Central Única das Favelas - CUFA e a Frente Nacional Antirracista - FNA durante a pandemia da COVID-19 e na tragédia que atingiu a Bahia no final do ano de 2021. Para tanto, as podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira entrevistam fontes especialistas (Schmitz, 2011) representantes desses movimentos, Preto Zezé, presidente da Central Única das Favelas e Tamires Sampaio, coordenadora da Frente Nacional Antirracista.

Nesse episódio que inaugura o ano de 2022, postado em 04 de fevereiro do referido ano, o podcast estreia no formato de vídeo no canal do YouTube da Rádio BandNews FM⁵⁷.

⁵⁷ Parte do episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?** foi publicado anteriormente no canal da Rádio BandNews FM no Youtube, entretanto apenas a partir do episódio **#39 - Chuvas: papel da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista no auxílio aos atingidos**, é que o podcast que o podcast começou a ser disponibilizado na íntegra no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C2-3KawttTc&list=PL5DFI3pSRD_9uU9trEa3rRtyy_lq0srK6&index=80. Acesso em: 03 jan. 2024.

Entre as pautas abordadas estão história e atuação da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista, a atuação desses movimentos diante do país de volta ao mapa da fome, como os movimentos negros podem auxiliar a política num nível institucional diante do ano das eleições, a relação desses movimentos com as empresas e a imprensa, a comentários sobre o desenvolvimento e continuidade desses movimentos através da inserção de novos membros e a novas lideranças, a participação política de pessoas negras e as formas da sociedade como um todo contribuir permanentemente com iniciativas como CUFA e FNA.

O episódio em destaque parte da trajetória da CUFA e da FNA, destacando como essas iniciativas não governamentais contribuem para a transformação social, baseando-se na solidariedade presente no âmago dos movimentos negros. Além disso, no programa as podcasters e convidados destacam a participação de empresas que patrocinam projetos como a 'Campanha Abrace a Bahia', visando auxiliar as famílias vítimas das enchentes. Também evidenciam a participação da rede Bandeirantes, empresa de comunicação à qual o podcast está vinculado, como parceira nesses projetos.

Os convidados Preto Zezé e Tamires Sampaio apresentam as estratégias de apoio as comunidades negras e periféricas no país de forma positiva e próspera, como continuidade de longos processos de luta e desenvolvimento contínuo através do impulso coletivo de diversos movimentos negros.

Em suma, o episódio visa destacar o papel dos movimentos negros na promoção do bem-estar da comunidade negra e periférica através de medidas emergenciais e ações preventivas, contrastando com a negligência das instituições governamentais. O episódio destaca as ações da Central Única das Favelas e da Frente Nacional Antirracista por meio de informações fornecidas por especialistas e representantes dessas organizações.

No episódio titulado **#41 - Racismo reverso, de Vilma para Risério** do podcast Pretoteca, o tema central se desdobra a partir da repercussão em torno de um texto publicado no *site* da Folha de S. Paulo escrito pelo antropólogo Antonio Risério sobre racismo reverso. A partir disso, as podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira conduzem uma conversa com a socióloga Vilma Reis para discussão do tema.

O episódio aborda uma gama de conceitos relacionados ao racismo e sua estrutura no Brasil, com o propósito de desafiar a ideia de um suposto “racismo reverso” enfatizado por Antonio Risério no texto intitulado “Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo”⁵⁸. Este texto ressalta a presença de um racismo disseminado por indivíduos negros, não apenas direcionado a pessoas brancas, mas também a comunidades asiáticas e judaicas.

A convidada Vilma Reis protagoniza o episódio com suas falas, havendo poucas interferências e comentários das podcasters. Com muita veemência, ela guia o ouvinte para uma discussão complexa sobre as sinuosidades e especificidades do racismo no Brasil. Uma contextualização histórica introduz a temática, referindo-se ao processo de escravização como marcador das relações raciais contemporâneas. A socióloga aborda temas como representação, lugar de fala, violência racial e movimentos negros, de forma crítica desconstruindo as ideias do racismo contra pessoas brancas, tais temas são sobrepostos constantemente nas falas de Vilma Reis.

Além de desempenhar um papel crítico diante das desigualdades raciais no Brasil, o episódio também assume uma função educativa e cultural ao compartilhar uma extensa lista de menções de personalidades negras dos mais diversos âmbitos. São destacados referências de livros de intelectuais negros, tanto do âmbito nacional quanto internacional, contribuindo para o campo de estudo do racismo no país. Além disso, são destacadas as trajetórias de militância de negros e negras nos movimentos negros e o compartilhamento de produções cinematográficas como 'A Negação do Brasil', de Joel Zito Araújo, e 'M8', de Jeferson De, entre outros.

Nesse sentido, o episódio em foco aborda claramente a questão da oposição à noção de 'racismo reverso'. Mais uma vez, uma fonte especializada no assunto oferece explicitações e referências sobre as complexidades do racismo, com intervenções mínimas das podcasters, que fazem poucas perguntas durante o episódio.

O episódio **#51 - “Era preciso engolir determinados sapos para conseguir algum espaço”, diz Hélio de La Peña sobre racismo na carreira**, conta a participação do ator e humorista Hélio de La Peña e do comediante Dan Carvalho.

⁵⁸ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-de-negros-contra-brancos-ganha-forca-com-identitarismo.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Ambos são fontes notáveis (Schmitz, 2011) que compartilham sobre seus ofícios, sendo homens negros atuantes no campo do humor. Durante esse episódio, os convidados compartilham suas vivências, abordando as diversas formas de fazer humor. Discutindo sobre suas carreiras, eles exploram questões relacionadas a problemáticas raciais com foco na experiência de homens negros no âmbito humorístico.

As podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira conduzem o episódio através de perguntas baseadas principalmente na questão geracional entre Hélio de La Peña e Dan Carvalho. Entre as pautas estão as mudanças no humor, protagonismo negro, autodescobrimento enquanto homem negro, ocupação de espaços de pessoas negras no audiovisual, na publicidade e no humor.

O extenso título do episódio refere-se a uma declaração de Hélio de La Peña, quando questionado pelas podcasters sobre a relação entre descobrir-se como homem negro e sua atuação na televisão. Nesse contexto, a expressão 'engolir determinados sapos para conseguir algum espaço' diz respeito à prática de adaptação como homem negro em espaços majoritariamente brancos. Segundo o convidado, o debate racial não estava enfatizado de forma contundente nas empresas televisivas brasileiras quando ele iniciou sua carreira.

A pauta da violência racial é levantada diretamente através de uma pergunta cujo objetivo é evidenciar por quais situações de racismo o convidado Hélio vivenciou, tanto através do humor quanto em situações de violência por abordagem policial. Em resposta, o convidado argumenta que não se afeta em relação a piadas de teor racista, e que por ser uma figura pública, é reconhecido e ausentado de sofrer tais violências.

A edificação de uma voz coletiva entre negros e negras aparece através do evidenciamento de narrativas prósperas no filme 'Correndo atrás', roteirizado e inspirado no livro 'Vai Na Bola , Glanderson' de Hélio de La Peña, composto majoritariamente por atores e atrizes negras. Além disso, uma longa lista de humoristas negros são citados pelos convidados e pelas podcasters durante todo o episódio.

Em síntese, embora tanto a descrição do episódio quanto as falas das podcasters apontem que os temas abordados vão além do racismo, este assunto é central no título e se materializa nas perguntas direcionadas às fontes notáveis. Essas perguntas buscam explicitar as situações de racismo enfrentadas pelos

convidados, baseando-se na ordinariedade do racismo, que normaliza a ideia de que o racismo é algo comum e frequente na vida da população negra brasileira.

Como o título do episódio evidencia, **#74 - Por que as pessoas que cometem racismo não são presas?**, a temática surge a partir da problemática do porquê as pessoas que cometem racismo não são presas. As podcasters argumentam que o tema surgiu a partir de dois casos de racismo que ganharam grande repercussão no noticiário brasileiro, sofrido por figuras públicas, entre elas, o cantor Seu Jorge e o humorista Eddy Junior. Para isso, o episódio conta com a participação da fonte especializada (Schmitz, 2011), Thayná Yaredy, advogada e pesquisadora do Núcleo de Estudo Afro-brasileiros da Universidade Federal do ABC.

A partir disso, podcasters e convidada se debruçam a discutir sobre o sistema de leis brasileiras referentes aos crimes de racismo e as motivações para sua ineficácia em nosso país. Entre as pautas abordadas estão a contextualização da formação social do Brasil constituído de processos de subalternização e violência contra pessoas negras, explicação sobre a existência de uma legislação que criminaliza práticas de racismo, a relativização dessa legislação em seu cumprimento e o papel das pessoas brancas contra o racismo.

Um ponto fundamental que revela a diretriz editorial, não apenas neste episódio, mas ao longo do podcast desde que as jornalistas Cynthia Martins e Milena Teixeira assumem a apresentação do programa, pode ser identificado no trecho a seguir

C: (...) quem acompanha Pretoteca, a gente tem feito episódios, todos são muito bons, né? Vamos falar a verdade, puxar aqui a sardinha pro nosso lado mas muitos episódios, né, leves, para a gente tratar muito de cultura, trazer nomes importantes da nossa cultura no geral para trazer aqui, mas enquanto jornalistas a gente não deixa de discutir o que tá acontecendo no noticiário. Inclusive, quando a gente, nós duas, assumimos o Pretoteca, né, foi quando a Kathlen Romeu morreu no Rio de Janeiro, a gente queria ter aberto com algo mais positivo mas infelizmente a gente tá sempre tendo que voltar na tecla da questão racial de uma forma muito penosa pra gente, sempre ter que tocar na ferida de alguma forma.

M: Exatamente. E desses crimes, né? Racismo tem toda hora, em todo lugar. Deve tá acontecendo algum caso agora provavelmente, mas alguns casos são mais emblemáticos quando acontecem aí com pessoas mais famosas, quando acontece quando viralizam, né? Esses casos a gente acha que vale a pena trazer para discutir, né? Porque, poxa, se um caso de racismo afeta Seu Jorge, imagina a gente (...) (Pretoteca, 2022).

Esse trecho evidencia a consciência racial empregada na escolha das

temáticas, da existência do racismo e a necessidade de sua exposição, bem como o aproveitamento de pautas “quentes” que ganharam grande evidência no período em que o episódio foi gravado, embora como é argumentado pela podcaster Cinthya Martins, o foco do programa seja destacar personalidades negras relevantes da cultura brasileira.

Além disso, nesse trecho há a rememoração do pesar contido nas abordagens sobre casos de crimes e violência contra pessoas negras, como ocorreu no primeiro episódio em que as podcasters em questão apresentaram, o programa onde falaram sobre o assassinato de Kathlen Romeu⁵⁹.

Desse modo, o episódio cumpre fundamentalmente a função de denunciar a violência racial. Através da participação de uma fonte especializada, são destacadas posturas críticas relacionadas aos crimes de racismo no Brasil, bem como a exposição dos casos e a ausência de decoro por parte daqueles que o praticam.

Em conclusão, o pressuposto das temáticas abordadas no podcast Pretoteca é a ordinariedade do racismo, evidenciada na descrição de seu programa. Em sua descrição consta que a escravização no Brasil ainda impacta a população negra, seguindo esse sentido, o podcast enfatiza a relevância de visitar os desdobramentos do racismo em diversas áreas por meio de entrevistas com personalidades negras brasileiras sobre os temas propostos. Isto revela também a intenção de alcançar um público que já possui conhecimento prévio sobre o tema do racismo, primordialmente sobre sua existência.

O conhecimento experiencial do podcaster Luiz Teixeira e das podcasters Cynthia Martins e Milena Teixeira também são explorados em maior medida em alguns episódios. Tratando do podcaster Luiz Teixeira, isso ocorre no episódio de estreia do programa, onde o mesmo compartilha sua experiência de descobrir-se negro e as situações de racismo implicadas nesse processo.

Já nos episódios apresentados por Cynthia Martins e Milena Teixeira isto é explorado de forma mais expressiva no episódio **#29 - Procedimentos estéticos, cirurgia plástica e racismo**, onde as mesmas compartilham sobre situações de racismo relacionado às suas características fenotípicas.

⁵⁹ O episódio em questão é #14 - Caso Kathlen, violência e corpos negros, publicado em 11 de junho de 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3koiXzQvAg7Oal3pnWv2Ab?si=Rlp_KNQbQ_W1TFBlYl2ICg. Acesso em: 01 jan. 2024.

A transformação social como abordagem antirracista é operacionalizada no podcast Pretoteca através da exposição da violência racial e da revelação das estruturas que contribuem para as desvantagens econômicas enfrentadas pela população negra.

O viés crítico e educativo se dá principalmente pelas fontes, numa primeira instância se concretiza a partir das falas das fontes especializadas detalhando os pormenores do racismo no Brasil e a exposição de formas de contornar esse sistema de opressão. Numa segunda instância está relacionada as fontes notáveis, que ao serem confrontadas com perguntas de teor de padecimento relacionado a experiência de ser negro(a) no Brasil acabam por não responder tais perguntas e em vez disso direcionam suas respostas para narrativas prósperas pessoais ou coletivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o fio da compreensão da pesquisa apresentada até aqui, pontuamos novamente que o objetivo geral do trabalho foi analisar aspectos nos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca para a identificação de marcas de um jornalismo antirracista.

Estudar podcasts, escutá-los e analisá-los é uma tarefa exaustiva que requer paciência. A cada vez que os escutamos, múltiplos pormenores surgem para serem detalhados e referenciados. Em coerência com a práxis de uma pesquisa acadêmica, feita de escolhas e caminhos, o que propomos por meio desta pesquisa foi nos centralizar a análise de podcasting com uma metodologia adequada e coerente aos objetos de estudo, a Análise Racial Crítica de Podcasting, para a investigação de podcasts apresentados por jornalistas negras, a fim de mirar nos indícios de um jornalismo antirracista nesses podcasts. Vislumbramos também identificar um tipo de jornalismo abordado em podcasts produzido por um grupo social específico marcado pela raça e pelo gênero.

Desse modo, devido à grande quantidade de tópicos abordados em um só episódio em cada um desses podcasts, nos detemos na minúcia analítica de pautas que também reverberaram, dialogaram e/ou confrontaram os objetivos estabelecidos pelos próprios programas. Tais objetivos foram identificados através de seus elementos parassonoros, como textos nas plataformas agregadoras ou por meio dos

elementos sonoros, presentes nas falas das podcasters em seus episódios de estreia. Seguindo essa linha de compreensão, também nos detemos em como um tipo de jornalismo antirracista flue a partir de sua vinculação, seja independente ou produzida por uma grande empresa de comunicação.

Traçamos nosso referencial analítico por meio de uma abordagem teórico-metodológica que dialoga com as interlocutoras, jornalistas negras, com nossos observáveis, o podcast como produto e ao contexto cultural no qual estes se inserem no campo comunicacional. Consideramos o podcasting enquanto prática cultural e mídia híbrida, no contexto da podosfera negra brasileira, bem como as dinâmicas raciais presentes em nosso país, que moldam as relações de poder sendo também moldadas por elas.

Com base em todos esses elementos, desenvolvemos para este trabalho a já referida Análise Racial Crítica de Podcasting, a partir dela verificamos que as categorias de raça como construção social, ordinariedade do racismo, conhecimento experiencial, transformação social, interseccionalidade e interdisciplinaridade se atravessam constantemente dentre os podcasts analisados.

Um ponto fundamental de interesse na presente pesquisa foram as diferentes associações às quais os podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca estão vinculados. O Angu de Grilo sendo um podcast independente de duas jornalistas, o Conversa de Portão associado ao site Nós, mulheres da periferia e o Pretoteca segmento do Grupo Bandeirantes. A partir disso, observamos usos diversos do podcasting enquanto mídia a partir de cada associação que também reverberam sentidos do podcasting enquanto prática cultural que se desenvolvem a partir de traços distintos em cada programa.

A postura adotada pelas podcasters em seus respectivos programas reflete um contexto cultural específico situado em um momento no qual os debates raciais estão em voga na mídia hegemônica, desde o marco e visibilização do caso George Floyd, algo destacado pelo Conversa de Portão, em seu episódio **Durban: desafios do combate ao racismo 20 anos depois**.

Entretanto, isso não corresponde ao fato de que os debates envolvendo questões raciais estejam sendo noticiados, comentados e problematizados de forma homogênea por meio de um viés antirracista na mídia tradicional ou até mesmo na mídia alternativa, ou que essas pautas não estejam sendo debatidas em outros âmbitos, sejam eles acadêmicos ou populares.

Ao pesquisar os podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca constatamos que, e este foi um dos nossos pontos de interesse, suas vinculações de financiamento provocam interpelações nas formas nas quais se produz algum tipo de jornalismo antirracista no podcasting.

Por meio de seus elementos sonoros e parassonoros as podcasters instrumentalizam tais ferramentas como modo de imprimir sua identidade racial, através de componentes que partem de um conhecimento experiencial das jornalistas enquanto pessoas negras, sendo esses elementos atravessados por marcadores de gênero, classe, geração, territorialidade, revelando a interseccionalidade inerente dos podcasts.

Desse modo, os podcasts de modos diversos expressam concepções de conhecimento experiencial e interseccionalidade através de suas falas, seja na interpretação e comentários das notícias, que reflete seus graus de consciência e letramento racial, seja através do compartilhamento de suas experiências vividas. Isso também ocorre através do uso das parafernalias de texto e imagens do podcasting que o constituem.

No podcast Angu de Grilo, como um podcast independente, a relação íntima entre mãe e filha transparece em comentários sobre vida pessoal e na dinâmica da gravação em casa. Essas características definem a natureza do podcast, um projeto pessoal entre duas jornalistas negras sem vínculos diretos com empresas. Isso reflete sua própria orientação editorial, evidenciada pelo formato adotado: conversas fluídas sobre notícias da semana com comentários aprofundados. O nome do podcast também é significativo, remetendo à oralidade negra e à ancestralidade que também é negra das podcasters, indicando a abordagem diversificada do programa, além da identidade visual adotada, que também ressalta essa marca racial.

No podcast Conversa de Portão os eixos temáticos e a linha editorial seguem a mesma direção do site ao qual está vinculado, o Nós, Mulheres da Periferia. Os marcadores de gênero e territorialidade aparecem de forma mais acentuada, primeiro através das podcasters, sendo majoritariamente mulheres de origem periférica e negras, e também pela postura do podcast em trazer mulheres negras para serem entrevistadas nos episódios analisados. A identidade visual adotada, assim como o título do podcast, remetem também a práticas cotidianas periféricas, assim como no podcast Angu de Grilo, seu título corresponde a uma prática marcada pela oralidade, as conversas no portão de casa entre vizinhos e amigos.

Tanto no podcast Angu de Grilo quanto no podcast Conversa de Portão a questão de endereçamento relacionado ao título dos respectivos programas se apresenta por meio de expressões que não denotam diretamente e explicitamente seu viés ligado à oralidade e a um marcador racial. Nos episódios pilotos, e nos episódios analisados, não fica claro se a escolha do título e sua abordagem que restringe seu significado é feita intencionalmente.

Entretanto, é importante destacar que a abordagem de nomear os podcasts a partir de referenciais da cultura negra que escapam à detecção do grupo dominante, é considerada uma estratégia de grupos marginalizados para ocultar simbologias e resistir à opressão dominante. Essa foi uma das estratégias adotadas por grupos negros nas diásporas, incluindo o Brasil, como destaca Gonzalez (2020). Estudos como os de Florini (2015) e Barner (2021) evidenciam esse tipo de estratégia, fundamentalmente pautada no podcasting, como uma forma de escapar à identificação do grupo dominante.

De forma distinta, o podcast Pretoteca apresenta através de um neologismo cujo sentido refere-se a um acervo composto por referências negras que expõe sua relação com as temáticas abordadas de forma mais evidente. Em questões de endereçamento, o título do episódio dá pistas de seu conteúdo, diferente dos podcasts Angu de Grilo e Conversa de Portão. Por meio de entrevistas, o podcast prioriza convidados negros para discutir temáticas relacionadas a experiência negra, embora o episódio **#31 - Como o racismo afeta as crianças?** tenha como uma das convidadas a atriz Samara Felippo.

Tratando das interpelações para um jornalismo antirracista, especificamente das falas das podcasters, pontuamos que a raça como construção social associado a ordinariedade do racismo aparece como premissa substancial dos episódios analisados, uma vez que o recorte temático passa pelo racismo, racista, antirracismo e antirracismo. Dessa forma, tivemos em vista entender como a temática central do episódio se conecta com esses termos e de que forma possíveis definições atravessam-nas tanto na fala das podcasters quanto dos entrevistados.

Nos episódios analisados do podcast Angu de Grilo, a questão da raça como construção social e a ordinariedade do racismo aparecem nas falas das podcasters através do desenvolvimento de pautas relacionadas ao racismo e antirracismo, palavras-chaves que constam em seus títulos. Conceituando termos relacionados à

temática racial, por vezes adotando um viés instrucional referente às estratégias antirracistas.

O podcast *Conversa de Portão* tem como característica geral ausência de uma definição mais clara de racismo, demonstra que o podcast parte do pressuposto da ordinariedade do racismo. Desse jeito, presume-se que sua audiência compreende que o racismo é uma forma de opressão contra pessoas negras que ocorre cotidianamente. Os desdobramentos do racismo e seus impactos na sociedade brasileira são evidenciados nos episódios através de fala das entrevistadas, fontes especializadas nos assuntos tratados.

No podcast *Pretoteca* o protagonismo negro é central sendo evidenciado pelos entrevistados, fontes notáveis e especializadas, e é também através desse recurso que a raça como construção social associada ou não à ordinariedade do racismo aparecem em seus episódios.

Na maioria dos episódios que contam com fontes notáveis, a abordagem, é fundamentada no reforço das opressões sofridas por pessoas negras e na lembrança dos impactos negativos do racismo, assim como na superação pessoal, conforme evidenciado pelas perguntas feitas pelas podcasters, que, por vezes, são respondidas pelos entrevistados tentando escapar dessas narrativas de sofrimento. Já, nos episódios com as fontes especializadas, conceitos e contextualizações sobre raça e racismo são debatidas.

A transformação social empregada nos podcasts *Angu de Grilo*, *Conversa de Portão* e *Pretoteca* através por meio da exposição da violência racial e da revelação das estruturas que contribuem para a marginalização da população negra. Em todos esses há denúncia de violência racial, bem como evidenciamento das estruturas que proporcionam tais violências. Quando não pautado pelas podcasters, a prosperidade relacionada a pessoas negras é evidenciada pelos entrevistados, como o podcast *Pretoteca*.

As interpelações para um jornalismo antirracista empregadas, através do papel educativo e cultural, se concentram na referência de intelectuais e de personalidades negras de múltiplas áreas, e ainda como no podcast *Angu de Grilo* carregam o viés de instruir seus ouvintes a práticas antirracistas. O papel crítico desses podcasts está associado à compreensão da raça e do racismo com construção social e a possibilidade de enfrentá-lo, seja individualmente quanto coletiva.

Nos três podcasts o conhecimento experiencial é atravessado tanto pela interseccionalidade quanto pela interdisciplinaridade. Os conhecimentos que permeiam podcasters e convidados são compostos também por outras intersecções além de gênero e raça, como territorialidade, classe e geração.

Isto se realiza por meio dos referenciais teóricos e não teóricos utilizados, pela escolha dos convidados, pelo aprofundamento das pautas referente a alguma dessas intersecções. Associado a isto, a interdisciplinaridade por meio de abordagens que permeiam áreas distintas, seja da arte, da economia, do ativismo social ou do próprio jornalismo, são empreendidos nesses podcasts.

Portanto, chegamos até aqui compreendendo a gama de abordagens que possibilitam a atuação de um jornalismo antirracista marcado pelo viés conversacional, íntimo, através de comentários aprofundados sobre temáticas raciais, ou temáticas diversas que de alguma forma atravessam a população negra de forma mais incisiva podem ser operacionalizados na podosfera.

Outro evidenciamento de práticas que sinalizam a construção de um jornalismo antirracista nos podcasts estudados é a proposta do eixo estrutural de entrevistas com perguntas pré-estabelecidas sobre assuntos relacionados a experiência de negros e negras e/ou problematização das dinâmicas raciais também de forma aprofundada.

Buscamos neste trabalho fomentar a escuta atenta para a produção de um jornalismo antirracista a partir da perspectiva de mulheres negras. Nessa empreitada, através da Análise Racial Crítica de Podcasting colhemos os referenciais utilizados pelas podcasters e como esses aparecem nos elementos sonoros e parassonoros de seus respectivos podcasts.

Como destacado no capítulo inicial desta dissertação, os processos que envolvem a conscientização racial e as lutas contra o apagamento da contribuição histórica e intelectual da população negra do Brasil foram e ainda são permeados pelas sinuosidades do racismo. Empreendido em sua forma direta ou indireta, pelo viés institucional ou individual, o racismo no Brasil está enraizado em práticas que moldam nossa sociedade, atingindo a consciência coletiva de toda a população presente em diversos âmbitos, incluindo a comunicação, desdobrando-se também na prática jornalística.

Ao empreendermos e investigarmos a proposição de jornalismo antirracista em podcasts, observamos (e principalmente escutamos) como tais abordagens

estão associadas a práticas passadas de movimentos negros e da imprensa negra, por exemplo. O uso da imagem autorepresentativa nas capas dos podcasts, dos dialetos e da contextualização histórica operam contra o apagamento das narrativas de negros e negras tão marcantes em nosso país.

É importante enfatizar que, ao pesquisarmos os podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca, nos atentamos não apenas às temáticas abordadas e aos referenciais utilizados, mas principalmente a como tais podcasts pautam questões raciais e utilizam esses referenciais, seja através das interpelações de um jornalismo antirracista nos podcasts ou pela ausência dessas em alguma medida.

O apontamento de resoluções contra o racismo, assentar as falas a partir de uma perspectiva de abundância e criticar posições de dor e sofrimento nos quais pessoas negras estão cercadas são caminhos mostrados nos podcasts Angu de Grilo, Conversa de Portão e Pretoteca na construção de um jornalismo antirracista, conscientes nos esforços de mudança da lógica de opressão comumente empregadas na comunicação feita no Brasil, que reflete nosso contexto cultural específico de um país e sociedade.

De modo geral, para futuras pesquisas que tenham o podcasting como prática protagonizada por pessoas negras, e que centralizem o jornalismo antirracista, buscamos esquematizar e analisar, por meio de um corpus situado, o desenvolvimento desse tipo de jornalismo antirracista. Isso pode ser feito através de uma pesquisa que inclua o posicionamento de podcasters em entrevistas, da busca por dados que demonstrem o impacto e a popularidade desse tipo de jornalismo, ou da combinação de ambos, lacunas que não foram preenchidas na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABPOD. PodPesquisa 2020/2021 - Produtores. (Atualizado). ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf Acesso em: 16 nov. 2022.
- ALAKIJA, A. M. . Mídia e identidade negra. In: **Mídia e Racismo**. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Org.). Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- ALMADA, Sandra. Prefácio. In: **Mídia e Racismo**. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Org.). Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAIROS, Nossos feminismos revisitados. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.
- BARNER, Briana Nicole. **The Last Place They Thought Of: Black Podcasts and the Performance of Marginalization**. Dissertation. University of Texas, Austin. 175p. 2021.
- BERRY, Richard Berry. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. **Convergence**, v. 12, n. 2, p. 143-162, 01 mai 2016.
- BONINI, Tiziano. Prefácio. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.
- BONINI, 2020. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. Radiofonias - **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Marina-MG, v.11, n.01, p.13-32, jan./abr. 2020.
- BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: **Mídia e Racismo**. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Org.). Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- BUFARAH, Alvaro; PADILHA, Luis David. O radiojornalismo como gênero discursivo aplicado ao conceito de podcast. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2722/1410>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. 2003.
- CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação do Mestrado em

Ciências da Comunicação, Universidade do Porto, 177p. 2021. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/134772>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Negro no Brasil: histórias das lutas antirracistas. 2016. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. **Histórias afro-atlânticas: [vol.2]** antologia. São Paulo: MASP, 2018. 624 p.

FERRARETTO, Luiz. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRAZ, N.; GAMBARO, D. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, [S. l.], v.9, n. 1, p. 155-172, 2020.

FLORINI, Sarah. The podcast “Chitlin Circuit” black podcasters, alternative media and audio enclaves. *Journal of Radio & Audio Media*. v.22, n. 2, p. 209-219, 2015.

FREIRE, E. P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, v. 18, n. 2, p. 55–71, 6 nov. 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUENA, Márcia; SILVA, Andréa Rosendo da; SANTOS, Céres. Relações raciais e comunicação: análise da produção intelectual da Intercom (1998-2021). **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2022. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0809202210143262f25db852a6b>> . Acesso em: 07 abr. 2023.

Guia de Podcasting Advertising 2022- IAB. Disponível em: <https://iabbrasil.com.br/guia-guia-de-podcast-advertising-2022/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

HACK, Aline; LIMA, Angelita Pereira de. A militância Podcaster Feminista: um exercício etnográfico. **Revista Eco-Pós**, v.25, n.3, p.340-360, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/clien/Downloads/Rev.+81.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. 1989. In: In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. **Histórias afro-atlânticas: [vol.2]** antologia. São Paulo: MASP, 2018.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: **Pensamento negro radical**. S/L: Crocodilo, 2021.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar com negra. São Paulo: Elefante, 2019a.

_____. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019b.

_____. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019c.

_____. Escrever além da raça: teoria e prática. São Paulo: Elefante, 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LU, Jessica H; Steele, Catherine Knight. 'Joy is resistance': cross-platform resilience and (re) invention of Black oral culture online. *Information, Communication & Society*, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. *Resvista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez., 2016. Disponível em: <<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MORAES, Dênis. **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo; Faperj, 2013.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 34, ago./out. 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

_____. Rediscutindo mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Sankofa I: A matriz africana no mundo**. São Paulo: selo negro, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Sidney de Paula. **O Estatuto da Igualdade Racial**. São Paulo: Selo Negro, 2013.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural**: Uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021.

_____. **Iniciação aos Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Abya Yala, 2020.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MUSTAFÁ, Izani Pibernat; SILVA, Gessiela Nascimento da. Análise Audioestrutural do Podcast: uma proposta metodológica para formatos sonoros. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 8, p. 158-166, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60148/35082>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SANTOS, Céres; GUENA, Márcia. Expulsão do racismo estrutural da comunicação: da utopia à realidade. **Extraprensa**, São Paulo, v.15, n. esp., p.119-135, mai. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/clien/Downloads/194387-Texto%20do%20artigo-558034-2-10-20220531.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada**: Um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SCHMITZ, Aldo Antonio. Fontes de notícia: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SEPULVEDA, Lucas Afonso. Um jornalismo sem raça? O inteligível e enlutável na cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre violência policial. São Paulo, n. 51, p. 241-255, maio/ago. 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/clien/Downloads/1615-4913-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/clien/Downloads/1615-4913-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 07 abr. 2023.

SILVA, Tarcízio. Teoria Racial Crítica e a Comunicação Digital. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais**: Olhares Afrodiaspóricos. SILVA, Tarcízio (Org.). LiteraRUA, 2020.

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Vozes Femininas nas mídias sonoras: intersecções entre trabalho e relações de gênero. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, MarianaMG*, v. 13, n. 01, p. 69-96, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/5361/5037>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SILVA, Gessiela Nascimento da. As fontes no Podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural. 2022. 134f. Dissertação de Mestrado (Programa de

Pós-Graduação em Comunicação), Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022. Disponível em:

https://www.ppgcom.ufma.br/wp-content/uploads/2022/09/Dissertacao_GessielaNascimento.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Vozes Femininas nas mídias sonoras: intersecções entre trabalho e relações de gênero. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana - MG, v. 13, n. 01, p.69-96, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/5361>. Acesso: 24 jul. 2023.

STERNE, J. FCJ-087 The Politics of Podcasting - The Fibreculture Journal : 13. **The Fibreculture Journal** : 13, 13 dez. 2008.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã José Vaz. Categorização de podcast no Brasil: Uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. In: **XIII Encontro Nacional de História da Mídia**, Juiz de Fora, P. 1-16, 2021.

VIANA, Luana. Podcasting e a nova ecologia de mídia. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

VIANA, Luana. Desafios metodológicos em pesquisas de rádio e mídia sonora: a análise crítica da narrativa em podcasts como abordagem emergente. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0713202208565362ceb30551c67>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VIGOYA, Mara Viveros; PINHO, Osmundo. Interseccionalidade. In: **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex. (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2023.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.